



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRA**

ROSIVAN NUNES GUIMARÃES

**QUE ACOLHIMENTO É ESSE?
MIGRANTES VENEZUELANOS NA ESCOLA ESTADUAL MARIA DAS DORES
BRASIL DE BOA VISTA – RR**

**BOA VISTA, RR
2023**

ROSIVAN NUNES GUIMARÃES

QUE ACOLHIMENTO É ESSE?

**MIGRANTES VENEZUELANOS NA ESCOLA ESTADUAL MARIA DAS DORES
BRASIL DE BOA VISTA – RR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociedade e Fronteiras, na Área de Concentração Sociedade e Fronteira na Amazônia.

Orientador:

Prof. Dr. Adrián Padilla Fernández

BOA VISTA, RR

2023

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

G963q Guimarães, Rosivan Nunes.
Que acolhimento é esse? : migrantes venezuelanos na Escola Estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista - RR / Rosivan Nunes Guimarães. – Boa Vista, 2023.
102 f.

Orientador: Prof. Dr. Adrián Padilla Fernández.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras.

1 – Educação. 2 – Migração. 3 – Interculturalidade. 4 – Acolhimento.
I – Título. II – Padilla Fernández, Adrián (orientador).

CDU – 325.14:37-054.72

ROSIVAN NUNES GUIMARÃES

QUE ACOLHIMENTO É ESSE?

**MIGRANTES VENEZUELANOS NA ESCOLA ESTADUAL MARIA DAS DORES
BRASIL DE BOA VISTA – RR**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociedade e Fronteiras, na Área de Concentração Sociedade e Fronteira na Amazônia, defendida em 29 de setembro de 2023 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Adrián Padilla Fernández
(Presidente/Orientador)

Profa. Dra. Norah Gamboa Vela
(Membro Externo Titular - UNESR-Venezuela)

Profa. Dra. Márcia Maria de Oliveira
(Membro Interno Titular - UFRR/PPGSOF)

À minha esposa, Cintia Freitas Casimiro.

Aos meus filhos, Vitor Lucas e Luiz Eduardo.

À minha mãe, Selma Caitano Nunes.

Ao meu pai, Zedequias Rufino Guimarães (in memoriam).

À minha sogra, Rita de Cassia Freitas Casimiro.

As minhas irmãs e irmãos, Larissa, Lilá, Fernando, Leonardo e Robson.

AGRADECIMENTOS

“Nenhum dever é mais urgente que agradecer.” (James Allen)

Gostaria de agradecer primeiramente à Deus. Foi pela infinita graça, amor e misericórdia d’Ele que cheguei até este momento. Gratidão!

Não poderia deixar de agradecer ao Doutor Adrian José Padilla Fernandez, meu orientador, meu amigo. Não tenho nenhuma dúvida que não teria finalizado todos os processos sem suas orientações, sua parcimônia, dedicação, resiliência e compreensão. Muitos foram os percalços e as atribulações durante o processo da pesquisa, não fosse pelo orientador que divinamente como um anjo suportou as pressões por quais tive que inevitavelmente passar, com certeza não teria conseguido cumprir a missão.

Minha esposa, minha companheira, minha amiga, minha confidente, meu alicerce, minha inspiração Cintia Freitas Casimiro. Não poderia deixar de te agradecer por todos os conselhos, pelas noites em claro, pelas consultas, pelos incentivos e por toda a ajuda que indubitavelmente me deu forças para que pudesse chegar até aqui.

Ao eterno professor e amigo Manoel Lobo, um grande incentivador, com quem tive a honra de compartilhar conhecimentos, e que me ajudou no momento que mais precisei, o senhor é parte dessa história.

A todos os professores, coordenação e equipe técnica do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS que contribuíram compartilhando conhecimentos, que sempre dispensaram um atendimento humanizado e cuidadoso, vocês são parte importante dessa história.

RESUMO

A corrente migratória oriunda da Venezuela ocorrida após implicações políticas de causas multifatoriais tem evidenciado uma preocupação no contexto dos serviços de educação, em especial nas relações do discente migrante nas estruturas educacionais, com os atores que compõe todo o sistema de ensino local. Assim, essa pesquisa tem como objetivo geral compreender o processo do acolhimento de discentes venezuelanos em uma escola estadual de Boa Vista/RR à luz das implicações socioculturais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que se apoiou nos recursos metodológicos da História Oral, para documentar no contexto migratório os relatos de pessoas ou grupo de pessoas referente as suas experiências de vida, que se desenvolveu em um espaço educacional da escola estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista, Roraima. Os participantes da pesquisa foram os docentes e discentes de nacionalidade brasileira, discentes oriundos da Venezuela e a coordenação da escola. Os pesquisados foram abordados e, mediante aceite em participar do estudo, foram submetidos a uma entrevista semiestruturada, que após a materialização das informações coletadas, foi realizado a análise. Os resultados da pesquisa de campo constataram que a implementação do acolhimento para alunos migrantes e dos processos que envolve as interações socioculturais se dão de maneira fragmentada, podendo ser melhoradas com discussões, debates e ações que levem em consideração a interculturalidade e compreendam os sujeitos discentes como protagonistas dessa mudança.

Palavras-chave: Educação. Migração. Interculturalidade. Acolhimento.

ABSTRACT

The migratory current from Venezuela that occurred after political implications of multifactorial causes has highlighted a concern in the context of education services, especially in the relationships between migrant students in educational structures, with the actors that make up the entire local education system. Thus, this research has the general objective of understanding the process of welcoming Venezuelan students into a state school in Boa Vista/RR in light of the sociocultural implications. This is a qualitative research, which was based on the methodological resources of Oral History, to document in the migratory context the reports of people or groups of people regarding their life experiences, which was developed in an educational space at the state school Maria das Dores Brasil de Boa Vista, Roraima. The research participants were teachers and students of Brazilian nationality, students from Venezuela and the school coordination. Those surveyed were approached and, upon acceptance to participate in the study, were subjected to a semi-structured interview, which, after the materialization of the information collected, was carried out for analysis. The results of the field research found that the implementation of reception for migrant students and the processes involving sociocultural interactions occur in a fragmented manner, and can be improved with discussions, debates and actions that take into account interculturality and understand the student subjects as protagonists of this change.

Keywords: Education. Migration. Interculturality. Reception.

RESUMEN

La corriente migratoria proveniente de Venezuela que se dio tras implicaciones políticas de causas multifactoriales ha puesto de relieve una preocupación en el contexto de los servicios educativos, especialmente en las relaciones de los estudiantes migrantes en las estructuras educativas, con los actores que integran todo el sistema educativo local. Así, esta investigación tiene el objetivo general de comprender el proceso de acogida de estudiantes venezolanos en una escuela pública de Boa Vista/RR a la luz de las implicaciones socioculturales. Se trata de una investigación cualitativa, que se basó en los recursos metodológicos de la Historia Oral, para documentar en el contexto migratorio los relatos de personas o grupos de personas sobre sus experiencias de vida, la cual se desarrolló en un espacio educativo de la escuela estatal Maria das Dores. Brasil de Boa Vista, Roraima. Los participantes de la investigación fueron docentes y estudiantes de nacionalidad brasileña, estudiantes de Venezuela y la coordinación escolar. Los encuestados fueron abordados y, al aceptar participar en el estudio, fueron sometidos a una entrevista semiestructurada, que, luego de la materialización de la información recolectada, se realizó para su análisis. Los resultados de la investigación de campo encontraron que la implementación de la acogida de estudiantes migrantes y los procesos que involucran interacciones socioculturales ocurren de manera fragmentada, y pueden mejorarse con discusiones, debates y acciones que tengan en cuenta la interculturalidad y comprendan a los sujetos estudiantes como protagonistas de este cambio.

Palabras clave: Educación. Migración. Interculturalidad. Recepción.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FENÔMENO DA MIGRAÇÃO E O EIXO VENEZUELA-RORAIMA	18
3 MOBILIDADE HUMANA E CAPITALISMO GLOBAL	26
4 O ACOLHIMENTO NAS ESCOLAS	31
5 IDENTIDADE, DIFERENÇA E INTERCULTURALIDADE NA MOBILIDADE HUMANA	44
6 AS VOZES DOS SUJEITOS DE ACOLHIDA E ACOLHIMENTO	55
6.1 O SIGNIFICADO DE ACOLHIMENTO PARA OS ALUNOS, ESCOLA E PROFESSORES	55
6.2 A INTERAÇÃO DOS ALUNOS MIGRANTES COM OS DEMAIS ATORES DA REDE DE ENSINO	62
6.3 INSERÇÃO DO ALUNO MIGRANTE NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO	70
6.4 ESTRATÉGIAS PARA MELHORAR A INCLUSÃO DO ALUNO VENEZUELANO	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICE A	90
APÊNDICE B	91
APÊNDICE C	92
APÊNDICE D	93
APÊNDICE E	94
APÊNDICE F	96
APÊNDICE G	98
APÊNDICE H	100
ANEXO A	102
ANEXO B	103

1. INTRODUÇÃO

Uma importante crise de ordem multifatorial que tem lugar na Venezuela nos últimos anos e desencadeou, a partir de 2015, uma migração significativa de uma parte de seu povo, refletiu-se na entrada inesperada de um número considerável de migrantes venezuelanos em Pacaraima, município de Roraima que faz fronteira com a cidade venezuelana Santa Elena de Uairén. Os venezuelanos também têm se concentrado na cidade de Boa Vista, capital de Roraima, localizada aproximadamente 214 quilômetros de Pacaraima.

É necessário considerar um intercurso histórico para conhecer a respeito da complexa crise na Venezuela. Nesse contexto, as dinâmicas geopolíticas estão relacionadas a essas movimentações que alteraram o cenário socioeconômico local e tem relação direta com os deslocamentos observados por todos os meios de comunicação.

As organizações internacionais, como o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)¹ e a Organização Internacional de Migração (OIM)², em parceria com instituições federais, como a Polícia Federal e o Exército Brasileiro, tem recepcionado e organizado aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade em abrigos e concedido visto sob alegação de refúgio, bem como vacinando e direcionando para outros tipos de atendimentos.

Devido a esse fluxo migratório, evidentemente, o Estado de Roraima tem um impacto no que se relaciona a preparação para o atendimento dos serviços que compreendem, principalmente, a educação e a saúde. É notório que com esse trajeto de deslocamento de migrantes do país vizinho, as organizações sociais, políticas e econômicas deveriam passar por alterações e adaptações. Tratando-se dos serviços de educação, o qual se apresenta aqui como parte do objeto-processo de estudo, há uma preocupação de como ocorre as relações do discente migrante nas estruturas educacionais, com os atores que compõe todo o sistema de ensino local, seja ele um aluno brasileiro, um funcionário da administração escolar ou o docente que atua em sala de aula, ministrando disciplinas.

¹ O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados segundo estatuto próprio, atua sob a autoridade da Assembleia Geral e tem como objetivo proporcionar proteção internacional o apoio financeiro material e técnico por meio das Nações Unidas, para todos os refugiados que se encontrem nas condições dispostas no Estatuto da ACNUR (ACNUR, 1950).

² A Organização Internacional para as Migrações foi fundada em 1951 e é considerada uma organização intergovernamental que atua em colaboração com parceiros governamentais, intergovernamentais e não governamentais. Trabalha com o princípio de que a migração humana organizada beneficia tanto migrantes quanto a sociedade (OIM, 2019).

E nessa perspectiva há uma inquietação sobre a prática do acolhimento neste cenário, no contexto do Estado Roraima, exclusivamente o nicho que compreende o ensino médio das escolas da capital Boa Vista, o que me faz realizar alguns questionamentos: É possível que este fator do acolhimento, entendido como o suprimento das necessidades que estes alunos possuem, possa interferir na qualidade do ensino-aprendizagem? Quais seriam as implicações do acolhimento para a vida estudantil dos alunos migrantes? Considera-se a questão da diversidade cultural quando se realizam as ações e planejamento do acolhimento? Como seria a participação dos atores da comunidade escolar frente a toda esta problemática?

É neste contexto, do alto fluxo de migração venezuelana, na prestação dos serviços públicos de ensino, com foco na busca de dados sobre a relação que estabelece a comunidade escolar com os alunos migrantes e no debate sobre migração e educação, que se orientará o percurso deste trabalho.

Essa dissertação objetivou compreender o processo do acolhimento de discentes venezuelanos na escola estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista/RR à luz das implicações socioculturais, no que relaciona o indivíduo na sala de aula e seu processo de ensino-aprendizagem, e em seus objetivos específicos buscou analisar as formas e os processos de como ocorre o acolhimento aos estudantes migrantes no âmbito educacional; averiguar como a instituição escolar se posiciona em relação aos processos de acolhimento aos alunos migrantes; conhecer a perspectiva do migrante sobre o acolhimento na escola; e investigar como o professor trabalha o acolhimento com alunos migrantes.

O fluxo crescente de migrantes venezuelanos no sistema de ensino de Boa Vista vem refletindo numa constante preocupação na práxis docente. Sendo observado vários desafios durante as jornadas de trabalho, a saber: conhecer e assimilar a cultura local; compreensão dos assuntos abordados no idioma não familiar; a promoção de um relacionamento interpessoal com todos os agentes que compõem as dinâmicas educativas, entre outros.

Diante das dificuldades percebidas na rede estadual de ensino de Boa Vista, capital de Roraima, sabendo que todo o processo de aprendizagem requer esforço e dedicação e levando em conta essa inserção dos migrantes nas redes de ensino que representa um momento crítico e delicado, surgiu uma inquietação que nos conduz a refletir sobre a importância da prática do acolhimento no ambiente escolar a partir de todos os atores que a compõem, com vistas a fomentar o sucesso da práxis adotada pelos docentes e a participação múltipla da comunidade escolar.

Na formação de licenciatura em sociologia um dos objetivos é o exercício de examinar, categorizar, bem como compreender os fenômenos sociais. Nesse sentido, é de nosso interesse

refletir sobre os deslocamentos populacionais, oriundos da Venezuela, correlacionados a migração venezuelana como um fato social relevante, o qual pode contribuir para as dinâmicas da academia e da sociedade em geral.

Como docente da disciplina de sociologia nas escolas do Estado de Roraima em Boa Vista, recebo constantemente alunos migrantes da Venezuela. Essa realidade tem gerado uma preocupação de como apresentar uma alternativa satisfatória para os anseios desses discentes, tornando-se a tônica deste trabalho. Entende-se que o processo de inclusão é sempre muito complexo, pois envolve questões múltiplas, como o desconhecimento de políticas públicas que retratem essa temática, a percepção desses discentes migrantes sobre as dificuldades no que concerne a sua adaptação, seja por conta do idioma, da cultura, ou no processo de interação com alunos brasileiros, professores e demais profissionais da escola.

Consideramos que a ação de “acolher” não tem só um momento específico para acontecer, nem depende exclusivamente de um agente. Esse referido acolhimento trata-se do compromisso de resposta às necessidades do aluno migrante. Está na forma que se organiza a escola enquanto gestão, a qual deve construir um espaço plural e acolhedor, na relação que estabelece o aluno brasileiro com o aluno migrante e na práxis do professor, desde o momento que inicia até o encerramento de suas aulas, sempre levando em consideração a presença de discentes que estão iniciando suas vidas numa cultura, país e língua diferentes.

A realização deste estudo acerca do acolhimento aos discentes migrantes no contexto escolar contribui na compreensão da realidade vivenciada pelos diferentes atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem diante do fenômeno social aqui discutido, além de conhecer como ocorrem as interações e inclusão desses alunos. Com isso, é possível fomentar a utilização de recursos pedagógicos em todo o ambiente escolar, assim como contribuir de forma efetiva para a prática do professor, da gestão escolar, do relacionamento interpessoal de estudantes brasileiros e venezuelanos, na melhora da práxis, bem como no processo de inclusão desses discentes migrantes tornando o espaço plural, harmonioso e saudável, longe de práticas que remetam ao tratamento xenofóbico e ao *bullying*. Ressalta-se, ainda, que os resultados obtidos nessa pesquisa podem servir de apoio como aporte científico e social oportuno para alinhar conhecimento teórico e prático.

Quanto à orientação metodológica, trata-se de uma pesquisa qualitativa, que se apoiou nos recursos metodológicos da História Oral, para documentar no contexto migratório os relatos de pessoas ou grupo de pessoas referente as suas experiências de vida (OLIVEIRA; OLIVEIRA; CORREA, 2021), o qual foi desenvolvido na escola estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista, Roraima. A metodologia adotada é fundamental para realização deste

estudo, pois envolve diversos sujeitos com suas singularidades e particularidades no universo que compõe o conjunto da comunidade escolar em uma instituição de ensino, é uma forma eficiente de captar dos sujeitos que fazem parte da pesquisa todas as suas manifestações pessoais e coletivas que diz respeito às suas experiências, impressões e sentimentos acerca do fenômeno do acolhimento que tem implicações socioculturais, no contexto de migração. Sobre o método da história oral pontua Lozano (2006, p. 16-17):

É antes um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso, conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição das fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dinamam do interior mais profundo da experiência dos atores sociais.

Ressalta-se que uma gama de cientistas das áreas de humanas reputa na evidência oral uma fonte de grande relevância como método da qual dispõe o pesquisador para construção da percepção, no tempo e no espaço, da experiência humana especialmente dos grupos sociais em que a oralidade se mantém em vigência. Nesta produção, os conhecimentos históricos além de válidos são essencialmente ricos e atuais uma vez que envolve reflexão teórica, trabalho empírico e de campo, maior ligação e vínculo com os sujeitos estudados. (LOZANO, 2006).

O desafio da aplicabilidade da história oral está justamente na produção da interlocução que por maestria abandona posições individuais para dar lugar ao diálogo e ao esforço do trabalho em conjunto. As inspirações iniciais do método da história oral, ainda são o cerne da cadência que aponta a referência a ser seguida, é o horizonte que alicerça a base da pesquisa e constrói com muitos reforços e riquezas de informações todas as questões relacionadas aos sujeitos da pesquisa. Para “Filipe Joutard (2000) é preciso saber respeitar três fidelidades à inspiração original: ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; trazer à luz as realidades "indescritíveis", quer dizer, aquelas que a escrita não consegue transmitir; testemunhar as situações de extremo abandono”.

A experiência do diálogo conduz para riqueza de informações e testemunhos que muitas vezes passam despercebidas nas documentações escritas. É por meio da oralidade que se torna evidente e compreensivo as circunstâncias nas tomadas de decisões; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional. Para as professoras Senna e Matos (2011) a história oral não se trata somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou

social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não.

Por definição é importante e necessário pontuar que nesta pesquisa, a história oral trata-se de uma técnica e um método de pesquisa conforme Freitas (2006) se utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana com recursos eletrônicos, a história oral é técnica e fonte, por meio das quais se produz conhecimento. Para Senna e Matos (2006, p. 3):

Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos.

Cada ser histórico carrega consigo suas impressões e singularidades que estão entrelaçadas com o meio em que está inserido, suas percepções são abstraídas diretamente da realidade, o depoente emite suas compreensões do mundo em sua volta e assim contribui para elucidação parcial ou total da conjuntura de acontecimentos de um dado momento. Por esta razão esta pesquisa se utiliza deste método e das técnicas que compreendem as fontes da história oral.

O cenário da coleta dos dados foi a escola Maria das Dores Brasil da sede de Boa Vista, por se encontrar próximo ao abrigo do bairro 13 de Setembro para migrantes venezuelanos administrado pela operação acolhida. Destaca-se que de acordo com o Inepdata (2021), em Boa Vista há 30 escolas públicas de ensino médio situadas na zona urbana. Essas escolas estão sob a administração da Secretaria Estadual de Educação e Desporto (SEED) no âmbito do Governo de Roraima.

Aplicou-se a técnica da entrevista semi-estruturada mediante a utilização de um instrumento com perguntas abertas. As entrevistas foram aplicadas para grupos distintos: no primeiro momento focava na experiência dos alunos migrantes e brasileiros na comunidade escolar com base nos processos relacionados ao acolhimento, com vistas a apontar suas impressões, sentimentos e perspectivas a respeito do acolhimento; em um segundo momento, para o profissional de educação, o diálogo foi percorrido no sentido de apontar sobre a práxis docente na implementação de ações que visam incluir o aluno migrante no conjunto das interações correlacionadas ao processo de ensino aprendizagem, reiterando como o docente aborda os processos de acolhimento nos momentos de aula; em um terceiro momento, para o diálogo, o coordenador educacional como representante da instituição de ensino foi

entrevistado, apontando como a escola entende os processos de acolhimentos, e quais suas impressões acerca daquilo que é planejado e implementado no conjunto das ações no âmbito escolar.

Como critérios de inclusão, foram considerados: coordenador escolar atuando nessa função em escola estadual de Boa Vista há mais de 12 meses, docentes atuando nessa função em escolas estaduais de Boa Vista há mais de 12 meses, discentes brasileiros e venezuelanos matriculados no respectivo ano letivo na escola sorteada. E como critérios de exclusão: membros da equipe gestora e docentes que estiverem de licença/atestado médico, alunos que se evadiram e alunos de atestado médico no período da coleta de dados.

Sobre a parte de transcrição do material aponta Matos e Senna (2011, p. 104-105):

Quanto à fase de transcrição, algumas regras devem ser observadas:

- A transcrição deve ser feita pelo próprio entrevistador, o quanto antes;
- As passagens pouco audíveis devem ser colocadas entre colchetes;
- As dúvidas, os silêncios, assinaladas por reticências;
- As pessoas citadas, designadas por iniciais (se necessária);
- As palavras em negrito serão as de forte entonação;
- Anotações como risos devem ser grifadas;
- Subtítulos para facilitar a leitura;
- Os erros flagrantes deverão ser corrigidos: datas, nomes próprios etc.

Ao passar por esse tipo de transcrição, as entrevistas poderão servir de fonte para outros pesquisadores, a fita de gravação deve ser guardada jamais destruída, pois o documento original que se deve consultar.

Para tanto, foi utilizado um gravador de voz, o qual foi autorizado pelo pesquisado mediante assinatura do Termo de Gravação de Voz. De posse das informações coletadas, foi realizado a transcrição literal das narrativas dos entrevistados, seguindo assim para a análise sob diferentes pontos de vistas, emitiram-se observações e conclusões.

Participaram da pesquisa 18 (dezoito) estudantes, sendo 08 venezuelanos e 10 brasileiros, 07 (sete) professores e uma coordenadora da escola. As entrevistas abertas e semiestruturadas permitiram resgatar narrativas que apresentam os processos e as formas de acolher o discente migrante em Boa Vista-RR.

Para tanto, este trabalho foi dividido em cinco capítulos de acordo com a seguinte ordem temática: Fenômeno da Migração e o Eixo Venezuela-Roraima; Mobilidade Humana e capitalismo global; Acolhimento nas escolas; Identidade, diferença e interculturalidade na mobilidade humana; e as Vozes dos sujeitos de acolhida e acolhimento.

No capítulo 2 é realizado uma abordagem sobre as migrações, a escola e suas implicações. A conceituação do fenômeno migratório nesta parte teórica tem como contribuições as referências da Professora Dra. Marcia Maria Oliveira, o Doutor em Geografia

Claudeci Pereira Neto. A colaboração dos teóricos Dr. Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira e o Prof. Dr. Adrian José Padilla Fernández, pontuam sobre o contexto histórico ligado a crise multifatorial que está no cerne dos deslocamentos das migrações venezuelanas. O relatório da ONG (SURES) aponta outras perspectivas a respeito da crise política no cerne dos deslocamentos oriundos da Venezuela. Para o entendimento da dimensão estatística do fluxo migratório relacionado aos deslocamentos dos venezuelanos, a obra traz o relatório atualizado da Operação Federal Acolhida. Ainda na primeira parte do trabalho, a reflexão sobre mobilidade humana conta com as contribuições do sociólogo Abdelmalek Sayad, a socióloga Saskia Sassen e o Dr. Adrián José Padilla Fernández. Finalizando com a discussão sobre os processos de acolhimento no âmbito educacional e no contexto da migração, as quais visam aprofundar o conceito de acolhimento ponderando as experiências, observações e análises. Ampliando estes conhecimentos, o trabalho conta com os autores Rodrigo Lages e Silva *et al* (2018), a Dra. Tânia Tonhati, o Dr. Cláudio Marques da Silva Neto, e colaboradores.

O terceiro capítulo, por sua vez, apresenta uma abordagem teórica mais profunda que tem como questões principais a compreensão dos processos que envolve os deslocamentos humanos nas visões de Sayad, Saskia Sassen, Adrián José Padilla Fernández com outras contribuições a fim de compreender como a crise multifatorial na Venezuela que iniciou o processo de deslocamento de migrantes para o estado de Roraima.

No quarto capítulo, um apanhado teórico reúne diversas práticas e ações realizadas em diferentes locais de fronteira no Brasil que têm suscitado experiências exitosas no que tange o contexto de acolhimentos de migrantes nas escolas do país. Para estas incursões, diversos autores são evocados, contribuem para este capítulo Dalila Andrade de Oliveira, Sergio Haddad, Filomena Siqueira entre outros colaboradores.

Já no quinto capítulo, o debate se concentra no campo das discussões sobre a diversidade, interculturalidade, identidades e diferença. As principais contribuições e esclarecimentos no tocante as problemáticas no âmbito educacional levam em conta as particularidades dos sujeitos migrantes que assim como os povos indígenas e diversos outros grupos da diversidade social, enfrentam as barreiras impostas pelo mundo moderno que condiciona e engessa a sociedade nas práticas de reproduções de diversas formas de violência e intolerância conforme as abordagens do professor e escritor Daniel Munduruku. Neste referido capítulo, destaca-se as abordagens sobre a crise de identidade, o entendimento da educação como processo sociopolítico que supera e rompe por meio do pensamento crítico os modelos de reprodução opressor, análise feita pelo educador e cientista Paulo Freire, e completando esta parte do trabalho as contribuições da pesquisadora Vera Maria Ferrão

Candau, a professora Catherine Walsh, o professor universitário José Gimeno Sacristán, o sociólogo Stuart Hall e demais colaboradores.

O sexto capítulo apresenta as reflexões relacionadas as problematizações oriundas da aplicação da pesquisa em campo, ocorrida na Escola Maria das Dores Brasil, realizada na cidade de Boa Vista-RR. A questão do acolhimento que é dispensado ao discente e a forma como a instituição se organiza neste contexto bem como a perspectiva que espera o aluno migrante em relação aos processos de acolhimento, é o objeto central de discussão com autores, professores e cientistas nesta referida etapa. No sétimo apresentamos nossas reflexões finais.

2 FENÔMENO DA MIGRAÇÃO E O EIXO VENEZUELA-RORAIMA

O fenômeno da migração tem origem tão antiga quanto a história da humanidade, quando era estabelecida uma relação primitiva com a terra no período da antiguidade, quando se precisava coletar e caçar; o deslocamento humano ou a migração era a condição importante para o sucesso na busca de terras que proporcionasse mais alimentos, animais e frutas (PEREIRA NETO, 2019).

Para o conceito de migração não existe um consenso entre os pesquisadores, suscitando assim grandes debates, sempre dependendo da causa, característica que se dá o processo dos deslocamentos estudados. Por exemplo, ao localizar o fenômeno no território amazônico Oliveira (2016, p. 3) afirma que:

Partimos do pressuposto de que a dinâmica migratória também representa uma importante chave representativa e interpretativa da Amazônia e que os migrantes contribuem com a formação do mosaico da socio diversidade desta região de “mil rostos” em uma miscelânea de culturas, experiências e subjetividades trazidas e levadas nos itinerários migratórios. Observando tais mudanças e analisando as chegadas e as saídas de milhares de pessoas, em um contexto que denominamos de intensa mobilidade e permanentes deslocamentos humanos, optamos por dar maior ênfase aos sujeitos ou pessoas em situação de migração, recolhendo deles e delas as pistas para analisar essa sociedade, marcada por profundas mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais.

O fenômeno migratório tem implicações múltiplas e complexas, os processos que envolvem o contexto que diz respeito aos deslocamentos e podem ser provocados por uma série de fatores, e apresentam relações com fatores econômicos, sociais, culturais ou naturais.

A migração é uma ação que acontece num contexto social complexo que provoca transformações, dentre os vários tipos de migração, destaca-se o fluxo de deslocamentos compulsórios. Nestes casos, a impossibilidade de permanência em um espaço, conduz o indivíduo à migração e o torna suscetível a violência “simbólica” e concreta, em todas as proporções de sua realidade (OLIVEIRA, 2016).

O ato de migrar têm encontrado nos últimos tempos, a observação com preocupação dos veículos de comunicação, seja esse veículo a televisão ou a internet. As informações provenientes desse conjunto de notícias disseminam para população uma série de anúncios e condições negativas acerca dos movimentos migratórios. Tal condição, direciona a população para aquilo que podemos chamar de pânico ou pavor da sociedade que recebe apreensivamente e com temor uma espécie de ameaça moral ou o fim do modo de vida ou do bem-estar social. Sobre essa apreensão relacionadas ao movimentos e crises migratórias, surgem então aqueles

que apresentam suas posições e convicções que possuem a tendência de subjugar o comportamento e as ações dos sujeitos que passam por esses deslocamentos, contribuindo assim no seio da sociedade, o sentimento de aversão ao migrante. Para Zygmunt Bauman (2016, p. 4) essas interações são de grande preocupação:

En el momento en que escribo estas palabras, otra tragedia —nacida de la despreocupación insensible y de la ceguera moral— aguarda su turno para golpearnos. Son crecientes las señales de que la opinión pública, confabulada con unos médios ansiosos de audiencia, se está acercando, sin prisa pero sin pausa, al punto de «cansarse de la tragedia de los refugiados». Niños ahogados, muros erigidos precipitadamente, vallas con concertinas, campos de concentración atestados, gobiernos que compiten entre sí por rematar una desgracia —como es ya de por sí la de exiliarse, escapar por los pelos de una situación mortífera y correr los atosigadores peligros de ese viaje para ponerse a salvo— y que además tratan a los migrantes como si fueran patatas calientes que pasarse unos a otros: todas estas indignidades morales no solo son cada vez menos noticia, sino que salen cada vez menos «en las noticias». Y es que, por desgracia, el destino de las grandes conmociones es terminar convertidas en la monótona rutina de la normalidad, y el de los pánicos morales es consumirse y desvanecerse de nuestra vista y de las conciencias, envueltos en el velo del olvido.

As consequências do fenômeno migratório ganham cada vez mais a preocupação de pesquisadores que buscam respostas para a complexidade e as implicações com a mobilidade humana, sobre seus impactos na sociedade, bem como a forma com que os sujeitos que fazem parte de uma determinada diáspora que se encontram em uma retomada ou reconstrução de suas vidas em um novo lugar. Assim como para o cientista que busca investigar o fenômeno dos deslocamentos, os veículos de comunicação também apontam seus direcionamentos que repercute diretamente na formação da opinião pública.

A concepção que forma a sociedade a partir das informações adquiridas dos meios de comunicação a respeito da migração tem forte impacto social, o pavor difuso deixa a sociedade mais aut centrada e instável, as consequências desse tipo de dinâmica social é a imediata busca por segurança, isolamento, distanciamento do sujeito diferente, e a fugacidade de relações que são contaminadas com as opiniões noticiadas, as sociedades não suportam a ideia de relacionar-se com o migrante, tornando assim as relações mais líquidas (BAUMAN, 2016).

A onda migratória venezuelana tem como pano de fundo um longo processo de construção histórica. É importante salientar que antes do que se tem definido como atual crise humanitária, a Venezuela viveu bons momentos de ascensão econômica e social, a maior parte desse período no governo de Hugo Chávez de 1999 a 2013. Com uma economia altamente dependente do petróleo, momento em que o barril de petróleo atingia as cifras de cem dólares, foi possível custear programas de transferência de renda, moradias de casas populares, financiar ainda a saúde e a educação do povo (OLIVEIRA, 2019).

É importante salientar que na história do Brasil se registram importantes fluxos migratórios desde a formação do país como estado-nação, migrantes que chegaram de outras nações para ajudar na construção do país, a exemplo das migrações ocorridas a finais do século XIX e início do século XX com os japoneses que se deslocaram por conta da crise econômica, os europeus se moveram por conta das guerras ou os chilenos por conta da instabilidade política (ALVES, 2021).

Para entender a crise na Venezuela é preciso compreender dois fatores principais: a morte do presidente Hugo Chávez (05-03-2013), que representa a ausência do líder fundamental do projeto bolivariano, e a queda no preço da *commodity* venezuelana, que é o barril de petróleo. Essa problemática, com a falta de recursos para investimentos em programas sociais e de transferência de renda, alimento escasso e altos índices inflacionários, apresentou-se como um grande impacto na vida dos cidadãos venezuelanos (OLIVEIRA, 2019).

Há, porém, outras análises acerca da crise na Venezuela que relacionam esse processo de adversidade vivida pelo país vizinho ao Brasil às questões geopolíticas e hegemônicas. A ligação da crise com o tema petrolífero é uma pista muito forte para entender os problemas que enfrentam os venezuelanos, a importância desta condição da Venezuela como um dos principais países produtores de petróleo no mundo é imprescindível para o entendimento das múltiplas implicações acerca da crise nesse país. Segundo Fernández (2019, p. 5):

Si nos colocamos en la dimensión de la energía podemos afirmar que el siglo XX definitivamente es el siglo del petróleo. Ya que en este período el desarrollo tecnológico industrial se va a sustentar en los hidrocarburos generando gran actividad económica en torno a la explotación petrolera, la cual adquiere una importancia estratégica en la esfera de la geopolítica. En el despliegue de la primera gran guerra europea el petróleo se convirtió en un material estratégico para el accionar el transporte como camiones, tanques, buques de guerra y aeroplanos.

Segundo o repórter Diego Pardo (2019) nas décadas de 50 a 80 a Venezuela chegou a ser um dos países mais ricos da América Latina, dando inveja a seus vizinhos. Recebia inclusive a alcunha de “Venezuela Saudita” em comparação a Arábia Saudita e em função da riqueza de petróleo em seu território. A capital Venezuelana era considerada muito moderna para época, diversos prédios altos, amplas rodovias, hotéis de luxo considerados paraísos tropicais, e os venezuelanos possuíam ainda o status de maiores consumidores de uísque do mundo³.

Importante lembrar que na era Gómez (no começo do século XX), o país fez aberturas para empresas petrolíferas britânicas e norte-americanas, sendo fundamentalmente importante

³ (PARDO, Diego. Como era a ‘Venezuela Saudita’, um dos países mais ricos dos anos 50 e 80. BBC NEWS BRASIL. 02 de março, 2019. Disponível em: <https://bbc.com/portuguese/internacional>)

no abastecimento de países industrializados. No ano de 1928, o fornecimento de petróleo da Venezuela atingiu as cifras de quase um terço do total produzido pela Shell, Gulf e mais de cinquenta por cento da *Standard of Indiana* (FERNANDEZ, 2019).

Um boletim de conjuntura da indústria do petróleo (EPE 2018) indica que na segunda parte de 1960, a Venezuela encontrava-se em posição de grande destaque na produção petrolífera atingindo a 3º posição de maior produção do combustível fóssil do planeta. Após 40 anos, a República Bolivariana da Venezuela se tornou o maior proprietário da reserva mundial de petróleo. Porém, as dificuldades relacionadas a indústria direcionaram o país para uma forte queda de produção. As sanções internacionais levaram a restrições de crédito o que vem inviabilizando a reestruturação da indústria petrolífera.

A construção cultural, política e econômica na Venezuela seguiu ao mesmo passo que se implantava os campos de petróleo norte-americanos, e as dinâmicas de consumo e produção eram permanentemente influenciadas por estes fatores. Seguindo essa lógica, Fernández (2019, p. 7) afirma:

[...] El sector agrícola tendió a crecer a ritmo inferiores a los de otras ramas de la economía nacional, también hubo un relativo estancamiento del mundo rural que puede relacionarse con la migración masiva del campo a las ciudades. Por otro lado, la consolidación de la actividad petrolera favoreció el establecimiento de diversas empresas estadounidenses que se presentan en su condición de grupos monopólicos que acaban controlando la vida económica del país.

A posição norte-americana em pleno século XX numa escala de desenvolvimento mundial, tem cunho imperialista, sobretudo, se levar em consideração a relação financeira estabelecida com a Venezuela onde se constata uma relação de dominação, que Fernández (2019) chamou de “colonização contemporânea”. Evidentemente essa relação econômica implicaria em mudanças importantes para o país caribenho-amazônico como afirma o pesquisador venezuelano:

Ese neocolonialismo del siglo XX en Venezuela tiene un reflejo multidimensional en la configuración de las más diversas dinámicas sociales, políticas y culturales. Las agendas económicas, planes de desarrollo, la cultura política y hasta los modos de consumo responden a los dictámenes de las corporaciones de los conglomerados energéticos, financiero, mediático y del gobierno de los Estados Unidos. (FERNÁNDEZ, 2019, p. 7-8)

Algumas crises diplomáticas envolveram ainda a Venezuela e a Colômbia que é forte aliada dos EUA, o governo norte-americano estava muito insatisfeito com as reformas e as políticas adotadas pelo governo da Venezuela no setor energético. Em 2002 os EUA orquestra um golpe ao então presidente Hugo Chávez, que temendo retaliações e invasões provenientes

do marco divisório do país colombiano aliado de primeira hora com o governo norte-americano leva o Governo de Hugo Chávez a fazer acordos de cooperação militar com a Rússia, mas este movimento ligado a agenda de segurança que visava a proteção dos campos de petróleo venezuelano foram muito além das questões de segurança, por essa razão o governo investiu e investe grande parte de seus recursos nas questões de segurança que é tratada pelos órgãos da imprensa internacional de forma sensacionalista (OLIVEIRA, 2013).

Pontuado a questão da crise multifatorial da Venezuela é importante destacar as implicações políticas. Desde o fim do domínio espanhol no processo de colonização no século XIX, até os dias atuais, o país vem passando por muitas confrontações político-ideológicas. As tensões entre as classes sociais levaram a diversos momentos, sejam eles a guerra federal, rebeliões armadas, locais com tomadas de poder, imposição de regimes ditatoriais ou democracias autoritárias (FERNÁNDEZ, 2019).

Para compreensão dos acontecimentos em relação ao que se passa na primeira metade do século XX na história da política venezuelana, é notório a construção de condições para implementações de ações para democracia, é nesta época que são criadas instituições que contribuíram para que a sociedade lutasse contra as ditaduras, organizações sociais como sindicatos dos professores e sindicato dos trabalhadores petroleiros. Em 1950 a sociedade venezuelana vive intensamente uma resistência com participações da sociedade organizada e de partidos políticos que tinham sido ilegalizados pela ditadura de Pérez Jimenez. Conforme Fernández (2019, p. 9):

En 1958 se llega a un punto de quiebre con la caída del gobierno dictatorial como resultado de la confluencia varios factores. Por un lado, el agotamiento de un régimen negador de los derechos políticos y descontento de algunos sectores del estamento militar. Por el otro, presión política desde los gremios y sindicatos impulsada por Acción Democrática y Partido Comunista. De igual modo, habría que destacar el papel del gobierno de los Estados Unidos interesado en un cambio que no afectara sus inversiones económicas, sobre todo la actividad de las empresas petroleras.

Após um período de luta com resistências a governos ditatoriais, a Venezuela viveu um período de democracia autoritária, com retiradas de direitos sociais, com suspensão de garantias constitucionais, com censuras de partidos e repressões sociais, com aparelhamento dos serviços de segurança públicas que violentamente eram usados para reprimir a sociedade, todas estas práticas como parte da Doutrina de Segurança Nacional, ensinada aos governos latino-americanos na Escola das Américas, centro de formação policial-militar, sediada em Panamá, como parte da política externa dos governos de Estados Unidos. Para Lopes (2016), nesse contexto, a América Latina passou a sofrer uma grande interferência estadunidense, seja

no meio político, econômico ou social. Se os interesses norte-americanos fossem afetados nesses países, ações encobertas e efetivamente diretas podiam ser executadas.

Após as eleições de 1998, Hugo Rafael Chávez Frias obtém a vitória eleitoral com 56% dos votos, em suas ações posteriores há o objetivo de viabilizar a construção de novas bases constitucionais vendo assim a necessidade de refundação da pátria. Todas as execuções de ações governamentais são direcionadas para o reconhecimento legal embasados na nova constituição, e todas as ações entraram em choque com os interesses econômicos e políticos de poderosos grupos de antigos oligopólios venezuelanos que atacavam o governo venezuelano com campanhas antisocialistas através dos veículos utilizados para difundir informações na sociedade. Além disso, o governo bolivariano se posicionou fora da linha de influência dos Estados Unidos, questão que teve resposta do governo nortenho, como é indicado pelo pesquisador venezuelano.

Todo este flujo de cambios y reordenamientos socio-políticos en la región y particularmente en Venezuela va a provocar una reacción de confrontación por parte del gobierno de los Estados Unidos porque afecta directamente una hegemonía construida por más de 100 años de injerencia, influencia y dominación continental (FERNÁNDEZ, 2019, p. 18).

Cabe destacar que na Venezuela, após diversos triunfos em pleitos eleitorais e poucas derrotas desde a eleição de Hugo Chávez em 1998, em 2015 ocorre a derrota nas eleições do bloco de parlamentares dos partidos que apoiavam o governo de Nicolás Maduro para o bloco de opositores da *Mesa de la Unidad Democrática*. O presidente venezuelano reconheceu a vitória em TV estatal, destacou os avanços constitucionais e a democracia, mas ressaltou sobre uma “guerra econômica” como fator decisivo para vitória da oposição no processo eleitoral (JUNIOR; MELO, 2020).

É preciso destacar alguns pontos acerca do uso político e da mercantilização em relação a migração venezuelana, para tanto, relatórios da Ong SURES⁴ (2021) que atua em diversas áreas dos Direitos Humanos, apontam que foi a partir do ano de 2017, o exato momento que as agências de notícias internacionais passaram a tratar a nação venezuelana como um país em grave crise de migração em massa, discurso totalmente influenciado pelo então presidente norte-americano Donald Trump.

⁴ Sures é uma associação civil venezuelana, criada em 2016, dedicada ao estudo, promoção, educação e defesa dos direitos humanos, a partir de visões críticas, emancipatórias e alternativas. É uma organização não governamental independente, apartidária, não confessional, sem fins lucrativos.

Conforme a descrição do relatório, nos anos de (2013-2015) antes da “crise humanitária” e da “diáspora venezuelana” o cenário que evidenciava os venezuelanos no exterior estava associado a uma complexa ligação do sistema de cotas que envolvia operações financeiras com cartões de crédito. No exterior, o turista venezuelano era levado a fazer uma operação financeira de cambio pela moeda norte-americana cotada 200 vezes acima do seu valor oficial. Haviam cidades preparadas com pontos de vendas que ofertavam nessas condições aos viajantes, retendo de 12 a 25% do valor, um exemplo era a cidade da Flórida nos (EUA).

No ano de 2016 com o término do sistema cambial diferencial, a Venezuela entrou em recessão econômica, agravado pela escassez de produtos e desaparecimento da moeda nacional ou cone monetário, a imagem do cidadão venezuelano é totalmente alterada no mundo geopolítico, de cidadão que vivia o ápice de recursos, para o viajante que foge das condições de escassez e de péssima situação econômica. O relatório aponta que nos anos de (2016-2017) ocorreram a piora no cenário geopolítico na Venezuela, onde os principais pontos são:

- Aumento dos mecanismos internacionais de cerco e bloqueio e isolamento contra a Venezuela, com base na declaração do país como uma “ameaça inusitada e extraordinária” pelo governo Obama (2015).
- Recrudescimento de atividades terroristas de bloqueio e destruição de bens públicos, além de assédio e agressão direta contra cidadãos e fatores relacionados ao governo, em um ataque de rua e mídia conhecido como "La Salida", continuação de eventos semelhantes ocorridos em 2014.
- Destruição sistemática da economia nacional, através da manipulação especulativa e da transferência massiva de bens (alimentos, remédios, peças de reposição, combustível etc.) e moeda física para a Colômbia, onde os cidadãos foram comprar o que foi originalmente transferido da Venezuela.

Em um curto espaço de tempo, os deslocamentos venezuelanos para exterior segundo o relatório da SURES (2021), passou a ser qualificado de “diáspora”, mas o cuidado com o sofrimento humano, se revelou em mais uso e abuso de seu destaque, do que verdadeiramente apoio e ações eficazes no acolhimento ao sujeito que está se deslocando.

Para melhor compreender a dimensão da mobilidade que retrata a crise multifatorial venezuelana, o Subcomitê Federal para recepção, identificação e triagem dos migrantes por meio da Operação Acolhida (2022) aponta os dados atualizados dos movimentos migratórios com destino no Brasil. No período de janeiro de 2017 a março de 2022, foram recebidos um total de 717.947 migrantes, dos quais permaneceram no país 337.248 venezuelanos, pois cerca de 380.699 migrantes deixaram o país. Os dados apontados pelo Subcomitê Federal também indicam as principais vias de acesso e saída do país, como portas de entrada o fluxo migratório ocorre pela cidade do Estado de Roraima, Pacaraima, a capital do Amazonas, Manaus, e São Paulo, e como pontos de saída Pacaraima, Manaus e Foz do Iguaçu.

O referido relatório apresenta o perfil populacional por sexo e faixas etárias, constatando que 53% dos migrantes são do sexo masculino e 47% do sexo feminino. Com relação a faixa etária, o maior percentual (48%) têm entre 30 e 59 anos, seguido da faixa etária de 18 a 29 anos (30%). Ressalte-se que as menores porcentagem se concentram nas faixas etárias: 0 a 6 anos (7%), 7 a 11 anos (5%), 12 a 17 anos (5%) e acima de 60 anos (5%).

Outro elemento que consta no relatório aborda sobre os registros ativos que indicam que 120.635 migrantes têm residência temporária e 79.255 têm residência por tempo indeterminado. Um dado concernente a regularização da situação migratória, foram realizadas 95.454 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado que está em tramitação, do total das solicitações na condição de refugiados 51.578 têm o registro já reconhecido, o relatório aponta que 390.335 cadastros de pessoas físicas foram emitidos.

Conforme o portal do Ministério da Educação, em 2019 contava com mais de 3.000 crianças venezuelanas com matrículas concluídas no estado de Roraima, e segundo levantamento da Secretária Estadual de Educação, existem ainda mais de 6.000 crianças venezuelanas em idade escolar entre 06 e 17 anos nas redes municipais e estaduais de Roraima⁵.

Para melhor compreender esta condição do fenômeno migratório, é necessário aprofundar a discussão sobre as questões que estão ligadas aos processos que dão origem ao fenômeno dos deslocamentos, levando em consideração as questões relacionadas a globalização, o cenário geopolítico e as discussões no campo do debate crítico social.

⁵ <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/venezuelanos>

3 MOBILIDADE HUMANA E CAPITALISMO GLOBAL

É importante para nosso trabalho aprofundar as questões que envolvem os resultados do avanço do sistema capitalista que resultam nos processos de deslocamentos compulsório de grupos humanos. Além disso, cabe sublinhar o interesse no campo das ciências sociais e humanas para compreender esses processos de mobilidade, como é indicado pelo sociólogo argelino Abdelmalek Sayad (1998, p. 15):

Por certo, imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico; nisto, encontra-se relacionada, prioritariamente, com as ciências que buscam conhecer a população e o espaço, ou seja, grosso modo, a demografia e a geografia, e principalmente porque esta, ao tratar da ocupação de territórios e da distribuição da população.

Para a socióloga Saskia Sassen (2016), os eventos que têm ocasionado os fenômenos migratórios na contemporaneidade, vão desde mudanças econômicas no Sul e no Norte global com relação a disputas na aquisição de terras. Trata-se de transformações e criações de espaços que servem para difundir as atividades econômicas por meio de cidades produzidas com essa finalidade. Essas criações globais de espaços e disputas econômicas, de distribuição e aquisição de commodities, são verdadeiros âmbitos de brutalidade, que de certa forma, ocorrem de maneira diferenciada no Sul e no Norte global, dadas as condições culturais e econômicas.

Por sua parte, Adrián Padilla Fernández (2020) aponta um importante contraste no contexto da mobilidade humana, sublinhando que no capitalismo, que é transnacional, as operações financeiras estão em consonância com os avanços das tecnologias da informação e da comunicação, fluindo sem barreiras todas as operações e mobilidade de recursos a escala global e, ao mesmo tempo, os Estados-Nação criam empecilhos para a mobilidade humana, ao ponto de, muitas vezes, desconsiderar acordos internacionais e violentar os direitos humanos dos migrantes.

Essas barreiras e controles impedem os fluxos migratórios para determinadas regiões através das fronteiras internacionais. Isso se destaca, sobretudo, quando o fluxo ocorre de países do Sul para os países do Norte global, como os Estados Unidos e Europa (FERNÁNDEZ, 2020).

As mobilidades humanas em larga escala, têm como propósito a busca por satisfazer as condições socioeconômicas, as motivações dos deslocamentos estão relacionadas a busca por trabalho, e nessas condições as articulações internas apresentam organização que vão desde o nível macro quando se trata de política global, e quando as articulações e conexões envolvem laços e redes sociais no nível micro. As novas ordens políticas e econômicas, revelam uma nova

tendência globalizada que vão muito além das condições conhecidas como desigualdade social e marginalização da sociedade, diante dessa forma patológica que assume a economia global, as formas de expulsões se tornam cada vez mais brutais. Nesse contexto, o Estado tem plena ciência desses acontecimentos, que os espaços, as atividades econômicas e o poder tem sido de forma constante enredadas por essa nova lógica do Capital globalizado. Por isso, é que pensar e repensar como os indivíduos, o habitat, as reservas naturais, bem como a cultura, serão afetadas, passa a ser um exercício imprescindível do ponto de vista político e social (SASSEN, 2016).

Explica Sassen (2016), que já nos anos 80 do século XX, os deslocamentos forçados, provocados ou as expulsões, tinham como base, a luta por recursos naturais. A forma como se aplica a nova lógica do capital globalizado, está centrado nos papéis contratuais, escondendo assim a estratégia do sistema, que não utiliza a figura do ser humano para suas ações, dependendo unicamente do papel contratual. Dessa forma, a economia globalizada é inserida em determinado local, vai adquirindo territórios, comprando os recursos naturais, afastando seus habitantes originários, enraizando a nova lógica econômica, causando destruição e, por conseguinte, a expulsão das populações.

Algumas correntes teóricas têm se esforçado para explicar as mobilidades humanas dando destaque aos sujeitos como agentes desses deslocamentos. Trata-se de aquele sujeito que sai em busca de um destino, que nessa mudança encontra outra cultura, novos povos, hábitos, que sai em busca de melhores condições para satisfazer as necessidades para viver, porque muitas vezes são forçados a sair de seus países pelas condições socioeconômicas a escala global, mas também porque em determinadas situações seu habitat estava na mira dos centros de poder internacionais por conta da riqueza nas reservas naturais, enfim é um processo complexo com muitas implicações. Como aponta Sayad (1998, p. 15):

Trata-se de uma banalidade, mas de uma banalidade que é importante lembrar, dizer que a imigração é um “fato social completo”, única característica aliás em que há concordância na comunidade científica. E, a este título, todo o itinerário do imigrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais (...).

As mobilidades humanas em larga escala, têm como propósito a busca por satisfazer as condições socioeconômicas, as motivações dos deslocamentos estão relacionadas a busca por trabalho, e nessas condições as articulações internas apresentam organização que vão desde o nível macro quando se trata de política global, e quando as articulações e conexões envolvem laços e redes sociais no nível micro. Os processos que levam as questões da migração, possuem

diversas nuances, certamente as dinâmicas desses processos de deslocamentos, os fatores de questão econômica e o papel do Estado, continuaram sendo temas do debate dos fluxos migratórios, a própria trajetória do sujeito migrante, tem contornos imprescindíveis para o entendimento desse fenômeno social.

Inevitavelmente a relação do espaço atreladas aos planejamentos econômicos, não descarta processos de tensões locais bem como deslocamentos ou fluxos de migração, além de resistência e segregação. Por exemplo, a intensificação dos fluxos migratórios, no Brasil é uma realidade dos últimos tempos, e sobre essa condição, o impacto nas estruturas das cidades tem sido considerável. Conforme apontam Kruger e Ribeiro (2020, p. 1):

Tal processo ocorre, impulsionado pelo desenvolvimento de políticas públicas, que para serem implementadas exigem que novas legislações sejam criadas e outras tantas alteradas, o que têm se dado em benefício da acumulação dos construtores privados. Fato com incidência sobre transformações demográficas que têm redefinido os territórios e tornado ainda mais complexas as relações sociais.

É importante ressaltar, que as novas configurações dos fluxos migratórios apontam para fenômenos antes só observados em grandes centros urbanos como capitais e metrópoles. O direcionamento dos fluxos migratórios tem configurado como nova rota as cidades de porte médio, alterando a morfologia destas cidades e por consequência invocando a necessidade da observação de cientistas, bem como da população e dos órgãos do Estado na forma como encaram as questões sociais provenientes das transformações que passam essas cidades.

Vale lembrar o legado histórico do fluxo migratório no país assinalam os autores Kruger e Ribeiro (2020), a privação de direitos é uma marca histórica na realidade brasileira, incorrendo na estigmatização, culpabilização e exclusão de grupos humanos, submetidos a situações diversas de violência, em que a segregação territorial é reconhecida como agravante dos problemas decorrentes da manifestação da questão social.

Retomando a respeito das peculiaridades referentes ao fluxo migratório de venezuelanos para o estado de Roraima, pode-se destacar evidentemente uma grande transformação política, social e econômica, tanto para os migrantes quanto para os brasileiros que residem em Roraima. Um reflexo dessas dinâmicas migratórias é o número de solicitantes de refúgio por parte dos venezuelanos que passou de 829, em 2015, para 3.368, em 2016, e até junho de 2017 era um total de 7.600 que demandavam essa condição (SIMÕES; SILVA; OLIVEIRA, 2017), sem levar em consideração aqueles que não buscam nenhum tipo atendimento público.

Simões, Silva e Oliveira (2017), sublinham que muitos migrantes têm dificuldades com o idioma português e a maior parte deles desejam aprender o idioma, além disso, foi

identificado que alguns serviços já são disponibilizados para os venezuelanos apontando inclusive para uma demanda significativa, são eles os serviços de saúde e educação e, por essa razão, os agentes públicos precisam ser capacitados e treinados para fortalecer as atividades da sociedade civil em andamento.

Oliveira (2019) destaca que as dificuldades institucionais em responder frente ao aumento do fluxo migratório, tanto em âmbito municipal, estadual e federal, contribuíram para uma crise humanitária jamais vista no país. Os problemas provenientes da falta de preparo do país em atender a crise migratória, atingiram diretamente os venezuelanos indígenas e não indígenas que adentravam no Brasil em busca de alimentação, moradia e trabalho, infortúnio que os acompanha para além da fronteira.

Alguns agentes foram decisivos no que concerne ao acolhimento dos migrantes em Roraima, segundo Oliveira (2019), as organizações não governamentais em parceria com a Igreja Católica, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, bem como uma parte dos habitantes locais, tornou-se apoios que ajudaram aos migrantes venezuelanos no início do fluxo migratório em meados 2017, disponibilizando alimentos e abrigos improvisados para uma parte do povo migrante. Por outro lado, os governos municipal e estadual retraídos apenas externavam a preocupação do fluxo migratório com o aumento da demanda por serviços públicos, principalmente em relação a saúde e educação.

A dificuldade de solucionar os problemas acarretados pela questão migratória está atrelada a falta de políticas públicas que orientassem ações conjuntas do poder público em relação as estratégias na abordagem com fins ao acolhimento dos migrantes, revelando assim as fragilidades do sistema que se traduzem em ações fortuitas e fracas (OLIVEIRA, 2019).

Para a crise humanitária e o fluxo migratório de venezuelanos para Roraima, o governo adotou as seguintes medidas no ano de 2018:

- i) criou um grupo de trabalho, coordenado pelo Ministério da Defesa, para efetivamente tratar a questão migratória em Roraima;
- ii) reeditou nova resolução normativa para conceder visto de residência temporária aos venezuelanos;
- iii) aprovou Medida Provisória destinando R\$ 190 milhões para ser aplicado em medidas de acolhimento;
- iv) firmou acordo de cooperação com o ACNUR para a implantação de novos abrigos e fornecimento de alimentação para os imigrantes;
- v) propôs incentivar a interiorização dos imigrantes que assim o desejarem; e
- vi) iniciou campanha de vacinação da população venezuelana em Roraima. (OLIVEIRA, 2019, P. 21).

Após a implementação das medidas para sanar as demandas do fluxo migratório, foi possível constatar alguns efeitos, como a criação de abrigos em Pacaraima e Boa Vista, a oferta

de alimentação e ações voltadas para os cuidados de saúde, inclusive vacinação. Por outro lado, segue timidamente o processo de interiorização, ação do Governo que viabiliza o deslocamento dos migrantes para outros estados, quando assim desejar (OLIVEIRA, 2019).

A realidade social do migrante está atrelada à condição dos direitos civis, políticos, econômicos e culturais. Em meio à crise humanitária envolvendo o fluxo migratório sem precedentes, a piora do cenário político-econômico, os migrantes ainda têm de conviver com o estigma do povo local que se sentem ameaçados e que por essa razão como resposta em proteção da segurança do país, da tradição bem como da cultura, acaba por culpabilizar o migrante frente as mazelas que os aflige (LEVEL, 2020).

A prática da xenofobia está presente em todo o contexto da vida do migrante em Boa Vista, como afirma Level (2020, p.81):

O que percebemos com isso é que o mecanismo da criação do bode expiatório, que estigmatiza os migrantes que estão vivendo na cidade de Boa Vista, principalmente com os venezuelanos, está ocasionando uma dupla percepção da estigmatização. Por um lado, o grupo racizante imputa a culpa de seus problemas, que já existiam antes da migração desses grupos para a cidade, no grupo racizado. E por outro lado, os grupos racizados percebem a imputação desse problema por parte do grupo racizante. Ocorre porém que, em vez de intuir que muitas das suas dificuldades estão relacionados com as atitudes do grupo racizante para com eles, ou que isso está relacionado com uma questão mais sistêmica, culpam então, os membros do seu próprio grupo pelos comportamentos desviantes destes, percebendo, em muitos casos, os seus infortúnios mais como problemas que estão correlacionados aos comportamentos dos membros do seu grupo do que do grupo estigmatizador, situação que reforça os mecanismos que os difamam.

Essa dura realidade da estigmatização racizante que vive a população migrante, além de reproduzir violência, joga a população migrante na crueldade da reprodução de falsas narrativas, o condão da criação do bode expiatório é para disseminar o ódio dentro da comunidade migrante, o jogo baixo e vil tem como fundamento distorcer a realidade dos fatos, de que as mazelas sociais já existiam antes da migração.

4 O ACOLHIMENTO NAS ESCOLAS

Frente a todas os dilemas que vivem os migrantes no Brasil, em especial em Roraima, outra questão de grande relevância está no acolhimento dos jovens venezuelanos que na crise humanitária se deslocaram com seus familiares para cidades de Pacaraima ou Boa Vista, buscando inclusive dar continuidade nos estudos; estes jovens migrantes procuram instituições de ensino para receber educação formal. Para Souza e Senna (2016), o engajamento no propósito de políticas de inclusão para imigrantes em unidades de ensino brasileiras é praticamente inexistente na educação do país, a maioria das discussões sobre demandas por políticas inclusivas sempre tem prioridade o portador de necessidades especiais ou alunos de baixa renda, fato que traz preocupação a esta parcela (migrante) que é ignorada.

O fenômeno da migração tem se intensificado nas últimas décadas de maneira global. Para Dalila Andrade de Oliveira (2020), o Brasil tem dado pouca atenção aos movimentos migratórios que progressivamente chegam no país. Essa falta de atenção ao crescente movimento migratório brasileiro tem reflexo na ausência de políticas públicas e sobretudo, nos efeitos reais de planejamentos no que tange o acolhimento para migrantes no território nacional.

A reflexão diante do contexto legítimo ainda esquecido pelas leis do país, no tocante as questões da cidadania, revela um descaso às discussões que têm como ponto fundamental o acesso dos migrantes ao sistema educacional brasileiro. Para isto, uma consideração de grande importância a respeito das posições das unidades educacionais, bem como dos professores que vivem essa experiência atualmente merece total atenção, uma vez que pensar em inclusão para estes sujeitos, vai além dos processos de efetivação do cadastro do aluno na escola e está relacionada à diversidade cultural implicada no próprio processo. É um dever das unidades educacionais disponibilizar estratégias a fim de garantir a inclusão deste aluno migrante em todo o espaço escolar, mas a questão é sobre o modelo de ensino vigente, se é possível atender essa nova necessidade (SOUZA; SENNA, 2016).

É importante salientar que a história brasileira com os movimentos migratórios do século XIX representam uma forte tendência como aspecto da estrutura social. Havia incentivos por parte do governo brasileiro para o transporte de migrantes japoneses e europeus, essa demanda tinha ligação com trabalho.

Segundo Figueredo e Zanelatto (2017), já no final do império, com a abolição da escravidão e meados do período republicano, o Brasil passou a estimular o ingresso de migrantes em solo brasileiro, com o propósito de tornar povoado o território e promover o desenvolvimento econômico. Os migrantes, provenientes da Europa, acreditavam nas chances

de alicerçar uma nova história de vida econômica no Brasil, para onde se deslocaram a partir da segunda metade do século XIX, adentrando para o século XX. Porém, uma mudança aponta para a forma com que o país passou a tratar o fenômeno migratório, como aponta Oliveira 2020 (p. 2-3):

(...) a partir do final da segunda grande guerra, experimentou um período em que houve uma sensível redução no interesse de trabalhadores migrantes em se instalar em território brasileiro, em virtude da política de austeridade implantada pelo Regime Militar, a partir da década de 1960, e da crise econômica vivenciada pelo país nas décadas de 1970 e 1980.

Curiosamente, foi justo nesse momento, que foi aprovado o Estatuto do Estrangeiro, a Lei nº 6.815, de 1980, que vigorou por quase quatro décadas, ditando as regras legais da política migratória do país. Esse Estatuto, aprovado durante a Ditadura Militar (1964–1985), pelo então presidente General João Batista Figueiredo, em seu primeiro artigo, revelava seu caráter protetivo e nacionalista, demonstrando a preocupação do país com aspectos de natureza militar e segurança nacional. Esse documento foi aprovado em um momento de baixo movimento migratório, sob um regime autoritário, impondo barreiras legais que restringiam a liberdade dos imigrantes no Brasil.

O resgate histórico é importante afim de sinalizar que o descaso com os sujeitos de deslocamentos tem fundamento histórico, personagens reais e tratados institucionais. Somente no ano de 2017 período recente, um novo dispositivo legal foi sancionado pela presidência da República brasileira sob novas bases com caráter mais humanitário, lei 13.455 que trata da Migração, onde a referida lei tratou de revogar o Estatuto do Estrangeiro, que confrontava com tratados internacionais como os da Organização das Nações Unidas (ONU), na qual o Brasil é signatário e desde o final do período ditatorial atende as decisões jurídicas provenientes da organização conforme preceitua a Constituição Federal de 1988. Embora a antiga lei que tratava das questões migratórias tenha sido revogada, a construção de novos entendimentos sobre os sujeitos provenientes dos deslocamentos, sobretudo no que tange a questão do acolhimento é importante para descortinar novos caminhos que devem apontar a melhor forma de compreender as novas realidades sociais e sobretudo, como a sistema educacional tem lidado com estas questões.

É necessário realizar um estudo de forma sistematizada e aprofundada a fim de compreender em sentido amplo o significado de acolhimento. Para tanto, a reunião de algumas experiências que apontam para o conceito de acolhimento se torna alvo de exploração nesta pesquisa. Inicialmente o relato de uma experiência no Programa de Ensino de Jovens e Adultos (EJA) com migrantes haitianos no sul do Brasil, mais precisamente em Porto Alegre, norteará e fornecerá subsídios para o entendimento na prática do conceito de acolhimento.

O programa do governo que oferta o ensino para jovens e adultos que por alguma razão não cursaram ensino fundamental e médio, alterou de modo significativo a paisagem educacional brasileira, por dois motivos, seja por conta de políticas públicas que objetivam reparar o déficit ou porque tem relação direta com as experiências pedagógicas gestadas por Paulo Freire. O programa de ensino para Jovens e Adultos (EJA), vem sendo marcante por ser a principal via de acesso para migrantes haitianos (SILVA et al, 2018).

A circunstância histórica da educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, está ligada a efetivação da resolução de um cenário nacional, que tem como premissa a aplicação de uma política pública afim de oportunizar o acesso à educação a pessoas que por alguma razão, não conseguiram passar pelas etapas do ensino no momento adequado (MIRANDA et al, 2016).

Seguindo os caminhos históricos de políticas públicas para educação do Brasil, o ensino de jovens e adultos surge em 1930, em virtude do crescimento demográfico e industrial o ensino público precisou ser estendido, junto desta ampliação do ensino como iniciativa por parte do governo, houve segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), uma redução considerável do percentual de analfabetismo, porém esta política pública significa mais que um simples fato de alfabetização, para os pesquisadores em educação Doutor Sergio Haddad e Filomena Siqueira (2015):

(...) Em Hamburgo, na Alemanha, na V Conferência Internacional de Educação de Adultos – Confinteia (Alemanha, 1997) em sua declaração, conforma um conceito sobre este direito que acaba tendo grande influência até os anos atuais. Compreendida como chave para a conquista e garantia de outros direitos, a educação de adultos é definida mais que um direito, mas como uma educação que se realiza ao longo da vida, sendo tanto consequência para o exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Essa concepção ampliada de educação ao longo da vida não se esgota na escolarização, compreendendo também aprendizagens realizadas de forma sistemática ou incidental nas mais diversas práticas sociais familiares, comunitárias, religiosas, políticas, de trabalho, de informação, comunicação, lazer ou fruição cultural.

O atendimento no sistema de ensino do país segue ainda outras influências que complementam o sistema de ensino e as políticas públicas voltadas para educação com inclusão, sobretudo, para aqueles sujeitos que por alguma razão não conseguiram realizar nos prazos previstos no plano nacional de educação. A educação de jovens e adultos tem se tornado uma porta de acesso para muitos discentes que estão se deslocando de um país.

Segundo Silva e colaboradores (2018), os sistemas e as regras adotados no método da pedagogia freiriano, é de uma educação entendida como um ato solidário, coletivo e de amor. O método de alfabetização de jovens e adultos de Paulo Freire irá confrontar e rechaçar com os padrões vigentes, por entender que estas formas de ensino são uniformes e homogeneizantes.

Alternativamente ao uso da cartilha de alfabetização, portanto, o método Paulo Freire de alfabetização de adultos baseia-se num processo significativo, enraizado na realidade dos sujeitos e na materialidade da palavra, mas que alça voo na direção de uma consciência sócio-histórico-política e na complexidade da língua. Assim, tal método constitui um conjunto de princípios e uma compreensão da relação entre a língua escrita e o protagonismo popular (SILVA et al, 2018 p.5).

Para entender o conjunto das experiências concernentes a participação de haitianos no sistema de ensino brasileiro, é importante considerar a origem do fluxo migratório destes sujeitos. Segundo os pesquisadores Marc Donald Jean Baptiste e Wagner Roberto do Amaral (2021) é a partir do ano de 2010 que surge o contexto da migração de haitianos para o Brasil, uma catástrofe de ordem natural oriundo de um terremoto é o ponto de partida para o entendimento, em segundo lugar vale destacar que em decorrências do capitalismo global, o Haiti tradicionalmente passou a ser fornecedor de mão de obra para países da América Latina e Caribe. Devido as políticas de restrição a migração impostas pelos Estados Unidos, Canadá e França, o Brasil tornou-se uma rota alternativa para migração haitiana.

Em 2013 por conta da crise no Haiti, esta massa de migrantes passou a fazer parte da paisagem da cidade de Porto Alegre, ocupando vagas no mercado de trabalho, e sendo inseridas no programa de alfabetização de jovens e adultos, programa esse existente em âmbito municipal e estadual (SILVA et al, 2018). Esta experiência de alguma forma revela o caráter social com característica da escola cidadã, que tem por primazia defender a educação permanente com formatação própria e atendendo a realidade local. Conforme Silva et al (2018, p. 6):

Por ser historicamente uma política pública garantida e regular, as escolas estão se configurando como a porta de entrada em um serviço público continuado de integração social e comunitária. Outras políticas públicas oferecidas aos imigrantes, como o Sistema Único de Saúde e a Carteira de Trabalho, normalmente os primeiros a serem garantidos, não possuem este caráter de acompanhamento social. Isto é, a integração social do imigrante às comunidades locais onde eles se estabelecem, que deveria ser oportunizado por ações de integração de iniciativa governamental, acabou incidindo sobre as escolas públicas, instituições sobrecarregadas e pouco valorizadas pela administração pública, que já acolhe outras tantas categorias de cidadãos com os quais as ações governamentais vêm falhando.

Esses cenários da inserção de migrantes no contexto da educação, inicia uma nova fase no cenário educacional para o qual as escolas deverão ser arquitetadas para promoção já do atendimento bem como na integração das novas condições de interculturalidade entre as nacionalidades, os costumes e as línguas. Para Helen Parnes Miranda e Sônia Regina de Souza Fernandes (2022), o acolhimento dispensado atualmente aos migrantes possui uma construção histórica, e essa condição reflete na dificuldade atual de políticas públicas que seja levada em

conta as diferenças, que embora o país reconheça os direitos fundamentais dos migrantes e refugiados, o país carece de políticas públicas no sentido da efetivação da cidadania plena. Para Miranda e Fernandes (2022, p. 3):

A ausência de uma tradição histórica de receptividade aos migrantes iniciou-se com o primeiro grande fluxo migratório trazidos pelos colonizadores em caráter forçado. Mesmo as políticas favoráveis a recepção de imigrantes se dava em caráter utilitarista, favorecendo a recepção de europeus de determinadas nacionalidades conforme ideias eugenistas de branqueamento e restringindo a entrada dos considerados “indesejáveis” pelo Estado Novo, mesmo sob o risco de vida, como é caso dos que atualmente consideramos refugiados. Assim a migração só era bem-vinda quando conveniente ao desenvolvimento econômico brasileiro.

O acolhimento na experiência concernente a inserção de imigrantes no programa educacional de ensino de jovens e adultos, está centrado no ensino da língua portuguesa, por razões diversas, a língua é um direito do indivíduo que goza dos direitos civis e políticos, assim como é por meio do conhecimento da língua que ocorre a promoção dos direitos e deveres do cidadão. Sobre os aspectos que correspondem a importância da cidadania, sobretudo para os migrantes haitiano, que no bojo de suas lutas sociais elegem a educação como uma pauta de capital importância, tanto brasileiros como haitianos, encontram no espaço escolar um espaço de proteção do Estado (SILVA et al, 2018).

Depois do uso da língua portuguesa brasileira usada nas escolas como instrumento de acolhimento para migrantes, por representar uma ferramenta para o pleno exercício da cidadania, cabe levantar mais experiências que traz a lume a implementações das formas de acolhimento. A demanda que corresponde ao aumento de imigrantes no Brasil é um fato que possui constância, e por esta razão a migração deve ser encarada com seriedade.

Outra experiência em que se observa a preocupação do acolhimento no sistema de ensino aos migrantes é apontada na obra de Azevedo e Barreto (2020). No texto a autora tem como objetivo investigar quais políticas públicas tem sido estendida à população migrante, em relação a educação na rede pública de ensino de Campo Grande nos períodos de 2018 e 2019. Objetivamente a pesquisa tem como propósito mapear a situação dos alunos migrantes. Para as autoras a pesquisa possibilitou a aquisição de conhecimentos que apontam para necessidades de discussão sobre políticas públicas relacionadas a inserção dos alunos migrantes não seja reduzido apenas a matrícula ao sistema de ensino, mas a garantia de direitos que vão além, que atendem as questões da inclusão e o acolhimento destes alunos.

Conforme as autoras Nascimento e Morais (2021) a preocupação com as questões da inclusão e do acolhimento na escola passam certamente por implementações de ações que visam superar as dificuldades observadas na práxis do cotidiano escolar, por essa razão diversas vezes

se menciona que é insuficiente a garantia do acesso à educação para migrantes, posto que as relações estabelecidas com as crianças imigrantes –e com suas famílias –apresenta tensões e desafios tanto do ponto de vista das relações intergeracionais, quanto intrageracionais, causadas por diferenças linguísticas e culturais.

A respeito desse contexto de fenômeno de migração infantil, Azevedo e Barreto (2020) apontam para estudos que tem se preocupado apenas com as questões financeiras, porém as questões de políticas sociais, e políticas educacionais tem sido relegada, muito embora, os países do continente americano externarem o direito a educação para migrantes, o acesso e o apoio são fragmentários.

Para Nascimento e Morais (2021) vale destacar que a educação das crianças pequenas tem relação com o conceito de acolhimento, com a disposição para receber o indivíduo que está chegando em um lugar diferente, parte do conjunto de instrumentos que dispõe todos aqueles que trabalham com crianças pequenas. Acolher no sentido de dar crédito, ouvir, isto é, como dimensão de escuta do outro e de construção de vínculos.

Mais do que isso, a situação de ingresso, o tempo de chegada das crianças na creche é uma capacidade de integrar um conjunto de significados. É um tempo de chegada, de estreitamento de relações, de convite à partilha, que envolve as crianças, os professores e as famílias. A comunicação entre creche e famílias é um princípio que rege a relação entre elas e o que assegura às crianças a continuidade e o enriquecimento de suas experiências sociais, tendo em vista uma pluralidade de modelos para espelhar-se na construção da identidade e da autonomia, não significando então a separação do adulto, mas a segurança nas relações (TRENZEL, 2000 p. 5).

Sobre a relevância do acesso a criança migrante no sistema de ensino afirmam as autoras Azevedo e Barreto (2020), que o modo de como se dá o acesso da criança migrante no sistema de ensino é de suma importância para o entendimento de uma realidade que precisa mudar, e sobretudo, cria aberturas para discussão desta problemática que é latente na sociedade brasileira. A escola tem papel importante na vida das crianças advindas de deslocamentos, é neste espaço que as crianças serão inclusas na sociedade, irão compartilhar experiências e se relacionar com o conhecimento e à manifestações culturais, com saberes além de conhecer uma nova língua onde poderão interagir em um novo contexto social. Segundo as autoras, a relevância deste estudo também se demonstra na análise do acesso de crianças migrantes ao espaço escolar, por entenderem que neste contexto é que as crianças poderão encontrar melhoras nas condições de vida, e inseridos na comunidade se perceberão cidadãos.

Por sua vez, Tânia Tonhati (2019) revela que o Brasil tem se destacado por receber um volume considerável de migrantes em tempos recentes. Na última década, o conjunto de

migrantes que escolhem o Brasil, geralmente se encontram em situação vulnerável e com dificuldades para se integrar socialmente. Há diversos estudos acerca da migração no Brasil, mas uma parte dos sujeitos que se deslocam de seus países de origem, tem sido pouco explorada, e por esta razão há pouco conhecimento desse conjunto migratório, no que diz respeito a inserção e a integralização da criança e os adolescentes no país.

Para Nascimento e Morais (2021) o estudo científico relacionados a parcela que compreende as crianças que estão passando por deslocamentos é de suma importância sob vários aspectos, além de contribuir para a elaboração de políticas públicas, deixa entrever que o entendimento das crianças como sujeitos sociais tem levado a reflexões sobre a ação das crianças como seres históricos e culturais concretos, produtores de cultura, focalizando a ludicidade, a brincadeira, o gênero, as relações étnico-raciais. Segundo Tonhati (2019, p. 2):

Os números demonstram que crianças e adolescentes imigrantes são menos de 10% da migração regular, no entanto, essa é uma população que demanda atenção especial para se integrarem, já que utilizam de vários espaços como escolas, postos de saúde e demais locais de sociabilidade, que são em sua maioria pensada exclusivamente para nacionais... Nesse sentido, é imprescindível um olhar mais aprofundado para as necessidades das crianças e adolescentes imigrantes com relação à sua inserção e participação na educação formal no Brasil.

A inserção da criança pensando os espaços que ela faz uso, é uma das medidas passíveis de repensamento como estratégia para melhor prática do acolhimento, visto que, todo o espaço escolar é sempre pensado para brasileiros e não para migrantes. Entre as mais variadas formas de estratégias, há disciplinas específicas que também podem ser utilizadas estrategicamente como forma de garantir que ocorra o processo de acolhimento.

Na educação, o papel da disciplina de sociologia tem uma grande relevância, pois desempenha um papel fundamental para o conjunto da sociedade nos aspectos que se compreende a formação cidadã, sujeitos que são capazes de pensar sobre a sociedade em que interagem, pois, para ciências sociais, o compromisso é de perscrutar na realidade a verdade. Para Tânia Tonhati (2019) aponta que o sistema escolar é entendido como um espaço de neutralidade das ciências e, assim, acreditasse e advogasse que a escola deve ser um espaço neutro de disputas, discursos e ideologias sociais. E as ciências sociais como filhas da democracia, encontram no espaço social, infelizmente, as verdades de uma sociedade contemporânea, permeadas de desigualdades, dominações, opressões, explorações e humilhações.

A introdução da sociologia na escola secundária brasileira têm papel importante na construção da sociedade que se almeja para o futuro. O sociólogo Florestan Fernandes (1977)

apresentava em suas obras o entusiasmo pelas possibilidades de transformações sociais, e apontava que é no exercício da ciências sociais que se entende o exercício do poder e o quanto isto afeta o futuro da nação como comunidade política, desta forma, a escola assume grande importância mesmo não estando acima das imposições econômicas e das labutas políticas, ela pode contribuir para formação da consciência cívica do povo, construindo uma ética bem como autonomia crítica em posição que permita o cidadão a observar e atuar com mais acuidade em relação as instituições políticas e aquele quem detém o mandato para exercer o poder.

Sobre a relevância da ciência social Tonhati (2019) afirma que a Sociologia se faz tão importante para o contexto brasileiro atual e para o aluno migrante. A Sociologia poderia ser a disciplina de reflexão sobre a diversidade social. A identidade e a personalidade da juventude poderiam, de forma reflexiva ser realizada dentro do espaço escolar, com a Sociologia como ferramenta que permitiria o melhor entendimento dentro do ambiente escolar no convívio com as diferenças. Afirma a pesquisadora que:

O modo de se pensar construído pela Sociologia, conceitualmente e também suas metodologias de pesquisas, poderiam ser introduzidas no âmbito do ensino básico como forma de desnaturalizar e historicizar formas e normas sociais consideradas “adequadas” e “fixas”. Ao demonstrar que nem sempre foi assim, que a socialização e as identidades culturais são processos diferentes no tempo e espaço, a Sociologia tem um papel para além de cívico, ela abre a possibilidade para transformar e ampliar o poder de agência nos alunos (TONHATI, 2019, p. 7).

A aliança que vislumbra a junção do ensino de Sociologia e o campo das migrações, demonstram a combinação necessária e urgente, pois, o sucesso dos alunos migrantes dependerá do conhecimento que se constrói a partir das observações decorrentes das singularidades pertinentes ao comportamento destes discentes migrantes no ambiente escolar, essas questões, vão muito além dos paradigmas curriculares nacionais, podem inclusive aguçar a interpretação por parte do próprio aluno acerca de sua realidade, pautada pelos métodos de observação das ciências sociais, ampliando por exemplo, os conhecimentos acerca dos fenômenos políticos, sociais e culturais.

Por sua vez, Silva Neto (2018) afirma que o preparo das escolas ou a forma de acolhimento de alunos migrantes, é uma questão que tem ocupado um grande espaço no debate da educação no país, sobretudo nas regiões de fronteira. Sobre os direitos dos alunos migrantes em relação a educação no país, não resta dúvidas, de que o aparato legal correlaciona uma série de leis que dão sustentação positiva a esta questão. Como aponta Silva Neto (2018, p. 2):

E este é um dos poucos direitos assegurados no cambaleante sistema educacional brasileiro. A nossa legislação, nos artigos 5º e 6º da Constituição Federal, nos artigos 53º e 55º do Estatuto da Criança e do Adolescente e nos artigos 2º e 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), determina que os estrangeiros têm o mesmo direito de acesso à educação que as pessoas nascidas no Brasil. A recente Lei de Migração reforça essa garantia, e os artigos 43º e 44º da Lei dos Refugiados garantem que a falta de documentos não pode impedir o acesso à matrícula nas escolas.

Mas o conjunto de normas existentes por si só não garante que o aluno migrante não encontre dificuldades e barreiras nas escolas do país. Para Silva Neto (2018), os empecilhos vão desde as barreiras linguísticas enfrentadas pelos profissionais na comunidade escolar, até questões que perpassam a situações de constrangimentos e discriminação.

O professor traça então o provável desenvolvimento e futuro do aluno migrante de forma negativa, ligando o rendimento dele, a problemas de distúrbios de aprendizagem, dislexia entre outras causas. Os prognósticos equivocados esbarram na dificuldade comunicativa, por consequência da diferença do idioma. Mas segundo Silva Neto (2018, p. 3):

O que a experiência tem comprovado é que, em escolas em que há um bom trabalho de acolhimento dos alunos estrangeiros, a dificuldade com a língua passa a ser secundária, devido a uma maneira mais descontraída de encarar esse processo. A experiência intercultural no ambiente escolar passa a ser uma oportunidade para criar vínculos significativos entre os estudantes, e desta maneira proporcionar a aprendizagem.

Fica evidenciado que o acolhimento é indubitavelmente importante. A criação de vínculos significativos, proporcionam um ambiente mais confortável, segundo Silva Neto (2018), a participação de toda comunidade escolar, a partir de princípios norteadores, que vão de encontro a ideia de democracia, respeito, protagonismo do estudante, diálogo e criação de comissões e debates permanentes no fomento de ideias sobre inclusão, são princípios que apontam para o sucesso de um espaço acolhedor e de permanente processo de formação.

Sob uma perspectiva diferente, Rodrigues (2020) aponta a inserção do migrante na escola a partir do conceito de espaço, levando em consideração as organizações territoriais, a forma como os grupos deslocados compõem os territórios de maneira diversificada, portanto, heterogênea, levando ao questionamento de como então, ocorre, a inclusão destes grupos na escola. Neste caso, é importante, levar em consideração o entendimento sobre a inserção do migrante ao território e ressalta que:

(...) considerá-los como homogêneos, por serem grupos desterritorializados e por pertencerem às classes populares (pelas profissões que exercem e por terem filhos em escolas públicas), seria descaracterizá-los, pois independentemente de estarem fora de

seus territórios de origem, têm algum sentimento de pertença (territorialidade) ao novo território. Além disso, os grupos têm particularidades específicas quando consideramos suas origens sociais, e suas formas de inserção social como um todo (RODRIGUES,2020, p. 4).

A autora Rodrigues (2020) aponta uma preocupação referente a práxis docente com o aluno migrante. A importância do território diz respeito a um erro corriqueiro de uniformizar os aspectos étnicos sociais desconsiderando que o aluno migrante carrega um conjunto de tradições e culturas que evidentemente remetem a sua origem, desta forma a autora cita que é preciso considerar portais étnicos, os quais são espaços dedicados às colônias de migrantes que de forma didática estariam diretamente tratando de questões da identidade.

Na visão da Mestre em educação Liliane Tosta Costa (2017) referente ao lugar do migrante, os Parâmetros Curriculares Nacionais exercem um papel desarticulador, desestruturando as relações tradicionalmente estabelecidas. A medida em que se aprofunda na temática, a autora aponta para uma defasagem dos PCN que abordam conceitos já ultrapassados e que remetem a experiência do aluno migrante a consequências perigosas, tais como preconceito e xenofobia. A ideia é que a identidade e os novos conceitos sobre migração apontem para um horizonte integrador, onde a concepção tradicional e rígida de identidade regional e padronizada possa ceder espaço para o território híbrido, onde todas as dimensões se agregam seja a luz da economia, da política e da cultura. Desta forma se abandonaria o modelo tradicional que invisibiliza o migrante, e o exclui da proposta pedagógica e do processo de ensino aprendizagem.

A análise da inserção do aluno migrante ao campo educacional, implica no entendimento de que, no Brasil, a desigualdade é um fator real que acentua os problemas e as condições educacionais da maior parte da população. Para Rodrigues (2020), a desigualdade reforça a manutenção de oportunidades sociais, com privilégios para poucos e a isenção de direito para maior parte. O sistema advento dessas condições de desigualdade, legitima a opressão de privilegiados sobre oprimidos, reorganizando inclusive os espaços territoriais, tornando ilegítima a interação daqueles que dependem do território para manutenção e construções das condições necessárias para existência. As escolas e os demais espaços, se organizam então, da maneira que as demandas atendam aos grupos que dominam os territórios, levando assim dificuldades para os migrantes. Para Costa (2017, p. 4):

O que é planejado tem que possibilitar a emancipação do sujeito e isso inclui o auxílio à (re)territorialização dos alunos migrantes. Assim, faz-se necessário criar espaços que deem voz aos alunos que estão socialmente marginalizados. Ter uma escuta

sensível que perceba até o silêncio como um pedido de ajuda. Isso deve fazer parte do habitus do professor.

Sobre a esquematização no sistema educacional Rodrigues (2020) indica que os planejamentos organizados pela gestão e coordenação escolar, pressionados por grupos nacionais, deixa de elaborar ações de valorização da cultura migrante de duas formas, consensual e velada, participação que inclui até os docentes. Fica evidente, que a opressão operada no que tange as desigualdades sociais, implicando diretamente na dominação de grupos nacionais usados em planejamentos da escola, impede que ocorra a interação social, evitando assim, momentos de ricas trocas culturais beneficiando assim os dois grupos, nacionais e imigrantes. Para o entendimento sobre a questões culturais e as interações de maneira geral, o aprofundamento em relação a identidade, diferença e interculturalidade será objeto de discussão neste trabalho.

É fato inegável que atualmente, a mobilidade das populações, os contextos de interculturalidade, bem como a diversidade cultural, sejam condições patente do mundo globalizado, e certamente esta condição é uma preocupação dos estados, desencadeando assim a elaboração de estratégias e políticas para os diferentes setores para o atendimento da mudança conjuntural. Conforme salienta Ramos (2007, p. 1):

A globalização e os fluxos migratórios aumentaram sem precedentes os contatos entre as culturas e a coabitação entre diferentes modos de vida, contribuindo para a interculturalidade das sociedades e das escolas, para a partilha e coabitação de tradições culturais, de competências e de saberes. Com efeito, a diversidade cultural e as relações interculturais, fazem hoje parte e integrarão cada vez mais os contextos social, económico, político, religioso, educacional, sanitário e mediático.

É preciso romper com as barreiras que a estão presentes na diáspora dos fluxos migratórios. Para Baptista (2017) que analisa obra de denúncia, causticamente, indica a forma pela qual a mídia em geral e os discursos políticos se unem, em sintonia com a hipocrisia, para tratar da “crise migratória”. Esclarece, de forma incisiva, que a migração em massa é um fenômeno antigo. Lembra que, entre outros fatores, o modo de vida sob o ponto de vista da modernidade exclui, cinicamente, as pessoas consideradas inúteis em seus locais de nascimento ou não empregáveis. Certamente essa forma de receptividade, não traduz a condição ideal de acolhimento que é processo importante de integração e respeito com migrante.

É importante considerar o conceito do pensador Zygmunt Bauman (2017) sobre modernidade líquida a respeito da educação no contexto de deslocamentos. O reflexo do sistema

de ensino engessado e atrasado que segue parâmetros curriculares defasados abordando conceitualmente temas atuais de maneira arcaica, reduz e empobrece as trocas culturais dos protagonistas do processo ensino aprendizagem. Conceitualmente Bauman (2017) percebe professores divididos em grupos “Líquidos”, “Sólidos”, e para inovar “Transitórios” ou mesmo “Indecisos”, ou seja, aqueles que ora têm pensamentos, métodos, propostas e ações mais Sólidas e tradicionais, ora mais Líquidas e flexíveis, adaptáveis aos alunos e disciplinas que estão sob suas responsabilidades. Segundo Martins (2017, p.2):

A Modernidade Líquida é caracterizada por uma série de elementos que são percebidos pela sociedade e seus grupos relacionais como positivos ou negativos, dependendo do contexto e de quem a interpreta. O individualismo, composto logicamente pelo conhecido egoísmo, seria um deles. A individualidade também, o que ressalta a valorização do ego enquanto sujeito e não coisa. A questão é que infelizmente o individualismo impera em uma grande rede de situações. Deste modo, o mundo fica cada vez mais despreparado para enfrentar interações que envolvam o coletivo e que necessitam de respeito as diversidades, levando muitas vezes a momentos de conflitos e barbáries (infelizmente).

A relação do contexto educacional com as questões migratórias têm desdobramentos que implicam no processo de acolhimento do migrante, na visão Bauman a securitização das relações sociais provocadas pela mídia sensacionalista, introjeta no sentimento dos sujeitos a individualização, bem como o medo e o pavor do relacionamento e do migrante, criando crises e distorcendo realidade, assim uma espécie de pânico moral surge para dificultar a possibilidade da criação de novos relacionamentos inclusive distanciando o professor e alunos.

Sobre a emergência das condições relacionadas a migração afirma Baptista (2017, p. 1-2):

Alerta da importância de se considerar que as partes do planeta vistas como desenvolvidas se alegram com a chegada de migrantes, visto que para grandes projetos econômicos o fluxo migratório não passa de mão de obra barata. Destaca que a fragilidade existencial, aliada a um mercado de trabalho local, e mais as incertezas de nossos tempos acabam por legitimar discursos políticos que prometem, falsamente, solucionar problemas graves e, neste momento histórico, praticamente incontornáveis. Nessa perspectiva: “A humanidade está em crise - e não existe outra saída para ela senão a solidariedade dos seres humanos [...] Sugere, desta forma, que uma das únicas portas para uma possível saída da crise (em todos os sentidos) na qual nos encontramos seja, efetivamente, o diálogo, e assim a humanidade, como um todo, deverá compartilhar seus problemas contemporâneos para que se tenha um futuro que os reduza. Ressalta que a indiferença de nada adianta. (...) questiona as comoções (tão promovidas pela mídia) em relação à situação dos refugiados. Mostra-nos que são passageiras. Pontuais. Oportunistas. Inoperantes.

Se existe uma crise migratória, ela é operada e controlada bem como estimulada ou não por interesses de corporações econômicas, organismos que se aproveitam dos movimentos

migratórios para angariar lucros, como afirma Martins (2017) que tal contexto representaria e reforçaria a ideia de que é improvável que a migração em massa venha a se interromper, seja pela falta de estímulo, seja pela crescente engenhosidade das tentativas de sustá-la. A inversão do papel de seres sociais a lógica inventada pela mídia e os meios de comunicação em massa deixou a população mais preocupada em construir muros invés de pontes.

Os condicionantes alinhados a forma preconceituosa de recepção dos migrantes, podem acarretar sérios problemas que pretensamente não resolvem as demandas, causa insegurança, e desenvolve em todos os sentidos, formas ideológicas que de forma perversa aciona todos os tipos de reações negativas na sociedade, resultado desta condição ocorre nas barreiras enfrentadas pelos migrantes ou refugiados que culminam com desemprego e violência Baptista (2017). Nessa medida, os refugiados entram na categoria de terroristas em potencial. “E com isso, como era de se esperar, a sociedade se isenta por não ter que carregar o fardo e dividir responsabilidades com o destino dos miseráveis” (BAPTISTA, 2017, p. 2).

Retornando para reflexão que se propõe essa parte da incursão sobre acolhimento na educação escolar, as questões que atravessam a melhor interpretação sobre essa temática estão relacionadas no pensamento que corroboram com as ideias de Ramos (2007), o rompimento com os paradigmas tradicionais metodológicos e teóricos em níveis de pesquisa, intervenção e formação. Com perspectivas que levem em consideração a interculturalidade vista como potencial de riqueza para o conjunto da sociedade, estrategicamente incluir a passagem do multiculturalismo para o interculturalismo, promovendo a relação das culturas sem anular as respectivas identidades. Entendendo que a perspectiva tenha que ser interdisciplinar, multidimensional, dialética por conta da complexidade que tem uma abordagem intercultural multidimensional pensando nas alteridades das identidades. Enfim, a proposta de acolhimento, passa por uma perspectiva que leva em consideração as questões psicossociais, pedagógicas sociopolítica, a interculturalidade implica em desenvolvimentos culturais, sociais, comunicacionais e o diálogo, sem deixar de lado o exercício da cidadania, a promoção de igualdade e oportunidades adequadas aos migrantes e as minorias étnicos raciais.

5 IDENTIDADE, DIFERENÇA E INTERCULTURALIDADE NA MOBILIDADE HUMANA

As discussões em torno da inter-relação das diferentes culturas se tornaram um tema recorrente no apontamento que trata sobre a educação na perspectiva crítica, inclusive no que se refere ao conjunto de técnicas da educação relacionada ao ensino. Segundo o professor universitário Tomaz Tadeu Silva (2000), mesmo que tratadas de forma marginal, como "temas transversais", essas questões são reconhecidas, inclusive pelo oficialismo, como legítimas questões de conhecimento. Para o Reinaldo Matias Fleuri este fenômeno tem implicações diretamente no planejamento pedagógico, as experiências culturais as posições sociais estão inerentes a práxis pedagógica como afirma Fleuri (2007, p. 2):

En el plano de la actividad formativa y didáctica se destacan, por lo tanto, las formas y los contenidos de la cultura interiorizada por los individuos en la vida cotidiana, la variedad de los canales y de las experiencias con que establecen contacto de acuerdo con su posición social, las síntesis de modelos – frecuentemente contradictorios – que van elaborando en el transcurso de la propia vida. En esta dirección, aparece como cuestión central en la práctica pedagógica la visión de mundo de los sujetos en formación, así como la relación entre tal visión y los modelos (de conocimiento, de evaluación, de comportamiento) transmitidos a través de situaciones educativas, particularmente en la escuela. Tal dislocamiento de perspectiva, que legitima las culturas de referencia de cada individuo, trae consecuencias para la elaboración de los métodos y de las técnicas de acción pedagógica.

Para Candau (2011), uma gama de grupos sociais, no panorama do espaço público têm ganhado maior visibilidade, tanto no Norte Global como em diversos países latino-americanos, inclusive no Brasil. Nesse prisma, as tensões, conflitos, as tentativas e diálogos e negociações se multiplicam. As diferenças culturais, estão presentes de diversas formas. Todas as questões das diferenças culturais implicam em problemáticas relacionadas a arbitrariedades, desigualdades e intolerância visíveis a partir das lutas dos movimentos sociais. Segundo a pesquisadora brasileira:

No âmbito da educação também se explicitam cada vez com maior força e desafiam visões e práticas profundamente arraigadas no cotidiano escolar. A cultura escolar dominante em nossas instituições educativas, construída fundamentalmente a partir da matriz político-social e epistemológica da modernidade, prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo, considerados como elementos constitutivos do universal. Nesta ótica, as diferenças são ignoradas ou consideradas um "problema" a resolver. (CANDAU, 2011, p. 241).

É importante ressaltar, que o tema tem relevância em diversos âmbitos da vida social, sobretudo nos espaços que representam territórios que envolvem deslocamentos constantes, a

variedade cultural com a singularidade das diferenças são terrenos férteis para estudos sobre identidade, diferença e interculturalidade. Para este estudo, serão referenciados artigos e trabalhos científicos que apontem com propriedade o cerne e os conceitos destas questões. Problematizações acerca do tema pode ser outro caminho que possivelmente emergiremos no aprofundamento da leitura.

É preciso mergulhar no campo onde se apoiam as explicações que fundamentam o conhecimento sobre identidade e diferença, indispensável para o entendimento dessa problemática. A partir desta perspectiva, é necessário conhecer de onde provém inicialmente as questões sobre identidade e diferença. Segundo Silva (2000) a identidade é simplesmente aquilo que se é, a identidade assim concebida parece ser uma positividade. Nessa perspectiva a identidade é autocontida e autossuficiente. Trata-se efetivamente da afirmação daquilo que se observa factualmente.

Não obstante, o conceito sobre identidade ganha complexidade no mundo globalizado, em pleno século XXI as reduções de barreiras que restringiam as trocas culturais e identitárias é uma realidade social, como afirma Stuart Hall (2006) as identidades das quais somos parte constitutiva não estão impressas em nosso gene, são formadas e transformadas no interior das representações culturais.

Segundo Silva (2019), vários pensadores das ciências sociais compreendem a identidade em nossos dias como fluida e fragmentada. O sujeito pós-moderno atende exatamente esse constructo social oriundos dos deslocamentos identitários e do mundo globalizado, em cada momento assume uma direção e passa por constantes mudanças graças a diversidade cultural que se define historicamente e não biologicamente. Estes sujeitos pós-modernos que fazem parte dessa conexão global com diminuição do espaço-tempo e mudanças constantes nas escalas temporais estão ligados ao conjunto de transformações culturais que troca informações de forma acelerada com diversas culturas provenientes de diversos lugares.

Objetivamente, a perspectiva do sujeito pós-moderno contrasta e distância a ideia de que possa de forma homogênea e unificada existir uma identidade nacional, ideia da qual por diversos fatores traria as questões das mobilidades humanas um certo desconforto. Como aponta Hall (2006, p. 65), “as identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdade e de diferenças sobrepostas”. Nessa linha de raciocínio, as consequências desse fenômeno de integração econômica, social e cultural do espaço geográfico sobre as identidades culturais seriam a separação ou desintegração das identidades culturais por meio da homogeneização

cultural e o declínio dessas identidades nacionais em novas identidades, por meio de identidades híbridas.

Ao pontuar e esclarecer sobre o que diz respeito à diferença, sob o mesmo prisma e na mesma linha de pensamento ela é definitivamente autorreferencial. Silva (2000) afirma que a diferença é concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é.

A identidade e a diferença coexistem e dependem uma da outra, o fator gramatical é sempre acionado quando se está tratando de identidade e diferença, ao afirmar uma identidade gramaticalmente esconde-se uma gama de características não inclusas nas afirmações que são referenciadas nessa identidade, a mesma regra ocorre com as questões da diferença. À luz desta ocultação gramatical afirma Silva (2018) que consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente com o qual se define a diferença.

Mas a forma como se apresenta a identidade e por conseguinte as diferenças têm um traço típico, uma característica específica. É imprescindível este elo que apresenta o aspecto peculiar expresso na produção cultural de cada indivíduo, e esta particularidade remete justamente à linguística. A identidade também pode ser definida como aponta Woodward (2000) por adquirir sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais ela é representada. A identidade então estabelece uma relação intrínseca com a diferença, pois para distinguir um povo, uma nação deve se ater as diferenças, resultado do produto proveniente da identidade.

A identidade bem como as diferenças a partir da definição apontada por Woodward (2000), são objetos culturais criados pelo ser humano, fazem parte da partilha simbólica disseminada por meio da linguagem, portanto resultado de um processo cultural do ser humano. Por sua vez, Silva (2011) explica que:

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2011, p. 76).

Tomemos como exemplo a vida de alguém que possui uma cultura diferente, que dispõe de tradição diferente, que fenotipicamente apresenta traços diferenciados, falando um idioma, uma língua totalmente diferente, o sujeito resolve sair de seu território de origem para conhecer outros lugares, estudar em outras línguas, passar por uma experiência nunca vivida. Essa condição é exatamente a mesma situação que o migrante passa. Como seria o acolhimento?

Como o sujeito se sente em relação a própria identidade? E como convive com as diferenças, como esse sujeito é tratado? Como as instituições o recebem?

A trajetória do migrante seja ele internacional, seja ele pertencente aos povos originários do Brasil, traz grandes contribuições para acrescentar na dimensão dos conhecimentos sobre identidade, diferenças e interculturalidades. É impossível não mencionar sobre a resistência histórica que impede o aprofundamento e o cuidado maior na busca efetiva no trato desses conceitos.

Munduruku (2019) alerta para a importância de refletir sobre a representação que as populações indígenas têm no Brasil atualmente, suas dificuldades, barreiras para manutenção da sua cultura, quais as suas necessidades e como se relacionam com o mundo atual, moderno e tecnológico.

Os resquícios do eurocentrismo, a força do poder hegemônico, direciona não só as políticas públicas, as regras do mercado, mas também aquilo que importa do ponto de vista científico. Falar dos povos originários, dos sujeitos migrantes, de temas que envolvam identidade, diferença e interculturalidade, é um exercício de resiliência bem como de atitude crítica ao colonialismo cultural. Segundo Walsh (2019, p. 19):

O que fica evidente aqui é que a colonialidade do poder não é uma entidade homogênea que é vivida do mesmo modo por todos os grupos subalternizados, e que a interculturalidade não é um conceito isolado das complexas imbricações da diferença e das histórias locais. Ao contrário, e em uma sociedade como a equatoriana, concebida nacional e internacionalmente como uma nação andina "indígena", os padrões/patrões do poder, aos que Quijano se refere, continuam sendo as marcas diferenciais de etnicidade e raça

Outra questão importante são as mudanças constantes da sociedade, os avanços científicos, bem como a globalização neoliberal. Nesse contexto, há uma preocupação por parte dos cientistas sociais com a questão da identidade, e da interculturalidade, já que têm sido fortemente afetadas pelas implementações de uma monocultura liberal e excludente. Por esta razão, na busca constante pela temática tem se revelado o desejo de diversos atores sociais, cientistas e a sociedade de forma geral, de buscar na produção científica, e nos debates as explicações para tais mudanças. Sobre a importância do debate acerca das inquietações científicas preocupadas com os novos tempos afirma Candau:

O que é novo, hoje, é a ascensão de políticas de identidade. Em contextos muito diferentes e de modos muito diversos – desde os povos indígenas da América Latina às minorias religiosas na Ásia do Sul e às minorias étnicas nos Bálcãs e em África, até os imigrantes na Europa Ocidental – as pessoas estão se mobilizando de novo em torno de velhas injustiças segundo linhas étnicas, religiosas, raciais e culturais,

exigindo que sua identidade seja reconhecida, apreciada e aceite pela sociedade mais ampla. Sofrendo de discriminação e marginalização em relação a oportunidades sociais, econômicas e políticas, também exigem justiça social. (CANDAU, 2008, p. 46).

E nesta perspectiva, Munduruku (2019) aborda em seu texto “Posso ser quem você é sem deixar de ser quem eu sou”: uma reflexão sobre o ser indígena, essas “velhas injustiças” por meio de textos cuja função principal é desmistificar, quebrar estereótipos, romper com o discurso oficial e, sobretudo, questionar os conhecimentos dos leitores a respeito dos povos indígenas. Em seu relato é identificado como os povos indígenas passaram por um convívio sofrido durante a colonização e que a história que consta nos livros é cercada de eufemismo, diante da manipulação vivenciada por esses povos, a desvalorização cultural, o “ataque” de doenças, mediante roupas, alimentos e água contaminados. Catherine Walsh complementa esse pensamento quando afirma:

A interculturalidade faz parte desse pensamento "outro" que é construído a partir do particular lugar político de enunciação do movimento indígena, mas também de outros grupos subalternos; um pensamento que contrasta com aquele que encerra o conceito de multiculturalismo, a lógica e a significação daquele que tende a sustentar os interesses hegemônicos. Além do mais, isso se relaciona precisamente com a predominância desse último pensamento, o que faz com que a interculturalidade e a multiculturalidade sejam empregadas frequentemente pelo Estado e pelos setores branco-mestiços como termos sinônimos, que derivam mais das concepções globais ocidentais do que dos movimentos sócio-históricos e das demandas e propostas subalternas. O termo, por si só, instala e torna visível uma geopolítica do conhecimento que tende a fazer desaparecer e a obscurecer as histórias locais, além de autorizar um sentido "universal" das sociedades do mundo... (WALSH, 2019, p. 20).

As reflexões acerca das questões da identidade, da diferença e da interculturalidade, estão presentes em cada espaço social, as implicações destes fenômenos no campo da educação em uma região de fronteira e de intenso fluxo migratório, vão muito além da falta de políticas públicas, tem desdobramentos importantes como por exemplo a formação docente. Para Ribeiro, Pinho e Vizolli (2020), a educação brasileira na sua origem dos tempos de colonização, é marcado pela escravização e exclusão social. Conforme afirma Ribeiro, Pinho e Vizolli (2020, p. 104):

Desse modo, a educação ainda traz em seu bojo marcas de conceitos sociais, raciais, culturais, sexuais, ambientais, políticos, estéticos e éticos. É, uma gama de elementos que atenuam as diferenças e potencializam as desigualdades e que persistem na sociedade contemporânea. Assim, é salutar pensar em processos de formação dos educadores que agreguem nas discussões as dimensões da interculturalidade e da complexidade que coadunam em uma proposição de inclusão e de integração. Esse

tipo de formação pretende banir a segregação e a fragmentação de conhecimentos dos processos educacionais formais.

A educação institucional que atravessa gerações não é homogeneizada, mas plural. As diferenças estão presentes em toda a vida, e faz parte da complexidade social. Para Ribeiro, Pinho e Vizolli (2020), a composição do sistema de ensino, obedece a um paradigma burocrático, com estruturas enraizadas, no topo das instituições, as decisões são tomadas, e os alunos ficam distantes dos acertos, a maioria das propostas geralmente são tomadas por pessoas que não tem relação com o local onde os discentes passam pelo processo de ensino aprendizagem. Por sua vez, Gimeno Sacristán (2002, p.13):

Toda ação pedagógica e toda prática têm um sentido, algumas razões que devemos entender e que, na maioria dos casos não são evidentes. As práticas também têm atrás de si alguém (sujeitos individuais ou coletivos) que quiseram realizá-las. Isso nos remete a valores que agem como impulsionadores e que nem sempre são explícitos. Desvendar o mundo dos significados da diversidade ou da diferença e ver o que se quis fazer com elas é um caminho para descobrir práticas, afinar objetivos, tomar consciência e poder administrar os processos de mudança um pouco mais reflexiva (...).

A professora Candau (2011) traz a reflexão sobre o debate atual em relação a didática, o cuidado em relação às diferenças culturais corriqueiramente, têm sido encarados como algo “externo”. Apontado recentemente como algo desconexo do núcleo da práxis escolar e das relações concernentes ao processo de ensino aprendizagem.

Não se pode negar, que outros aspectos sociais permeiam as instituições de ensino do país. A escola como espaço de reproduções sociais é uma abordagem conhecida do mundo acadêmico e das observações científicas. Para Candau (2000), não se pode dissociar a questão da violência na escola da problemática da violência presente na sociedade em geral; miséria, exclusão, corrupção, desemprego, concentração de renda e poder, autoritarismo, desigualdade, entre outras chagas em nossa sociedade.

Para Ostetto (2020) o preconceito, a discriminação, a violência, não tão novos, são utilizados como formas de negação da identidade do sujeito, o qual passa a ser considerado um intruso, alguém que ameaça a ordem, um perigo. Se o sujeito que é originário do lugar, não está livre dos processos de reprodução da violência, o migrante além das reproduções de violência citadas por Candau (2000) como feridas em nossa sociedade, segundo Ostetto o sujeito migrante sofre ainda com a repulsa e a intolerância.

Fica claro, que o fenômeno da violência, não possui apenas uma única forma, mas várias causas. Não está só nas questões da falta de políticas públicas do Estado, nas desigualdades e segregações sociais, nas questões relacionadas a regras e normas morais. Para Candau (2000) o fenômeno da violência apresenta não só uma dimensão estrutural, mas também uma dimensão cultural, ambas intimamente articuladas, exigindo-se mutuamente. Sobre as dimensões da escola ressalta Ostetto (2020, p. 3):

A educação, e particularmente a escola, pode ser observada no aspecto político-econômico, enquanto espaço de interiorização dos valores, da moralidade, da ética capitalista, assim como espaço de aprendizagem de conhecimentos e habilidades para o trabalho que mantém e reforça a diferença de classe e contribui com a manutenção e a adaptação às instituições e reprodução das relações sociais estruturantes da sociedade contemporânea. A educação também compõe os aspectos culturais, enquanto formas e práticas de aquisição do conhecimento não só relacionada ao trabalho, mas ao aprendizado de inserção na vida social, aos valores e práticas compartilhados nos grupos, ao processo de se tornar membro de uma cultura.

As consequências para o migrante, segundo Ostetto (2020), vão desde a imigração incentivada de algumas culturas, desenraizamento cultural dos migrantes, naturalização da exploração, interesse do capital na homogeneização, padronização cultural e preconceitos com migrantes e sua forma de vida. O escritor Gimeno Sacristan (2002) considera que a diversidade é uma constante histórica dos sistemas educacionais e no pensamento sobre educação em permanente relação dialética com a proclamação e a busca da universalidade da natureza humana, da qual se seduz, entre outras coisas, o direito de receber o ensino em condições de igualdade. Sobre o papel que a interculturalidade possui no sistema de ensino pontuam Ribeiro, Pinho e Vizolli (2020, p. 109):

A educação intercultural valoriza a pluralidade de culturas e a diversidade dos povos com suas identidades próprias. Neste sentido, não cabe à escola contemporânea reproduzir práticas excludentes e preconceituosas é preciso valorizar e reconhecer as assimetrias e integrá-las ao contexto escolar. Atuar com a educação intercultural e complexa é um processo constante de intervenção nas relações entre teoria e prática. A escola deve ater-se a essas epistemologias propondo diálogo para a ruptura de uma visão reprodutora e resistente. Os espaços educativos são fundamentais para legitimação da completude dos indivíduos, da subjetividade e dos seus modos de vida.

É preciso entender que a violência não se restringe apenas a violência física, ela possui uma intencionalidade mais profunda, ela busca a destruição do outro. Candau (2005), afirma que a violência não pode ser reduzida ao plano físico, mas abarca o psíquico e moral. Talvez se possa afirmar, o que especifica a violência é o desrespeito, a coisificação, a negação do outro,

a violação dos direitos humanos. É nesta perspectiva que o dia a dia da escola se aproxima da violência.

O entendimento acerca de todas as questões que envolvem o respeito a interculturalidade, a própria busca de uma didática por parte do docente que pode ser influenciado pelo meio onde construiu sua formação acadêmica, deve ser realizada de forma reflexiva para não reproduzir as questões que implicam na violência. Para Paulo Freire (1987), a realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “invasão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. A busca pela transformação tem que partir de um processo dialético dos indivíduos que se empenham na luta pela própria libertação, entendendo que no pensamento crítico é o começo da mudança, o rompimento da reprodução dos modelos opressores que condicionam as massas. Segundo o educador pernambucano:

A pedagogia do oprimido, que busca a restauração da intersubjetividade, se apresenta como pedagogia do Homem. Somente ela, que se anima de generosidade autêntica, humanista e não “humanitarista”, pode alcançar este objetivo. Pelo contrário, a pedagogia que, partindo dos interesses egoístas dos opressores, egoísmo camuflado de falsa generosidade, faz dos oprimidos objetos de seu humanitarismo, mantém e encarna a própria opressão. É instrumento de desumanização. Esta é a razão pela qual, como já afirmamos, esta pedagogia não pode ser elaborada nem praticada pelos opressores (FREIRE, 1987, p.26).

Para o teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (2014) novos argumentos pautam a nova ordem mundial. Sobre a direção do centro de importância daquilo que interessa para geopolítica internacional não consta a situação econômica, mas sim os fenômenos culturais. A crise identitária está no centro desse processo, a fragmentação do indivíduo moderno é parte do processo de mudança que altera os centros de referência das sociedades modernas, com objetivo de tornar o sujeito unificado. Nesse sentido, afirma:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização do sujeito (HALL, 2014, p. 9).

Para fundamentar uma análise mais profunda acerca da crise identitária, Hall (2014) identifica e estabelece três formas que distintamente compõem as especificidades identitárias do indivíduo. Sobre estas formas, a primeira corresponde com o sujeito do iluminismo, o

indivíduo que tinha como único centro a sua identidade, esta condição estava presente do dia do nascimento até o seu falecimento. A segunda forma, encontra-se o sujeito sociológico, nesta condição, o indivíduo constrói sua identidade por meio da interação com a sociedade, e mesmo nessa influência mútua com o meio, o controle da identidade ainda pertencia ao indivíduo. E a terceira identidade, é a do sujeito pós-moderno, esse indivíduo não possui uma única identidade, mas várias identidades. Sobre essas mudanças afirma Hall (2014, p. 12):

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão "mudando". O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

Hall (2014, p. 13) afirma que, a identidade única, completa, segura e coerente é uma fantasia, pela razão complexa da multiplicidade do sistema de possíveis identidades, que temporariamente é possível que o indivíduo se identifique com uma delas. Para Silva (2010) a globalização e seus efeitos têm afetado o mundo, principalmente no que diz respeito a cultura, neste contexto percebe-se que a globalização está na direção de uma homogeneização de culturas. Todavia Hall (2014) caracteriza esse fenômeno da globalização e seu impacto na identidade cultural, de caráter da mudança na modernidade tardia, sobre essa condição, estabelece que as sociedades modernas possuem essa característica de sociedades de mudança constante e permanente. Sobre a condição que caracteriza a sociedade da modernidade tardia afirma Hall (2014, p. 17):

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito" - isto é, identidades -para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta.

As mudanças dos indivíduos estão atreladas a transformações que o tornaram livres de seus apoios regulares nas convenções estabelecidas e nas suas estruturas, para Hall (2014) aí está a identificação do nascimento e a morte do sujeito moderno. Para isso ele esclarece que a gênese e a emergência desse indivíduo centrado foi possível devido a uma série de acontecimentos que ocorreram entre os séculos XVI e XVIII, tais como a Reforma Protestante,

o humanismo renascentista, as revoluções científicas e o Iluminismo. Com o surgimento da modernidade tardia, esse indivíduo passa pelo descentramento fragmentando-se tornando a concepção de sujeito deslocada.

Há movimentos e estudos que seguem uma ordem, e que é apontada como as cinco formas de descentramento da identidade do indivíduo, Hall (2014) aponta que Marx foi o primeiro a perceber que as ações dos indivíduos estavam condicionadas a situação material e cultural fornecido por seus descendentes, e por essa razão não poderiam ser agentes da história. O segundo momento de descentralização está nos estudos de Freud sobre o inconsciente, nesta perspectiva, as identidades, a sexualidade, e os desejos estão voltados para o campo psíquico exercendo influência sobre as escolhas que o indivíduo faz.

A linguagem estudada por Ferdinand de Saussure é, segundo Hall (2014, p.4), outra fase de descentramento, entendido como sistema social, que existe antes do indivíduo nascer, dotada de significado e em constante movimento, sem qualquer domínio do ser humano. O quarto momento de descentralização está nos estudos de Michel Foucault e estão relacionados a questão do poder disciplinar, essa condição visa o controle do comportamento físico e psíquico do indivíduo, para tanto, são criadas instituições como hospitais, clínicas, escolas entre outros espaços com a finalidade de controlar o comportamento do indivíduo.

A quinta identificação relacionado ao deslocamento do sujeito pós-moderno para Hall (2014), está relacionado ao movimento feminista, juntamente com outros movimentos sociais, nesta fase o mundo passou a presenciar as revoltas estudantis, os movimentos contraculturais, os movimentos antibelicistas, as lutas por direitos civis, os movimentos revolucionários dos países subdesenvolvidos, os movimentos pela paz. Nesse conjunto de circunstâncias o feminismo trouxe novos hábitos para a sociedade e principalmente para o homem, e esses novos comportamentos estão associados à crise de identidade, que acomete a humanidade nesses tempos.

Na modernidade, nossas identidades têm como uma das principais fontes a relação com a cultura nacional, fazemos esta identificação quando definimos o local de origem ou nascimento. Ocorre, que essa definição, é realizada de forma metafórica, pois, naturalmente, essa condição, não é uma característica herdada geneticamente. Sobre a identidade nacional Hall (2014, p. 48) diz:

O argumento que estarei considerando aqui é que, na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas; no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser "inglês" devido ao modo como a "inglesidade" (Englishness) veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma

entidade política, mas algo que produz sentido um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia de nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica (...).

Sobre a condição relacionada ao sentimento de comunidade, essa configuração só existe porque o Estado moderno utilizou cinco elementos fundamentais para sustentação e coesão da estrutura do Estado. E no espaço da pós-modernidade essa estrutura está se esfacelando. Segundo o autor, para manter uma estrutura de unidade entre os indivíduos, o Estado nacional empregou recursos para não perder sua composição: a) as narrativas da nação; b) a ideia das origens; c) a invenção das tradições; d) o mito fundacional; e) a ideia de povo puro, original. A combinação desses elementos pelo Estado nacional tornou possível, durante anos, um discurso em torno da identidade nacional unificada e coesa.

A ideia nesta parte do trabalho de abordar Stuart Hall, é apontar como se constituíram a crise da identidade, como essa condição da modernidade tardia tem deslocado as características dos sujeitos, e que a globalização tem forte influência sobre essa questão. Mesmo em contextos migratórios, os sujeitos que passaram pela diáspora não se reduziram a uma única forma de identidade, e que negociando com novas culturas, a flexibilidade daria condição de suportar e ajustar a convivência com a pós-modernidade. Daí porque nessas explicações observamos que existem movimentos do Estado que contribuem para certos comportamentos em relação a migração, Hall (2014, p. 56) afirma:

As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele "tempo perdido", quando a nação era "grande"; são tentadas a restaurar as identidades passadas, este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional. Mas frequentemente esse mesmo retorno ao passado "oculta" uma luta para mobilizar as "pessoas" para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os "outros" que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a frente.

Esse comportamento da expulsão do outro como forma de defesa da identidade cultural nacional, está em desacordo com os costumes, ferem na realidade o princípio básico da identidade, não constroem sociedades, pois, a ideia é não socializar, não solidifica a humanidade, por conjuntura, dão vazão a comportamentos inaceitáveis, com misturas de sentimentos que remetem a população ao ódio, receio, hostilidade, rejeição, intolerância, e julgamentos contra sujeitos cuja suas características sociais, culturais e políticas sejam diferentes.

6 AS VOZES DOS SUJEITOS DE ACOLHIDA E ACOLHIMENTO

Este capítulo analisa os resultados da pesquisa de campo e apresenta o aprofundamento do tema acolhimento no âmbito da rede de ensino. Assim, se apresenta as perspectivas dos diferentes atores da rede de ensino sobre acolhimentos aos estudantes migrantes.

6.1 O SIGNIFICADO DE ACOLHIMENTO PARA OS ALUNOS, ESCOLA E PROFESSORES

Na perspectiva de alguns alunos brasileiros que foram entrevistados, a palavra acolhimento tem o significado de ajudar, receber bem, proporcionar um tratamento favorável e ser apoio para quem precisa, como pode ser percebido nos depoimentos: “Acolhimento é o acolher de uma pessoa, ajudar ela, tipo uma pessoa que tá na rua, acabou de chegar de um estado diferente o país aí você vê a situação dela e ajuda ela” (AB1)⁶. Já para AB2, “acolhimento é receber bem, tratar a pessoa bem não importa o país que ela seja, sempre tratar ela bem”. A ideia de ajuda vinculada a acolhimento está presente em outros alunos brasileiros: “Ajudar quem necessita de ajuda” (AB5); “Acolher ao próximo, ajudar” (AB6); “Ajudar a apoiar os que chegaram agora, e tipo ajudar eles, a se enturmar, eu acho que isso é acolhimento para mim” (AB7).

Para alguns alunos venezuelanos a palavra acolhimento é semelhante ao que foi posto pelos alunos brasileiros, sendo evidenciado como “receber bem”, “ajudar”, e ofertar cuidado: “Acho que é uma palavra que se refere a receber pessoas na sua casa, ou em qualquer lugar que esteja passando necessidade, como a própria palavra diz, acolher, acolher pessoas” (AV1); “Acolhimento é quando você ajuda uma pessoa que tem necessidade, dá conforto no seu lar, isso” (AV2); “É uma forma de cuidado, de ajudar” (AV6).

Fica evidente que na visão dos alunos, o acolhimento está relacionado ao tratamento, ao atendimento das necessidades, ao cuidar prestando assistência, compartilhando os momentos de dificuldades. A práxis docente por excelência têm esse papel importante de acolher, de recepcionar e proporcionar um espaço agregador, inclusivo, que atrela a construção do conhecimento observando as diferenças, a riqueza da interculturalidade, no convívio com trocas

⁶Considerando os aspectos éticos da pesquisa, a identidade dos participantes fora submetida a sigilo, os quais foram identificados por siglas referente ao grupo social ao qual pertence. No caso dos alunos venezuelanos, sigla “AV”. Para os alunos brasileiros, sigla “AB”. Para professores, abreviação “PROF”. E no caso da gestão da escola, a sigla “GE”. Todos receberam um numeral após a identificação por código somente para diferenciar um participante do outro.

abundantes de experiências. Para o pensador Gimeno Sacristan (2002) toda a atividade e execução pedagógica têm um sentido, algumas razões que temos que compreender, e que na maior parte das vezes não estão evidentes, pois, às práticas também são dotadas de sentido que têm como alvo os sujeitos, os alunos, de forma coletiva ou individual, sendo este o caminho para harmonizar a práxis, organizar os objetivos, avaliar os processos e propor as mudanças.

Sobre o significado de acolhimento, a coordenadora da escola Maria das Dores Brasil aponta o entendimento da instituição à respeito do acolhimento:

O acolhimento é receber o aluno de forma diferenciada com mais empatia, tentando entender por que ele está vindo a escola. Entender o aluno como uma pessoa com necessidades, com fragilidades, tentar acolher esse aluno da melhor forma possível (GE1).

O acolhimento em sentido amplo, trata-se de ouvir atentamente o sujeito acolhido, de compreender e auxiliar nas necessidades que convergem para o seu desenvolvimento pleno enquanto sujeito e cidadão, observando suas diferenças, respeitando suas origens, sua cultura, sem distinção ou práticas preconceituosas, compartilhando as experiências e trocando conhecimentos.

A escola evidentemente é um espaço importante de integração do aluno migrante. É neste local de ensino que os discentes migrantes, que são uma parcela considerável dos sujeitos em deslocamentos, são recepcionados em um país diferente. Por essa razão, segundo a socióloga Tania Mara Passarelli Tonhati (2019), essa população merece uma atenção singular, um olhar com maior acuidade em relação a inserção desses sujeitos na educação do país.

São importantes o clima amistoso e os bons preceitos a respeito do acolhimento observados nas respostas dos alunos nesta pesquisa. O exercício correto da formação cidadã implica no afastamento de práticas preconceituosas, excludentes, discriminatórias, que em nada contribuem para soluções de problemas que estão no seio da sociedade, pelo contrário, causam tensão, provocam desigualdades e desequilíbrios sociais. Para Ramos (2007), é preciso rechaçar os paradigmas arcaicos em todos os níveis, seja pesquisa, extensão, intervenção e formação, levando em consideração a interculturalidade, a promoção de relações culturais sem anulação da identidade, pensando dialeticamente em uma perspectiva interdisciplinar, multidimensional e nas alteridades das identidades.

Portanto, é imprescindível atrelar a práxis profissional a adoção de medidas que estejam diretamente relacionadas ao planejamento pedagógico a fim de proporcionar uma

variedade de canais de experiências entre os indivíduos, como pensa Reinaldo Matias Fleuri (2007) sobre a elaboração e métodos de técnicas pedagógicas.

Interessante verificar que alguns relatos de alunos venezuelanos associaram a definição de “acolhimento” com seus pais: “Meus pais” (AV3); “Meu pai e minha mãe” (AV4); “Mamãe e papai” (AV5).

Nestas respostas em que os discentes mencionam como acolhimento os seus pais, entende-se que o acolhimento tenha o mesmo significado dos sentimentos de afetuosidade como parte da característica que este conceito de acolhimento representa para eles. Esse sentimento puro, natural da relação que se estabelece no seio da família, é o tipo de valor significativo que é atribuído pelo discente migrante no que concerne o acolhimento, trata-se de uma relação de confiança, respeito, cuidado, carinho, responsabilidade, afetuosidade vivenciados na relação de pais com filhos como aquele que deve nutrir o desenvolvimento pleno, ou seja, físico, emocional, psicológico e social da criança.

A definição de acolhimento também surgiu nos relatos já associado à sua condição como migrante. A própria experiência de chegar em um outro país e necessitar se inserir em diferentes grupos sociais, pode ter levado a construir essa conceituação. Os alunos venezuelanos expressaram: “Aceitar, sem preconceito com as pessoas” (AV7); “Entendo por acolhimento quando uma instituição, um grupo de pessoas de alguma forma te acolhe e aceita, sua personalidade, sua nacionalidade, de onde você vem, tudo é feito como uma aceitação” (AV8).

A busca por aceitação nas respostas sobre o acolhimento por parte dos alunos migrantes suscita novamente o debate sobre os cenários de violências, de segregação e preconceitos sofridos pelos sujeitos que vivem as diásporas. Para Ana Carolina de Souza Ostetto (2020) essas formas de constrangimentos, crueldades e opressões são na realidade a negação da identidade do sujeito; para Candau (2000) o migrante está inclusive à mercê da reprodução da violência local, além desses tipos de violências; o migrante passa ainda pela repulsa e intolerância, segundo Ostetto (2020). É preciso romper com os paradigmas que reproduzem a violência, por essa razão, segundo Paulo Freire (1987), menciona que a busca pela transformação é um papel dialético dos indivíduos, além de um processo histórico lutar pela libertação e contra os poderes de opressão que reproduz a violência contra o povo é uma necessidade que envolve a práxis para mudança da realidade.

Por outro lado, alguns alunos brasileiros demonstraram falta de conhecimento ou desinteresse quando questionados sobre o seu entendimento a respeito de acolhimento, demonstrando, em suas falas, um vazio de informações. Por exemplo: “Sei não” (AB3); “Acolhimento, como assim mais ou menos? Rapaz, não entendo muito bem... Precisa ter muitas

atividades, atividades inclusivas para se interagir.” (AB4); “Acolhimento, eu acho que só entendo pelo abrigo dos venezuelanos, fora a acolhida aqui no Brasil. Só isso” (AB8).

É importante destacar o fenômeno migratório na mesma perspectiva que a pesquisadora Maria Marcia Oliveira, dentro do contexto que concerne a questão do acolhimento está o fato social que é o fenômeno da migração, e este fato social não é, por assim dizer, um fenômeno novo, mas que nas falas dos alunos aqui demonstradas, é algo estranho, apesar do estado de Roraima se localizar a leste e a nordeste, fazendo fronteira com a Guiana Inglesa, ao oeste e ao noroeste com a Venezuela. Vale a pena lembrar que a migração é uma ação que acontece num contexto social complicado que implica em transformações que apontam mudanças, e que os fluxos migratórios têm origens diversificadas e dependendo do tipo de migração os sujeitos migrantes podem estar vulneráveis e à mercê de violência do tipo “simbólica” e concreta, em toda sua condição de existência.

O desinteresse e o vazio de informações por trás das respostas dos alunos acerca do significado de acolhimento podem ter raízes na falta de informações que ocorre de maneira sistematizada e bem arquitetada. Um dos traços do fenômeno migratório está na ideia de que a sociedade forma a partir daquilo que os meios de comunicação propagam a respeito da migração, como bem alerta o sociólogo polonês Zygmunt Bauman 2001, a repulsa, o pavor, a antipatia são os tipos de sentimentos formados no seio da sociedade que acabam por tensionar, afastar, isolar os sujeitos de estabelecerem uma relação com o indivíduo que é diferente.

A invisibilização desses sujeitos que migram é outra realidade pertinente a esse quadro de apatia por parte dos alunos no que tange a resposta rasa e pobre de informações a respeito do acolhimento. O sentido de invisibilização é o mesmo que é apontado pelo filósofo Cândido Grzybowski (2019) como grupos humanos concretos, que podem variar em tamanho conforme os territórios em que vivem na sociedade, mas são condenados pelos processos e estruturas sociais vigentes a viver à margem, em estado de exclusão social, destituídos de cidadania e das condições mínimas de dignidade humana. Na realidade, eles estão no seio da sociedade, mas não são reconhecidos como parte e por isto sistematicamente invisibilizados de algum modo pelos padrões de “normalidade” legitimados e dominantes. Por esta razão mesmo, tendem a ser desprezados, reprimidos e até assassinados.

Outra questão que surge correlacionado ao tema acolhimento, diz respeito a xenofobia e conflitos de disputa, seja por atenção, seja por reconhecimento de empenho nos estudos e atividades educacionais: “Que a gente tenta incluir eles, mas às vezes é um pouco difícil, porque tem uma certa rivalidade, às vezes de interesse, ou também por xenofobia mesmo de alguns alunos” (AB10).

Faz parte do desdobramento de violência que estão sujeitos os migrantes, as dificuldades econômicas, o protecionismo cultural, a realidade política são estigmas que os migrantes têm de enfrentar por conta da insegurança e das mazelas locais. A xenofobia, as agressões, as difamações, como afirma a pesquisadora Beatriz Patrícia de Lima Level (2020), todo sentimento aversivo aos infortúnios que atentam contra o povo local oriundo ao período anterior à crise humanitária é canalizado para os sujeitos migrantes.

Não obstante do cenário que perpetra violências contra a população que migra para o país e a evidente falta de políticas públicas para mudança desse panorama, existe a preocupação de como as instituições se organizam para evitar que o acesso e o apoio para os estudantes oriundos desses processos de deslocamentos não sejam fragmentários. É por essa razão que o acolhimento é um instrumento importante para a construção de uma educação que atenda às necessidades dessa população que é parte integrante do meio social de construção e consolidação da história do país.

A coordenadora da escola que aconteceu a pesquisa aponta as ações que são empregadas para receber os discentes migrantes, uma triagem sobre o que o aluno possui de conhecimento nas variadas disciplinas é feita, com ênfase na área de linguagem, e mediante essa triagem é traçado uma espécie de planejamento.

A gente tenta primeiro adequar, apesar de estarmos no Brasil, mas a maioria dos professores e dos trabalhadores da escola, dos colaboradores já começaram a entender um pouco da linguagem espanhol que o imigrante vem, então a gente responde em português, mas a gente entende o espanhol. A gente tenta no primeiro bimestre, reforçar as aprendizagens às competências que não foram trabalhadas com o aluno principalmente na área de linguagem (GE1).

Como aponta Nascimento e Moraes (2021) o acolhimento está relacionado a escuta cuidadosa, aferindo confiança, importância, introjetando nas relações o aspecto da construção de vínculos. E essa aproximação de relações implicam exatamente na interação do docente, os familiares e os discentes que acaba resultando em confraternidade e segurança nas relações.

Por outro lado, os docentes pontuam em algumas falas sobre o significado de acolhimento em suas respectivas concepções. É relatado o reconhecimento do aspecto da diferença, de dar atenção, assimilando e compreendendo as dificuldades dos alunos migrantes, tornando o espaço escolar receptivo e de interação, percebendo a prática como uma forma de realizar ações que visam transformar e fazer a diferença considerando toda singularidade das diferenças culturais. Entre elas:

Bom o acolhimento, ultimamente tem sido muito usado essa palavra né, mas o que seria esse acolhimento? Eu tenho me feito esse questionamento, mas assim, dentro da minha realidade, acolher o aluno é trazer ele e fazer com que ele se sinta bem dentro do espaço da escola. Que as vezes a escola acaba sendo um refúgio para muitos, é o momento que eles têm de interação com os colegas, é um momento de distração também, não só de formação em relação aos estudos, mas de formação enquanto um ser social. Um espaço ali que agrega outras coisas, não só essa questão da educação formal (PROF1).

Outros indicaram que: “Acolhimento para mim, é fazer com que a pessoa se sinta parte de um grupo de pessoas, no caso a escola. Acolher também é se colocar no lugar das pessoas procurando entender suas dificuldades” (PROF2); “Ah, o acolhimento é receber o cliente, no caso do aluno, dando perspectiva que ele possa continuar naquele processo de aprendizagem” (PROF4); “Que eu entendo de acolhimento é você receber alguém e também ser recebido, receber e ser recebido. É uma recepção que ela pode ser boa ou ruim” (PROF5).

Para alguns professores, o acolhimento é mais do que receber as pessoas, como advertem os professores 3, 6 e 7:

O acolhimento eu entendo que não é apenas o ato de receber a pessoa, mas dar atenção, ter consideração, e entender o quão difícil é estar ali. É fazer a pessoa se sentir bem, bem-vindo ao ambiente, ao local, no caso dos imigrantes, fazer com que os estrangeiros se sintam bem-vindos, que eles também pertencem àquele lugar, que fazem parte daquele grupo, no nosso caso a escola (PROF3).

Embora seja uma palavra conceito né, particularmente é um conceito extremamente amplo que a gente pode ter várias definições, mas, eu acho que acolher é antes de mais nada um gesto humanitário onde a gente se esvazia de tudo e qualquer princípio que a gente possa ter, princípio esse que eu falo no sentido assim de diferenciação de Cultura, de religiosidade de língua, de conhecimento, de riqueza, para se tornar e estender a mão para esse outro, esse outro que se aproxima da gente justamente nesse momento que ele está vazio de tudo isso e muito mais, além do que, assim, existe alguns teóricos né que diz que aquele que precisa da acolhida, é justamente aquilo que até disso ele se desprovê, ele não tem isso que supostamente daria a ele essa segurança, esse equilíbrio mínimo possível para ele se manter na dignidade, se manter é no orgulho, se manter, palavras que a gente pouco tem usado mas que sempre existiram né, nessa fortaleza do ser humano de não ter que se sujeitar a outro, se sujeitar a uma outra instituição, a gente escuta muito falar nesse princípio assim o que é que o estado faz para acolher por exemplo o mendigo? O morador de rua? O que é que o estado faz para acolher o migrante? Para acolher aquele que não se encaixa dentro daqueles quadros que a gente tem como normais, entenda normais aquela pessoa que consegue encontrar um trabalho, consegue encontrar assim uma assistência algo com mais facilidade, uma educação, uma formação, uma matrícula na escola, e esses que não conseguem é justamente esses que precisam mais desse termo que a gente pode definir como acolhida. Então assim, definir o termo enquanto conceito para mim extremamente difícil, mas para mim, fica mais fácil definir enquanto uma prática moldada de ações como diria alguns teóricos, práticas, praxes que transforma e faz a diferença. (PROF6)

O que eu entendo por acolhimento... bom como a própria palavra diz, esse acolhimento significa para mim um sentido de receber esse aluno, de tratá-lo considerando todas as diferenças culturais, de dar um conforto para ele já que ele é, vamos dizer assim culturalmente diferente de nós e da maioria dos alunos da escola, então na minha compreensão, o acolhimento é então essa maneira de receber, de conduzir toda a relação desses alunos imigrantes na escola né considerando que esses

alunos são culturalmente diferentes dos nossos alunos e estão em condições de imigrantes, que muitas vezes envolve a questão de pobreza, envolve a questão de instabilidade do lugar onde está, considerando todas essas questões. Daí então acolhimento é receber esse aluno considerando as suas especificidades como migrante (PROF7)

Os professores também responderam como eles trabalham o acolhimento dentro da sala de aula. É possível perceber que alguns professores não levam em consideração o papel importante da interculturalidade na elaboração dos respectivos planejamentos, outros professores já enxergam as turmas para qual lecionam como turmas homogêneas, dessa forma há exclusão e invisibilidade dos alunos migrantes que possuem identidade heterogênea ao aluno brasileiro. Por outro lado, alguns professores apontam estratégias e fazem triagem nos inícios das aulas para promoção da interação, já outros professores, aproveitam esses momentos para fazer intervenções no sentido de afastar as práticas xenofóbicas e preconceituosas: “ Bom, eu procuro receber o aluno com o máximo de atenção possível, até porque eu já tenho, já sei que ele não fala o meu idioma, então tem que ter mais aquela atenção e tento interagir com ele normalmente. Geralmente eu coloco ele em grupos para também interagir com os outros alunos e assim ele se sentir melhor” (PROF5); “No primeiro momento, tentando entender, se ele está me entendendo na parte principal da linguagem, se ele entende português, o pouco do conhecimento que ele tem da história, da geografia brasileira. E a partir daí eu vou começar a trabalhar o aluno” (PROF4).

Em algumas turmas, a gente vê que eles são um pouco retraídos, primeiro pela questão da língua, e às vezes isso acaba sendo uma dificuldade para eles interagirem não só com o professor, mas com os colegas que são brasileiros também, mas é tentando me aproximar, as vezes no intervalo, tento conversar com eles, saber um pouco da realidade, de onde eles são, porque a Venezuela é muito vasta né, então saber de qual região eles são (PROF1).

(...) juntamos alunos mistos conversando de forma harmoniosa, por mais que encontre resistência, mas, é possível que na medida em que você for fazendo assim insistindo, essas resistências vão se flexibilizado até se quebrar. E existe outros fatores também, até porque, as tecnologias nos permite muito, então por exemplo assim, uma das formas que eu acho que é possível fazer é, vê isso é logo nos primeiros dias de aula, assim que eu entro em sala de aula logo nos primeiros dias de sala dele e de aula do início do ano, eu busco por exemplo, saber qual são os alunos que existe em sala de aula de língua e também de cultura diferentes da minha, então assim eu tenho entrado em sala de aula com alunos de língua francesa por exemplo, temos muitos haitianos que estão aqui com a gente, e um grande número de língua espanhola, adivinhas principalmente da Venezuela, então assim, hoje não custa nada você fazer pequenos textos, e usar as tecnologias para traduzir esses textos em língua espanhola, e você faz cópia e entrega para esses alunos, que eles vão poder ler, e o mais interessante você faz uma cópia no idioma deles e uma cópia no idioma nativo, perguntas e tudo mais, e peça para eles escreverem tanto dando resposta no idioma deles como no seu idioma, para isso ele tem os dois textos que é muito similar e vai facilitar e favorecer que ele vá aos poucos assimilado essa essas pequenas similaridades de aproximação de acolhimento (PROF6).

A minha parte, na sala de aula, eu tento, de certa forma, conversar um pouco com eles, me aproximar um pouco deles e me colocar sempre a disposição deles assim entende? Às vezes faço alguma tradução dependendo de alguma situação que eles não compreendem em sala de aula. Por exemplo, agora eu estou trabalhando com o tema migração, com todo o cuidado para que eles não se sintam ofendidos com essa questão da xenofobia e tudo isso... então dentro da sala de aula eu já tento construir um discurso ou já tento chamar a atenção no sentido de conter qualquer forma de xenofobia. Então a minha posição na sala de aula já é no sentido de deixar claro que qualquer atitude contra o imigrante já é uma atitude de violência e deve ser evitada. E eu procuro me aproximar deles assim, falando um pouco em espanhol com eles e conversando um pouco sobre a vida deles, para que eles possam se abrir e assim poder fazer um canal de comunicação (PROF7).

Sobre a forma de trabalho com acolhimento externado pelos professores, há uma fala que remete a tudo aquilo que é de mais evitável sobre o conceito mais básico de acolhimento, que evidencia justamente às questões preconceituosas, que acentua o processo de invisibilização, característico de visões fechadas, não abertas ao processo da interculturalidade, pertinente do trabalho e da produção de planejamentos engessados, homogeneizantes e generalistas, que esquece a identidade, a cultura e as singularidades dos discentes provenientes da migração. Essa dura constatação é observada na seguinte fala: “Eu recebo os alunos venezuelanos de forma natural, sem um tratamento especial como se ele já fosse um aluno brasileiro como os outros, uma vez que os alunos estrangeiros já vivem algum tempo em nossa cidade em nosso estado, que já se encontram integrado em nossa sociedade, então já são tratados igual aos outros alunos” (PROF3).

Evidentemente que o acolhimento é um forte instrumento que é capaz de fazer toda diferença na prática e no sucesso do ambiente escolar inclusive no processo de ensino aprendizagem, tornando possível a condição para que o aluno migrante possa atingir o seu pleno desenvolvimento nos mais variados aspectos, seja ele o cultural, o interpessoal, físico, emocional e social. Definir o acolhimento é uma tarefa extremamente complicada, pode ser que haja infinitas formas e conceitos de acolhimento, mas o acolhimento que faz a diferença está no emprego da prática moldada de ações que compreende o sujeito em toda sua integralidade, com sua identidade, com sua cultura, com suas diferenças, com seus sentimentos, impressões e experiências, que está ali para ser atendido, ouvido e respondido de forma digna, respeitosa e sem distinção, ou qualquer tipo de preconceito, esta definição autoral é basicamente relacionada ao sentimento de empatia e naquilo que a pesquisa apontou de forma geral nos pensamentos de toda a comunidade educacional bem como na sintetização dos achados nas diversas literaturas a respeito do tema.

6.2 A INTERAÇÃO DOS ALUNOS MIGRANTES COM OS DEMAIS ATORES DA REDE DE ENSINO

Nesta categoria é evidenciado relatos sobre a interação dos alunos venezuelanos com os demais atores que fazem parte da rede escolar no Brasil: alunos, professores e coordenadores brasileiros. Posteriormente, os professores apontam como esses ocorre a interação entre os alunos brasileiros e alunos migrantes.

No que se refere a interação entre os alunos de diferentes nacionalidades, há relatos de alunos venezuelanos que demonstram pouca troca com aluno brasileiro, o que foi justificado por se considerarem pessoas de pouca socialização e assim com dificuldade de se aproximar das pessoas de modo geral: “Eu diria que não sou uma pessoa muito sociável, só falo com quatro pessoas em sala de aula, mas já tive conversas com brasileiros, mas não muito, mas acho normal como qualquer colega” (AV1); “Não conheço alguns porque às vezes não sei socializar” (AV5); “Bem minha personalidade não é muito extrovertida, então nem com venezuelano eu converso tanto assim” (AV6).

A busca pela socialização é um processo que está em maturação, que precisa ser paulatinamente buscada. As carências e dificuldades estão presentes em todos os contextos da realidade do migrante. Como parte do sistema de ensino brasileiro, o estudante migrante inclusive é aquele que será a principal chave da integração da sua família com a sociedade. A participação de todos os agentes que compõe o sistema de ensino é de suma importância para garantia do pleno desenvolvimento dos discentes oriundos dos processos de deslocamento.

É percebido que a interação entre alunos brasileiros e alunos venezuelanos acontece, mas de modo raso, sem maiores vínculos, podendo até ser atribuído a diferença de idioma, conforme mencionado: “Aqui ocorre assim, nós tentamos entender como é que eles falam e também a gente tenta falar mais ou menos como eles falam para não ter problema em sala de aula e ajudar eles que não sabem português direito e nós temos que ajudar”(AB1); “Eu tento entender um pouco o que eu não entendo muito bem, mas eu converso sim, eu tenho amizade com os migrantes, e eu converso bastante com eles para tentar entender um pouco” (AB2); “É um pouco difícil, por não entendermos a fala deles. Mas dá pra entender um pouco. Tem alguns que consegue desenvolver a nossa língua e dá pra entender” (AB8).

Também agregou AB7:

Bom, eu falo com eles, como a nossa turma é de imigrantes e brasileiros, não é só tipo a gente não. A gente vive em grupinho, cada um tem o seu grupinho, tem o grupo de imigrante que eles mesmo preferem ficar com eles mesmos. Nós brasileiros com nós

mesmos, mas sempre tem interações na sala. Falamos com todo mundo sem se preocupar (AB7).

Ocorre que esta questão da interculturalidade no âmbito educacional é um desafio importante que instiga a práxis do professor e as visões habituais no cotidiano do espaço escolar. Essa preocupação da escola como espaço de reprodução de políticas sociais e de conhecimento do ser humano, que busca a uniformidade, homogeneidade todos os elementos constitutivos da universalidade, é uma condição preocupante que é abordada pela Doutora Vera Maria Candau. O sentido dessa conjuntura de informações tem um objetivo de excluir as diferenças ou de considerar essas questões das diferenças como um problema a ser deliberado.

As diferenças são parte do constructo social, e são impossíveis de excluir da vida do ser humano, pois fazem parte da identidade do sujeito, para Stuart Hall (2006), a identidade do qual somos parte integrante, é formada e transformada no interior do conjunto das formas simbólicas que tratam sobre valores, crenças, conhecimentos, sintetizados no significado de culturas.

A pós-modernidade contrasta com esse tipo de pensamento que visa uniformizar, homogeneizar os sujeitos. No mundo moderno, as interações ocorrem de forma célere, a globalização e os fluxos identitários estão constantemente mudando e provocando trocas culturais. Para Silva (2019) assim como para Hall (2006) o sujeito pós-moderno não cabe em uma identidade uniformizada e homogênea, as diferenças, as condições da globalização, a interação oriunda dos deslocamentos, dão vasão para o surgimento de uma identidade híbrida.

Inclusive foi dado uma ênfase na relação entre o idioma nativo e como isso pode gerar benefícios ao outro, como por exemplo o aprendizado de outro idioma: “Eles têm palavras diferentes, que eu às vezes eu não consigo entender aí eu peço para ele falar mais devagar para mim poder entender. Eu acho bem legal” (AB2); “Como eles se comunicam entre eles, e a interatividade deles também é muita coisa, a gente também aprende uma nova língua com eles também” (AB7).

A fala de dois alunos evidenciaram que a diferença de nacionalidade não interfere na interação: “Normal, tipo pra mim não tem diferença” (AB5); “Me dou bem com eles, converso, são legais” (AB6).

Da mesma forma, alguns alunos venezuelanos também retratam em suas falas uma relação amigável, onde há trocas e socialização com os alunos brasileiros: “Olha tenho muitos amigos brasileiros já, bons colegas de estudo. Em outras salas também e me desenvolvi bem fazendo amizades” (AV2); “Eles são amigáveis” (AV3); “Boas experiências, não tenho nenhum problema com eles” (AV4); “A verdade é que com eles essa relação é boa, profunda” (AV8).

As questões das diferenças observadas pelos alunos que percebem essa característica positivamente no grupo de alunos migrantes, é parte da construção do sujeito pós-moderno, proveniente do mundo globalizado, entende-se que a diferença e a identidade coexistem compreendendo que a diferença é um produto derivado da identidade como afirma Silva (2000).

A forma que é observada pelos alunos brasileiros em destacar os traços da diferença, é justamente uma característica oriunda da identidade desses discentes migrantes, é o aspecto da linguística. A pensadora Kathryn Woodward (2000) identifica que a linguagem é um ponto que dá sentido a presença da identidade como parte de um sistema simbólico, e que sua percepção é sentida graças a diferença existente entre os sujeitos que compartilham culturalmente experiências no mundo social.

Já outros alunos brasileiros demonstram não ter interação e nem interesse em promover essa interação com os alunos migrantes, como AB3 e AB4: “Pra falar a verdade, eu nem falo com eles direito, então falo pouco com eles” (AB3); “Eu não sou muito chegado... Alguns [alunos brasileiros] eu vi que ocorrem muito, mas comigo não” (AB4).

O sistema educacional está na maioria das vezes está inábil para lidar com as questões da interculturalidade, pois obedece a um engessado padrão burocrático que não conhece a realidade diversificada da sociedade que compõe o próprio sistema. Como os pensadores Pinho, Ribeiro e Vizolli (2020) pontuam essa questão, as decisões no sistema de ensino brasileiro são tomadas por sujeitos que desconhecem a realidade dos alunos que estão passando pelo processo de ensino aprendizagem.

Alguns alunos migrantes, ao ser indagados sobre as interações no ambiente escolar, responderam não ter sentido discriminação, rejeição ou qualquer tipo de preconceito: “Achei normal, pelo menos comigo não houve discriminação, e nada disso, quer dizer, normal” (AV1); “Não tive assim, por causa de eu ser venezuelana, estrangeira, esse afastamento” (AV6); “Na verdade, desde que cheguei aqui me sinto muito bem aceito, aliás, me sinto bem com o ambiente, com os colegas, com os coordenadores” (AV8).

Os professores também pontuaram em suas respostas sobre os momentos de interação. Há relatos de dificuldades com o idioma, também há exposição de estratégias para que ocorra a interação da melhor forma possível. Têm ainda relatos de observação de prática preconceituosa por parte de alguns alunos que sempre é rechacada pelos docentes, entretanto, a maior parte dos professores entrevistados pontuaram que as interações ocorrem de forma natural, inclusive parte dos docentes relatam buscar essa interação que sempre é prontamente atendida pelos alunos com receptividade. Chama atenção os relatos onde as formas de tratamento é a mesma dispensada para o aluno brasileiro, homogeneizando assim todos os

alunos: “Eu procuro interagir com eles do mesmo modo que interajo com alunos brasileiros, conversando, procurando saber sobre a vida, explicando o assunto, perguntando se entenderam, caso não tenham entendido eu repito novamente a explicação para que assim não estejam com nenhuma dúvida” (PROF2); O PROF1 relata:

Eles são muito receptivos também, eu acho que assim, não sei se as dificuldades também de dialogar com os outros né, mas assim, quando você busca conhecer, eles são muito abertos, quando você puxa conversa e fala sobre o cotidiano dele, de onde eles eram, busca saber um pouco mais sobre a cultura, então eles são muito abertos para dialogar. Mas eu penso que as vezes dentro de sala, uma das coisas que dificulta é essa interação entre eles mesmo, entre alunos, porque já tem aquele preconceito, de que os venezuelanos são isso, são aquilo, os venecas como a gente escuta muito dentro da sala de aula pelos alunos brasileiros, é uma coisa que a gente vem debatendo sempre no nosso cotidiano, que é essa questão do respeito, e tentar também trazer um pouco de empatia por parte dos brasileiros, e aí você coloca situações tipo imagina se fosse você né no lugar do outro como seria? Está num espaço novo, com culturas diferentes, com a língua diferente? Então, a gente tenta aproximar (PROF1).

Outros expressaram:

Eu tento ter uma relação mais próxima, além daquela do professor aluno, e é importante conhecer um pouco da realidade atual, de quanto tempo ele está no Brasil, aonde ele está morando e como que ele chega na escola. A questão do transporte, a questão da alimentação, pai, mãe, irmãos, para poder ter uma forma de entender a realidade que ele está vivendo. Não adianta só classificar ele, olha ele é aluno nota três, de zero a dez, porque tem tudo isso por trás que influencia negativamente no caso (PROF4).

(...) eu sempre gostei de idiomas, sempre gostei muito de estudar, eu realmente sou muito suspeito, primeiro que eu fiz espanhol na universidade federal lá no curso de extensão, e aí cheguei a me informar lá, (...) então assim, essa relação de como você dá como você faz com esse migrante, esse diferente né, graças a Deus ela tem si dado de uma forma muito harmoniosa, muito tranquilo, diferentemente do que as pessoas falam, nunca tive problemas, nunca tive problemas de discussões de confusões né, eu acho que essa relação com eles, possivelmente outras pessoas tenham tido e eu respeito muito a opinião das outras pessoas, mas em relação a mim, eu não posso dizer que tive relações a eles a nenhum deles, inclusive os meus próprios, eu tenho um tido mais discussões, mais dificuldades em sala de aula com alunos que são brasileiros do que com migrantes. Nas nossas reuniões pedagógicas, por exemplo, nossa média é de três mães ou de três pais de alunos venezuelanos para cada um dos filhos de brasileiros que estudam nas minhas salas de aulas, então você veja, como é uma coisa que chama atenção nessa relação (PROF6).

A interação acontece assim a partir de conversas mais de canto, a partir do momento de querer tirar dúvida com o professor. E entre eles, eles acabam formando um grupo, acaba formando as tribozinhas. O grupo de venezuelanos que é especificamente o que mais a gente tem. A gente não tem mais alunos haitianos, tem 2 alunos cubanos e o restante é venezuelano. Então eles interagem uns com os outros, com os venezuelanos assim sabe e a interação com o professor se dá normal, como a interação com qualquer outros alunos (PROF7).

Por outro lado, chama atenção uma das falas por parte de professores sobre interação:

“Minha relação com os alunos imigrantes é muito boa, muito natural. Na verdade, eles já

são tratados como se fossem brasileiros, eles são muito integrados ao nosso ambiente escolar, aos outros alunos e a todos os professores, tudo normal” (PROF3). Esta fala da PROF3 menciona o aspecto da normalidade com uma condicionante, de que só há normalidade se a presença do discente migrante apresentar caráter homogêneo, aparentemente esse aspecto recorrente, de forma pontual, externa a tendência de confundir igualdade de oportunidades com homogeneização no sentido de sepultar as diferenças esquecendo as dimensões sócio-históricas e cultural. Para Candau (2011) é indispensável instrumentalizar didaticamente a escola para trabalhar com a diversidade. Nem a diversidade negada, nem a diversidade isolada, nem a diversidade simplesmente tolerada. Também não se trata da diversidade assumida como um mal necessário ou celebrada como um bem em si mesmo, sem assumir seu próprio dramatismo. Transformar a diversidade conhecida e reconhecida em uma vantagem pedagógica, este parece ser o grande desafio do futuro.

Os professores também pontuaram sobre a relação dos alunos brasileiros e alunos venezuelanos na escola, a maioria dos docentes informaram na pesquisa que no início da migração e da crise migratória, a relação entre alunos brasileiros e migrantes era mais tensa, porém, hoje em dia a tensão demonstra ter se dissipado. Esporadicamente os professores notam casos isolados de preconceito e xenofobia, e dessa maneira relatam que estes discentes oriundos de deslocamentos e os alunos brasileiros têm uma boa relação: “No início da migração em Roraima, os alunos brasileiros eram receosos com os alunos migrantes, mas atualmente essa relação melhorou bastante, e eles os tratam com igualdade” (PROF2). Outros opinaram:

Olha, já foi pior, acho que hoje, a gente pelo menos onde estou, é uma relação tranquila dentro da sala. Eles conseguem interagir, e as vezes o pouco que aparece a gente vai quebrando, essa imagem do veneca, não, são venezuelanos, é questão de respeito, é a gente trabalhando isso também no cotidiano. Mas, de modo geral assim, eu vejo que é uma boa relação (PROF1).

Talvez no início do processo migratório dos venezuelanos para nosso estado para nossa cidade, talvez as relações fossem mais difíceis, mais complicadas por estarem se adaptando, mas hoje, pelo menos, lá na escola, a relação entre brasileiros e venezuelanos é extremamente normal, brincam juntos, bagunçam juntos, jogam bola juntos, não estudam juntos, normal (PROF3).

No início, há três anos atrás, quatro anos atrás, era uma relação bem complicada, com a questão até das famosas brincadeiras de mau gosto, xenofobia. Mas hoje está bem melhor assim. A relação existe. Ainda sim existe, mas está em menor quantidade. Ele existe, mas está em menor quantidade entre os alunos. Pelo menos eu percebo na sala de aula (PROF4).

A dificuldade inicial do processo de interação dos alunos migrantes com alunos brasileiros é parte de realidade social enigmática. Uma pesquisa do site G1(Globo.com) aponta

que a sociedade brasileira ocupa a 7ª posição no grupo de sociedades mais intolerantes do mundo, é um dado intrigante se levar em consideração a heterogeneidade da composição social que está relacionada a miscigenação do país, é possível que os diferentes grupos sociais como nortistas, os povos indígenas, os afrodescendentes, os nordestinos bem como os refugiados, estejam sendo observados com compreensão e respeito? Segundo o site da Unicef (2020) os dados evidenciam a falta do conhecimento histórico sobre a nossa pluralidade e origem, sobre quais condições sociais nos unem e quais razões inflamam determinadas esferas sociais a lutar permanentemente por sua subsistência. O sentimento de inferioridade em relação a determinadas culturas, o racismo estrutural e a falsa expectativa de que os sujeitos que migram apresentam uma ameaça ao sucesso econômico, político e infra estrutural de uma determinada região disseminam o ódio contra grupos étnicos, perpetuam a marginalização de indivíduos exilados pelo histórico da escravidão e dos conflitos nacionais e, principalmente, restringem o acesso a políticas públicas voltadas para a superação do xenofobismo.

O PROF5 pontua sobre o empenho e as diferenças de dedicação entre alunos brasileiros e alunos migrantes:

Assim, as perspectivas que eu vejo para os brasileiros, eles são menos esforçados nas aulas. Então gente, tem que ser mais esforçado. Eu vejo essa diferença. Já os venezuelanos, eles realmente conseguem obter um aprendizado, mas através do entendimento da nossa língua, a língua portuguesa. E eles são esforçados, tem uma diferença boa entre eles. Os brasileiros são menos esforçados. Já os venezuelanos, acho eles mais esforçados. O que eles tem de barreira grande, é a situação do idioma mesmo. Eu creio que se eles entendessem o idioma que a gente fala, com certeza eles iriam se destacar bem mais. No caso, a situação com brasileiros (PROF5).

Nesse mesmo sentido:

Eu não sei, eu não sei no conjunto das outras escolas, mas por exemplo assim, na escola que estou, ainda tem se dado muito bem, mas eu volto a discutir aquela questão do migrante enquanto migrante né, eles ainda buscam assim até uma familiaridade que se dá talvez de acordo com alguns alunos entre 3 e 5 anos né, eles ainda buscam os grupos deles né, ainda são muito a identidade muito própria, ainda tão muito agarrados né a identidade deles a cultura deles né, as convenções aos costumes deles,

Bom, com os alunos brasileiros a gente já nota uma certa interação. Ainda há uma questão xenofóbica, alguma piadinha xenofóbica, mas de certa forma há uma interação, embora eu acho que essa interação ainda não se dê de uma maneira mais tranquila como se dá com os alunos brasileiros entre si. Ainda há mesmo uma certa barreira, talvez por causa da língua ou talvez por questão de xenofobia, teria que observar mais isso porque essa relação é muito entre eles e como a gente dá a nossa aula e se afasta, a gente não sabe o que acontece entre eles ali no momento que a gente não está na sala, eu não posso te dizer isso ai como é essa relação. Mas o que eu posso presenciar é que já há sim uma interação entre brasileiros e venezuelanos especificamente, mas ainda de certa forma é tímida ainda sabe, eles acabam formando grupinhos assim de venezuelanos (PROF7).

O empenho e a dedicação dos alunos migrantes são apontados pelos professores de forma satisfatória, mesmo com as dificuldades do idioma, as situações preocupantes e marcadas por preconceito, xenofobia e falta de preparo para lidar com os sujeitos migrantes.

O início da vida escolar dos venezuelanos aqui no Brasil é marcado por sentimentos de medo e angústia como pode ser percebido nos depoimentos: “Nervoso, nervoso porque é a primeira vez que estudo numa escola que não é do meu país, com uma língua diferente, muito nervoso” (AV1); “No primeiro ano foi meio difícil, assim porque estava aprendendo a falar português né, minha família fez curso, mas ainda estava desenvolvendo um pouco, foi meio difícil fazer amizades” (AV2); “Teve uns meses que estava de reforma [escola], e depois que eu vim, eu vim com meu irmão, então eu me senti bem, porque vim com meu irmão” (AV3); “Perdida” (AV6); “Eu me sentia assustada com muita gente. Quando chega em um país estrangeiro que não é seu” (AV7).

O sentimento que vive o migrante fora de sua terra natal que se desloca para um outro lugar de língua diferente, culturas diferentes, é relatado por aqueles que vivem essa condição como sentimento de abandono, o abandono é de suas referências, de sua cultura, da sua família. Independente da forma como ocorre a migração, o sentimento da partida simboliza ao abandono, a perda, culpa e solidão (SAYAD, 1998).

Os sentimentos demonstrados pelos discentes migrantes é de uma experiência traumática, que possivelmente estão relacionadas a decisão de emigrar ou consequência da migração. Essa condição evidentemente passa a ser mitigado como passar do tempo e com o convívio social, inclusive com as trocas de experiências no ambiente escolar.

A partir dessas sensações exteriorizadas, é possível apreender uma ligação dos sentimentos negativos com a comunicação, sendo está valorizada como um obstáculo nesse processo de inserção em um ambiente de ensino.

Na fala do AV3 percebe-se como a presença de alguém de confiança, que fala o mesmo idioma, proporciona uma certa segurança nesse momento da vida escolar do migrante. Na realidade o medo faz parte da vida do migrante por conta de vários fatores que vão desde a questão macro como proteção do Estado-nação, que criam mecanismos irresponsáveis que na maioria das vezes são segregadores, e acabam por violar os direitos do ser humano, ou dificultar sua estadia em função de problemas criados pelo próprio sistema político e econômico, onde de forma imbricadas atuam em conjunto para o deslocamentos dos sujeitos, até as questões internas, que se trata da violência, falta de políticas públicas, os casos de xenofobia, a falta de oportunidades, bem como os constrangimentos por conta do idioma, de questões culturais e étnicos.

Sobre as matérias e o relacionamento com professor, os alunos venezuelanos afirmaram: “Bom, eu diria normal, ou muito bom, porque já conheço os professores, converso com eles, falo quando tenho algum problema com alguma coisa, diria muito bom” (AV1); “Eu interajo com os professores para participar no quadro” (AV3); “Muito bem, os professores são pessoas que nos tratam muito atentamente, e a verdade é que criamos um vínculo com os nossos colegas e professores, eles aprendem conosco e nós aprendemos com eles” (AV8).

É importante ressaltar que a vivência do aluno venezuelano no Brasil, para a sua grande maioria, já tem um tempo. Nesses casos, é possível perceber como eles já superaram possíveis dificuldades que surgiram no início da vida escolar brasileira e que atualmente buscam ajudar outros colegas, como pode ser identificado nos relatos: “Agora é muito melhor, até alguns colegas pedem ajuda de mim para explicar e tal o que eles não entendem” (AV2); “Quando estou com meus amigos eu compreendo bem” (AV4).

6.3 INSERÇÃO DO ALUNO MIGRANTE NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO

O tema inclusão sempre é uma questão que custa muito caro a população migrante, esta discussão é sempre recorrente, pois, quando se fala neste tipo de política, as populações que vivem os momentos de deslocamentos são sempre esquecidas, é raro os casos de políticas públicas que levem a população de migrantes em consideração, sobretudo no sistema de ensino brasileiro. Para Souza e Senna (2016) as prioridades em políticas públicas têm outros sujeitos, como o portador de necessidades especiais, alunos de baixa renda em detrimento a população migrante que é sempre ignorada.

A inclusão é um tema de capital importância não só para o aluno migrante, mas para todo o sujeito que convive em sociedade, inclusão como capacidade de entender e reconhecer o outro, e assim compartilhar e ter o privilégio de conviver com o diferente combatendo assim, todas as formas de exclusão do benefício do convívio social, contrapondo todo o tipo de discriminação provocada pelas condições materiais, econômicas, sociais, religiosas, raciais, é sobretudo um dever de cidadão. Sobre o que entendem a respeito da inclusão dos alunos migrantes, respondeu os discentes brasileiros: “Inclusão é quando tipo você inclui uma pessoa no grupo de conversa assim, aí é bom, chamar eles para conversar para incluir eles nas atividades escolar no grupo de escola é bom” (AB1); “É assim, o que eu entendo é que não importa a dificuldade, ou tipo a pessoa vindo de fora, a gente tem que incluir ela tanto em trabalho como em propósitos de escola também, é bastante bom” (AB2); “Incluir o outro nas atividades” (AB6).

Nesta categoria, os alunos brasileiros expõem seus pensamentos sobre a inserção do aluno migrante nas escolas do estado. Apreende-se que alguns alunos estão cientes da importância de propiciar espaços de aprendizagem para os alunos venezuelanos, como forma de dar andamento ao processo normal de aprendizagem, além aprender o idioma local: “Encaro que eles precisam estar aqui [na escola], para ser ajudado para estudar para aprender, mesmo sendo de outro país... mas é bom eles aprenderem o português” (AB1); “Eu acho bom por uma parte, porque, tem muitas matérias que ajudam eles e tal para mim eu acho que é bom para eles também” (AB2); “Ah, eu acho bom até, como eles vêm de um país que não tem muita acessibilidade disso, eu acho que eles tão tendo uma nova oportunidade aqui com a gente” (AB7).

Conforme pontuado pelo aluno brasileiro (AB7), foi evidenciado nas falas dos alunos venezuelanos que a escola no Brasil é diferente das escolas em seu país de origem. Eles identificaram um maior grau de dificuldade considerando a profundidade dos conteúdos abordados em sala de aula assim como sobre a frequência do docente, pontuando que na Venezuela os professores faltam mais o trabalho do que aqui. Na realidade estas constatações dos alunos estão diretamente relacionadas ao momento da crise multifatorial que vive a Venezuela, e que por conta das condições de abastecimento de combustível, questões financeiras, os profissionais daquela localidade tiveram flexibilização do trabalho formal na educação para complementação de renda em outras atividades: “(...) o estudo é mais profundo, mas é bem melhor a aceitação na escola também, os professores também não faltam muito, lá os professores as vezes faltavam até dois dias seguidos” (AV2); “É eu acho que, os estudos aqui é melhor, porque lá alguns professores faltam seguidos, então eu acho que aqui a educação é melhor do que lá” (AV3); “Aqui é melhor a escola, tipo, a estrutura e os professores” (AV4); “Bom, a verdade é que possui um sistema educacional mais avançado. A organização dos coordenadores, as formas, os métodos de ensino são muito mais avançados” (AV8).

Alguns alunos brasileiros comentaram sobre o acesso dos jovens migrantes a rede de ensino, de modo que pontuaram ser “fácil”: “Não sei direito. Acho que a maioria deles têm fácil acesso ao ensino” (AB5); “Eles têm fácil acesso, tem muitos direitos agora” (AB6).

Essa questão da inserção do aluno migrante é um tema no qual as escolas têm que estar preparadas, é um dado real a presença de alunos oriundos de deslocamentos onde a interculturalidade, os costumes, os idiomas bem como toda forma de cultura estão presentes nesses ambientes de ensino. Para Miranda e Fernandes (2022) é histórico a carência de políticas públicas sobre inserção do migrante bem como do refugiado em ações que possam refletir na cidadania plena desses sujeitos. As autoras Nascimento e Morais (2021) alertam com

preocupação a necessidade de enfrentar e superar essas questões da inclusão no sistema de ensino brasileiro para alunos migrantes, a real situação é que as relações hoje estabelecidas implicam justamente nas tensões provenientes da diferença de língua e cultura. Essa tensão e dificuldade da inserção do aluno migrante é percebido nas respostas de alguns discentes brasileiros.

Em outras falas é percebido um entendimento diferente sobre a inserção do aluno venezuelano ao sistema educacional brasileiro, no qual é pontuado como “difícil”, sendo atribuído principalmente ao idioma. Destaca-se que o aluno brasileiro se sente prejudicado em algumas situações devido as diferenças na língua: “Acho que um pouco difícil, porque eles não têm a língua, a nossa língua. Aí deve ser um pouquinho difícil pra eles” (AB8); “Eu acho que é difícil pra eles. É tipo, eu acho que complica a vida do brasileiro também, mas a deles é bem difícil, porque de lá pra lá é bem ruim. Agora aqui, eles estão vindo de lá porque é melhor de vida do que lá” (AB9).

Da mesma forma, AB10 indicou:

Eu acho que é complicado para eles, porque não são muitos professores que falam a língua deles e fica meio difícil de entenderem. Aí as vezes tem uns que falam espanhol e dão metade da aula em espanhol e acaba excluindo os brasileiros também. Mas às vezes eles entendem, não procuram assim, mas entende. E que fazem a atividade e mas quando que não entendem e deixam por assim mesmo e ficam culpando os professores de não ensinar (AB10).

Nesta mesma perspectiva, também foi identificado nos relatos de alunos venezuelanos que o idioma é considerado um fator dificultador no âmbito do sistema de ensino brasileiro: “(...) as vezes a gente não entende muito o que o professor passa pelos grupos. Então melhorar os professores” (AV3); “Bom, na Venezuela eu não estudei tanto quanto aqui, tem matérias aqui que não tem tanta profundidade, os professores gostam de mim e me querem bem, mas tem coisas que falam que eu não entendo” (AV5).

Os discentes ainda sentem dificuldades no que tange a questão linguística, o que demonstra que os planejamentos poderiam ser reavaliados. É preciso romper com estruturas rígidas e os modelos arcaicos que operam para subalternizar, marginalizar e segregar a população, na mesma perspectiva decolonial que a pensadora Catherine Walsh (2013) apresenta o projeto, político social, epistêmico e ético evocado pela interculturalidade crítica de uma postura que confronta o sistema em busca de outros modos de vida, de sabedoria e poder.

Outro aspecto que deve ser destacado é que a coordenação aponta grandes desafios, sobretudo no que tange a defasagem de conteúdos em matérias básicas em relação a composição dos conteúdos básicos nas disciplinas. Aponta que no recebimento dos alunos, a triagem

identifica que a crise humanitária vivida na Venezuela é o principal causador dos prejuízos observados na educação dos discentes migrantes. A coordenação então elabora um plano de recomposição a fim de evitar notas baixas.

A defasagem muito grande em relação as disciplinas, aos componentes curriculares, porque a gente faz um diagnóstico anterior para saber se o aluno sabe escrever e ler, para poder inseri-lo também na série adequada. Muitas vezes eles nos relatam quando a gente faz a entrevista para o acolhimento e o diagnóstico, eles nos relatam que estão a alguns anos sem estudar porque na Venezuela com a crise, a maioria dos professores procuraram outras atividades e nos dizem que algumas disciplinas não tem professor. Eles vão para escola, mas falta professor de história, e geralmente na Venezuela eles colocam professor pedagogo para dar aula de história, e o pedagogo não entende de toda especificidade da história, e então o quê que eles fazem? Eles trabalham a história da Venezuela, mas eles não trabalham a história mundial e também conhecem muito pouco da história do Brasil e de Roraima apesar de ser na fronteira, eles também não conhecem nada. Então tem história que não tem professor, física nem conteúdo, matemática alguns chegam com os conteúdos básicos sem saber os conteúdos básicos de matemática que são as quatro operações. Então a gente monta um plano de recomposição de aprendizagem para tentar acolher esses alunos para que esses alunos não fiquem com uma nota tão baixa, e trabalhamos com projetos integradores (GE1).

A escola tem um papel fundamental no que tange a recepção e o acompanhamento do aluno migrante no sistema de ensino brasileiro dado a realidade histórica, a necessidade de mudança é urgente. Está muito claro que o espaço escolar é o lugar onde as crianças, os adolescentes que estão em deslocamento irão estabelecer relações sociais, trocas de experiências, demonstrações culturais, é um dos espaços onde os sujeitos serão inclusos na sociedade. Para Azevedo e Barreto (2020), é nestas circunstâncias que os discentes se sentirão parte integrante da sociedade e assim compreenderão suas participações sociais como cidadãos.

Sobre a participação dos pais ou responsáveis pelos alunos na escola, a coordenação informa que a participação é baixa e que a presença se restringe a momentos específicos que geralmente estão relacionados aos trâmites burocráticos ou situações em que os alunos doentes precisam justificar ausência nas aulas.

Geralmente eles só veem a escola quando fazem a matrícula dos alunos ou quando são convocados a participar das reuniões. Em outros momentos, eles só veem a escola quando o aluno adoece, e ele vem justificar isso, e geralmente são só nesses dias que eles procuram a escola, eles não participam cotidianamente do cotidiano escolar, da vida escolar dos alunos (GE1).

Vale destacar que os professores pontuam a questão da participação dos pais de modo divergente da coordenação escolar. Os docentes pontuam a colaboração dos pais e responsáveis como ativa e atuante, inclusive fazendo a diferença no processo de ensino-aprendizagem dos discentes migrantes.

6.4 ESTRATÉGIAS PARA MELHORAR A INCLUSÃO DO ALUNO VENEZUELANO

Uma parcela significativa dos discentes apontam que a melhora da inclusão do aluno migrante está na observação do idioma. Evidentemente que o aspecto linguístico é um fator importante para construção do conhecimento e do convívio social. As metodologias poderiam empregar formas de interação levando em consideração este aspecto linguístico, para Neto (2018) está faltando organização do sistema de ensino no acolhimento dos discentes em deslocamentos, especialmente nas regiões de fronteira, para o referido pensador, além das dificuldades com a língua, os estudantes passam opressões e segregação. Os alunos brasileiros apontam os elementos que podem ajudar na inclusão dos discentes migrantes: “Acho que ter professores que falam o mesmo idioma deles, para que eles entenda sobre os estudos, que ainda tem muitos imigrantes, que não sabe a nossa língua, aí fica confuso também. Não sei como e que isso é” (AB8); “Tipo nas escolas, tivesse uma pessoa nas escolas que pudesse ajudar eles, que falasse a língua deles, mas também ensinasse a nossa língua também, seria bom para eles e seria bom para nós. E eles são rápidos em se adaptar” (AB9).

Outros também indicaram:

Podia ter mais coisas em português para eles, ajudar a ajudar eles a aprender português melhor, porque, eles precisam entender mais para eles aprenderem com os professores, com outros professores, porque em uma matéria só ele não vai aprender, se for tipo ciências, não vai entender muito o português, se tiver na sala de aula mais palavras em português traduzido para eles é bom (AB1).

Eu acho que profissionais, um professor que fala espanhol. Agora a gente não tá tendo diretamente e algumas coisas que o professor explica que a gente não entende, que eles por ser de outra nacionalidade também não entendem. Se a gente que é brasileiro não entende o que o professor fala, eles também não entendem direito (AB7).

Eu acho que deveria, assim, o professor de espanhol, por exemplo, ele poderia ter mais apoio para esses alunos migrantes, não só da língua espanhola, mas de outras áreas que tem muita dúvida. E às vezes alguns professores não sabem explicar em espanhol (AB10).

O fomento de discussão sobre uma espécie de suporte também é sugerido pelos discentes brasileiros, evidentemente o diálogo para melhorar o atendimento por meio do debate, ouvindo assim, todas as partes interessadas é uma sugestão salutar. Um fórum para discussão a respeito da metodologia bem como a práxis e as experiências que sejam aplicadas no sentido de melhorar a inclusão é inclusive uma pauta defendida pela autora Lêda Rodrigues (2020), onde muitas vezes um erro permanente dos profissionais em educação é exatamente esquecer

as diferenças de identidade dos alunos migrantes, planejando suas aulas para um público homogêneo, esquecendo os aspectos e os valores culturais do público migrante.

Os parâmetros curriculares nacionais, os “PCNs” que tratam das diretrizes elaboradas pelo governo federal por disciplina está ultrapassado e defasado, não contribuindo em nada com relação a abordagem do aluno migrante, segundo a visão de Costa (2017) o referido documento além de exercer um papel que desarticula e desestrutura as relações tradicionalmente estabelecidas, os conceitos arcaicos remetem o discente em deslocamento em um terreno perigoso de experiências preconceituosas e xenofóbicas. Sobre o suporte os discentes apontam: “Dá mais apoio, ajudar mais, porque, eu vejo que tem migrantes que não tem apoio para nada, alguns querem cursar vestibular e não tem apoio” (AB2); “Conversar, buscar entender eles, entender que lá era diferente e aqui também é diferente, aprender a conviver com eles” (AB5); “Mais interações com eles” (AB6).

Para alguns alunos venezuelanos, as falas retratam que estão satisfeitos com a rede de ensino que eles vivenciam no Brasil, sem qualquer queixa ou sugestão de mudança: “Nada, acho que já está muito bom o sistema escolar agora. (AV2); Tipo pra mim está bem” (AV4); “Para mim tá bem” (AV6); “Eu acho que nada, porque eu acho que o estudo daqui é muito mais ótimo que o de lá” (AV7); “Bom, a verdade é que não sinto nenhum desconforto, depende de cada ponto de vista, mas do meu ponto de vista está tudo bem” (AV8).

Entretanto, alguns alunos vislumbraram algumas necessidades, como o ensino profissionalizante, de modo a preparar o aluno para sair do ensino médio com alguma habilidade profissional desenvolvida, e também ampliar o horário de aula: “Não sei, mas deveria estudar de manhã e de tarde, porque em casa não gosto de ficar. Eu gostaria de estar aqui estudando manhã e tarde” (AV5).

AV1 também expressou:

Eu não poderia dizer, não sinto reação de que o ensino deva mudar, embora sim, ensinar para ensinar aos alunos, mas em relação ao mercado de trabalho profissional. Agora a escola vai ser feita com os alunos, ensinando com cursos para a vida profissional e acho que é um bom passo para começar essa tentativa (AV1).

A preocupação com o futuro, a demanda por mais horas de estudos pode estar ligada ao processo de amadurecimento vividos pelos discentes na diáspora. Inclusive a elaboração das respostas a questões similares empregadas na mesma pesquisa com alunos brasileiros, as respostas dos discentes venezuelanos demonstram mais profundidade contrastando com o próprio pensamento a respeito da qualidade de ensino vividos em seu país natal.

Na perspectiva da coordenação da escola, para melhorar a inserção do aluno migrante na escola, seria a aula de reforço na língua portuguesa, esta ação inclusive teria como objetivo aumentar o desempenho avaliativo dos alunos, sendo possível entender que a coordenação se queixa em diversos momentos da falta dos pais na escola, e que os discentes migrantes têm um perfil transgressor de regras e normas, que para mudar a essa realidade os pais precisam se fazer presente. Na mesma ocasião, a coordenação menciona que atividades envolvendo o laboratório e outros equipamentos multifuncionais não estão disponíveis, pois, a escola está em reforma, e que sobre a relação de alunos brasileiros com alunos migrantes é de resistência por questões culturais.

A gente teria que ter aula de reforço e língua portuguesa, porque aí, eles conseguiriam entender o que o professor está passando em sala de aula e diminuiriam o número de alunos reprovados, sem contar que muitos alunos eles se matriculam na escola porque eles precisam receber um benefício e os pais precisam levar um comprovante de matrícula do aluno para lá, então os pais vem faz a matrícula do aluno em sala de aula e o aluno se evade da escola, quando ele aparece novamente é para pegar a transferência porque ele será interiorizado. Os que ficam, nós temos alunos do terceiro ano que estão conosco desde o primeiro ano, e são ótimos alunos. Os alunos do segundo ano temos turmas que tem 90% de alunos estrangeiros, isso acontece também com os primeiros anos, então a gente percebe também que os alunos brasileiros eles têm muita resistência com aluno estrangeiro porque ele tem alimentação diferenciada, ele não é acostumada com a nossa alimentação, geralmente o comportamento do aluno estrangeiro é mais transgressor, ele tem dificuldades em seguir regras, talvez até porque não entende a dimensão dessas normas que a escola precisa ter, então geralmente eles querem transgredir essas normas e a gente não tem a presença dos pais na escola para que os pais possa cobrar dos filhos essas normas, um estudo, nota, que eles alegam não tem acesso à internet, a maioria não tem computador. Nós recebemos tablets distribuímos para os alunos a maioria foi interiorizado e levou o tablet e nem passou na escola para pedir transferência porque se ele passasse ele teria que devolver o tablet, então depois que ele foi interiorizado ele manda um e-mail para escola pedindo a transferência dele que aí ele não tem como devolver o tablet. Os alunos que ficaram a maioria já quebraram o tablet, eles não têm o mínimo cuidado, ou roubaram, então a gente não tem como trabalhar isso, a escola tá em reforma, o laboratório de informática não tá sendo usado, a gente transformou em um ambiente para sala de aula, e os computadores que nós tínhamos antes eram muito velhos, mas como a escola está em reforma ela vai receber todo esse material novo, então, a gente já recebeu logo digital, a gente tem Datashow, mas para uso dos professores em sala de aula (GE1).

Os professores também abordaram sobre sugestões para melhoria do ensino, muitos relatos acreditam na necessidade urgente de um reforço na disciplina de língua portuguesa, acreditam que essa oferta ajudaria muito os alunos migrantes a enfrentar as barreiras das dificuldades linguísticas, outros mencionam a oferta de oficinas e um atendimento especial do sistema de orientação escolar para os alunos mais introvertidos. Os professores também mencionam que é preciso dialogar, debater e discutir experiências que deram certo e as experiências que fracassaram. O PROF7 acredita que é preciso buscar o protagonismo do aluno,

relata sua experiência usando a música para tal finalidade. Chama atenção os relatos de alguns professores que buscam adaptações e homogeneização dos alunos migrantes.

Eu percebo assim, que eles são muito esforçados, e eu acho que uma preparação em relação a língua, talvez as escolas pudessem trabalhar um pouco mais essa questão da língua, porque eles não passam por um estudo da língua portuguesa antes de ser inseridos dentro da escola, e eu acho que essa é uma das dificuldades. Mas, também já trabalhei em escolas em que os melhores alunos e os alamares eram os alunos venezuelanos, inclusive maiores notas em língua portuguesa, isso é reflexo também do quanto eles são esforçados, mas eu acho que nesse quesito, a escola o sistema educacional, ele deveria ter um pouco mais de sensibilidade em relação a essa facilitação da língua (PROF1).

Difícil dizer, talvez um trabalho mais próximo com o SOE que é o serviço de orientação escolar com os alunos venezuelanos que são mais tímidos, mais introvertidos, que tenham mais dificuldades em se adaptar para ajuda-los a melhorar sua socialização com os alunos, talvez repensar o projeto pedagógico para se adequar a educação inclusiva a realidade dos alunos estrangeiros, quem sabe uma parceria com as universidades com faculdades da nossa cidade para que ofereçam cursos ou oficinas para alunos com dificuldades com a língua portuguesa (PROF3).

Se tivesse uma secretaria ou um órgão ali que antes dele começar a estudar, ele passasse por tipo uma formação de como é que funciona a educação aqui do Brasil, que está falando da Europa? Também fala Europa, mas a forma que eles vêm a Europa que o professor ensina lá é um pouco diferente do que a gente ensina aqui. As vezes o conteúdo é trabalhado em séries diferentes, então aquilo que foi projetado aqui no Brasil para ser trabalhado na terceira série do ensino médio e do ensino médio. Ele vê no primeiro ano do ensino médio, então teria que ter um lugar para ver ele já viu isso aqui. Ele tem que ir pra série (PROF4).

Outros expressaram:

Eu acho que ele passa por aí, passa por essa discussão, não tem milagres, as coisas não vão cair do céu né, essa dificuldade que a gente tem que ser feita é discutindo em sala de aula, é vendo a experiência de um professor, copiando a experiência que tão dando certo, desde aquela acolhida a forma que você lidar até essa coisa da sala de aula que fez um aluno a se sentir bem, a produzir, isso só tem um caminho, é se reunindo conversando, expondo os sucessos, expondo as derrotas, as coisas, eu não consigo ver outra formação e aí você tirar as experiências disso e colocar em prática né, qual é a ideia, eu mesmo escutei muitas vezes alunos chegarem para mim e dizer mesmo assim, professor teria como o senhor falar com a professora fulana de tal? Que ela fala muito rápido, eu já entendo alguma coisa, mas, quando a pessoa fala muito rápido eu não entendo, é difícil (...) (PROF6).

Bom, acho que o que poderia melhorar toda essa relação e toda a condição de acolhimento de atendimento desses alunos seria na verdade palestras de conscientização ou mesmo práticas de sala de aula que buscasse de certa forma dar um certo protagonismo para eles também. É como o exemplo da música que eu usei, usei a música para o tema que a gente estava discutindo e era um momento que eu queria que eles falassem, que eles se colocassem a partir de uma barreira que ele sente, como falei, que é a língua. Então a partir do momento que eu coloquei uma música em espanhol para que eles se sentissem confortável de entender o que estava ali. Eu acho que ações pequenas como essas podem de certa forma ir aproximando mais e de certa forma tentando acolher esses alunos (PROF7).

O processo de ensino aprendizagem é outra preocupação dos docentes, os professores também responderam como se desenvolvem as ações, visando atender a complexidade do sistema de interações entre professor e aluno migrante com vistas a ocorrer a construção do conhecimento: “Bom, para aqueles que não tem dificuldade com o português, sigo as mesmas ações que a dos alunos brasileiros, já para aqueles alunos que não entendem o português eu peço auxílio dos alunos migrantes” (PROF2); “Quando eu percebo que ele não tem o conhecimento sobre a história da geografia brasileira, aí eu procuro conteúdo mesmo lá das séries iniciais do fundamental um, do fundamental dois. E aí eu vou tentando encaixar o conteúdo da série que ele se encaixa certinho” (PROF4); “Bom, eu costumo trabalhar a aprendizagem compartilhada, que é assim tanto ele. Ele contribui como ele recebe algum ensinamento” (PROF5).

Outros opinaram:

Buscar vê com eles assim, e proporcionar uma interação entre brasileiros e venezuelanos, que essa diversidade é um espaço também de muito aprendizado mutuo, então eu sempre digo para os colegas, olha, vocês têm professores de espanhol, que é uma disciplina que agora reprova, passou a ser, e contabilizadas o também dentro das escolas militarizadas para ganhar o alamar, então busco fazer também com que eles interajam porque às vezes, eles acabam se agrupando ali, e ficando só entre eles porque geralmente tem mais de um aluno venezuelano na sala de aula, então eles acabam meio que não interagindo muito com alunos brasileiros (PROF1).

Eu não tenho ou desenvolvo uma ação específica para trabalhar com os alunos imigrantes, eu apenas trabalho os assuntos da minha disciplina, que no caso é a geografia, explicando de forma natural e igual para todos os alunos, independentes se são venezuelanos ou brasileiros. Apenas pergunto se todos entenderam, se ficou alguma dúvida, se ficou alguma dificuldade. Se não houver, eu continuo o trabalho, mas, as vezes, dependendo do assunto trabalhado, eu tento relacionar com a realidade da Venezuela, como os tipos de clima, ou as formas de relevo, ou alguma outra coisa que eles possam falar do país deles, para que consigam entender melhor o que estamos estudando e para que se sintam parte integrante da aula (PROF3).

Poucos professores estão atentos as questões da interculturalidade como parte do processo ensino aprendizagem, os planejamentos não dão conta de que a realidade está permeada de sujeitos diferentes em diversos aspectos. Outros professores de forma mecânica vão adequando o planejamento mediante dificuldades pontuais relacionadas ao conhecimento do conteúdo proposto em sala da aula, mas há professores que tentam de alguma forma inserir elementos de interação na construção do processo de ensino aprendizagem conforme relata o participante PROF5.

Entendendo que a participação dos pais é crucial para o sucesso do discente na vida escolar, por questões de responsabilidade com o filho que é inserido no sistema de ensino

brasileiro, por questões legislativas legais e infraconstitucionais, os pais devem acompanhar a vida escolar de seus filhos. Os professores também responderam sobre a participação dos pais na escola, com poucas divergências entre os docentes, a maioria apontou que a participação dos pais de alunos migrantes na escola é efetiva, divergindo da resposta da coordenação escolar: “A participação é efetiva” (PROF1); “Os pais eles participam, eles vão sempre a escola na época do plantão pedagógico onde os professores entregam as notas, e conversam com os pais sobre o comportamento e a aprendizagem dos alunos” (PROF2).

Outros agregaram:

Com relação a participação dos pais na escola, ela se dá de forma mais com a coordenação da escola, com a orientação educacional do que com os professores. O momento de uma relação mais direta dos pais com os professores acontece nos plantões pedagógicos, que é o dia da entrega de notas, e atendimento aos pais. Nesses dias, muitos pais aparecem para ver a situação de seus filhos, para pegar as notas e conversar com os professores (PROF3).

Olha, dá aqueles alunos que realmente vêm com interesse de crescer e de ter um nível superior. Os pais são bem presentes. Agora, aquele aluno que está ali só pra ter o diploma de ensino médio ou quase que 0%, não é uma escola assim que não se importa. Só vão na escola quando tem algum problema relacionado à disciplina em casa relacionado a disciplina. Aí que os pais aparecem. Mas se não tiver disciplinas, também não (PROF4).

Olha, por incrível que pareça ela é bem melhor do que as dos brasileiros. Os pais de alunos brasileiros, eles só comparecem à escola mesmo quando a gente chama. Assim, 10% dos 100%, 10% só comparece. E o restante a gente tem que fazer todo aquele cuidado com relatório e aquelas ameaças de mandar pro Conselho Tutelar isso, aquilo, para a gente estar amparado por lei legalmente. E já os migrantes, no caso dos venezuelanos, que é o topo, já mais da Venezuela, porque o que tem em massa aqui nosso estado, nossos alunos e já a situação deles é bem diferente. Os pais vêm da chama sempre, eles estão mais presentes (PROF5).

Ainda outros afirmaram:

E aí assim, eu também não fujo, eu não fujo do contexto que eu percebo não, talvez assim, o que eu assisto aqui fosse uma realidade que ele Já trouxeram de lá da Venezuela né, mas por exemplo, assim nas escola nas escolas aonde eu trabalho (...), assim a quantidade de pais né, que frequentam a escola é bem maior, é bem maior e sempre foi né, mesmo levando em conta a proporcionalidade né, eu não sei se isso era fruto de um processo de formação educação né, que se discutia isso muito evidente né, a valorização dessa questão de acompanhar os filhos coisa que a gente isso aqui no Brasil nos últimos anos vem se perdendo não é de hoje né, mas que aqui eu vejo de forma bastante positiva, por incrível que se pareça, muitas mães quando chega para mim, eu tive isso ontem né, ontem à noite no Osvaldo Cruz ontem dia 20 de julho né 20 de julho de 23 é, uma mãe chegou para mim e disse mesmo assim professor, é professor V não é? Minha filha fala muito no senhor, e eu queria saber como é que ela tá, pois a mãe sabia quem eu era, a disciplina que eu trabalhava, sabe, qual era os dias da semana que tinha, nem os nossos alunos sabe qual é o nome dos professores, eu não vou generalizar, nós temos bons alunos, mas isso é uma coisa que a gente constata, é verdade que isso foi com uma mãe só, é foi uma das mães que apareceu lá, mas quando você vê assim dentro de um universo por exemplo, você tem duas mães que

aparece, e uma delas aborda assim, isso é 50%, e aí você tem sete mães que aparece e fica perguntando o nome do meu filho é esse, professor você é professor do meu filho? Aí você vai lá, quem é a sua filha? Quem é a seu filho? Deixa eu lhe auxiliar, né, eu posso estar enganado sabe, mas assim, você percebe que assim o processo é de forma distinta(...) (PROF6).

A participação dos pais é muito tímida. A maioria dos pais que eu atendo eles são tímidos, eles ficam com receio, eles ainda têm dificuldade de falar o português. Aqueles que dominam já o português eles são mais comunicativos, eles se aproximam mais da gente, eles participam mais das reuniões hoje na escola (PROF7).

A coordenação escolar apontou como se dá a participação dos pais e responsáveis pelos alunos migrantes:

Geralmente eles só veem a escola quando fazem a matrícula dos alunos ou quando são convocados a participar das reuniões. Em outros momentos, eles só veem a escola quando o aluno adoece, e ele vem justificar isso, e geralmente são só nesses dias que eles procuram a escola, eles não participam cotidianamente do cotidiano escolar, da vida escolar dos alunos. (GE1)

Sobre a participação dos pais desses alunos migrantes na escola, a coordenação aponta uma realidade totalmente divergente as respostas apontadas para mesma pergunta feita aos docentes. Paira a dúvida sobre qual o entendimento a coordenação possui sobre o “acompanhamento” da vida escolar dos discentes, se a compreensão da coordenação tem o mesmo entendimento que tem os professores. Porém, um fato inegável na visão dos docentes, está justamente na diferença de empenho e dedicação, apontando que o aluno migrante tem um maior comprometimento com os estudos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio de buscar o conceito do acolhimento e suas implicações socioculturais bem como a ligação deste tema aos processos de ensino aprendizagem, é a questão que gerou as buscas por respostas de como a comunidade escolar têm se organizado frente a este cenário que vive o estado de Roraima em relação a migração e a crise multifatorial na Venezuela.

Vale lembrar que todo o processo da pesquisa ocorre no momento em que vivíamos o auge da pandemia da COVID19, nesse período ano de 2021, todo o sistema de ensino do estado de Roraima estava remoto, o que tornaria o desafio ainda maior, pois, além das escolas estarem fechadas, a Secretaria estadual de Educação também se encontrava em home office, desta forma, os espaços físicos, a presença dos sujeitos que iam de encontro com os interesses da pesquisa inicialmente estava limitada. Fora essas questões, a migração é outro ponto delicado, o auge da pandemia também coincide com o auge da migração, então, a busca por atendimento de saúde nos postos e nos hospitais eram disputados, fato que causou bastante animosidade, violência e práticas xenofóbicas e preconceituosas contra migrantes, o fato é agravado com as campanhas para presidente no mesmo período. Mas as condições de violência, de reprodução da violência no sistema de ensino brasileiro é recorrente.

Entre os elementos da pesquisa o objetivo geral foi compreender o processo do acolhimento de discentes venezuelanos na escola estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista/RR à luz das implicações socioculturais, no que relaciona o indivíduo na sala de aula e seu processo de ensino-aprendizagem. Após a pesquisa de campo, e a aplicação do instrumento de coleta de dados, a percepção que passou os diversos atores da comunidade escolar, é que as condições de implementações no que tange o processo de acolhimento ocorre de forma secundária aos planejamentos ou na maioria das vezes não ocorre acolhimento nenhum, não se leva em conta uma proposta mais abrangente que considera os sujeitos migrantes nas suas singularidades, que aproveite as diferenças culturais para ampliar o leque de crescimento em experiências renovadoras, inclusive no sentido de amplificar de modo significativo o processo de ensino aprendizagem, falta planejamento e abandono de práticas e conceitos arcaicos a respeito do sujeito migrante, falta ação social e crítica para romper as barreiras que dificultam o desempenho dos papéis que deveriam ter os responsáveis pela aplicação de ações que vislumbram atender os sujeitos migrantes de forma suficiente.

E como objetivos específicos da pesquisa estava a análise de como ocorre o acolhimento dos estudantes migrantes no âmbito educacional, averiguar como a instituição se posiciona em relação aos processos de acolhimento aos discentes migrantes, conhecer a

perspectiva do migrante sobre o acolhimento na escola e por fim investigar como o professor trabalha o acolhimento com os alunos migrantes. Em relação ao acolhimento, nesta etapa da pesquisa empírica, os alunos migrantes e os alunos brasileiros bem como os docentes e a coordenação que falou em nome da escola responderam ao instrumento sobre como ocorre essas demandas, os alunos demonstraram pouco conhecimento a respeito do assunto, porém, em linhas gerais, os discentes tanto brasileiros quanto venezuelanos entendem a questão do acolhimento de forma similar, como sendo uma recepção do sujeito que vem de fora, e que precisa de um atendimento cuidadoso, já os professores entendem que este acolhimento trata-se de um atendimento diferenciado, fazendo com que esse aluno migrante se sinta bem, é dar atenção, é praticar ações que façam a diferença, tratando estes sujeitos com consideração. Já a coordenação fala de acolhimento com sentimento de empatia e atenção, dispensando para esse aluno um atendimento compreensivo e da melhor forma possível. No que tange as respostas e a realidade dos fatos é nitidamente perceptível inconsistências na aplicabilidade e ações ao processo de acolhimento, sobretudo na análise sobre as implementações do processo de acolhimento tanto por parte dos docentes como pela coordenação escolar.

Sobre o método empregado na pesquisa, tratou-se de uma pesquisa qualitativa que se apoiou nas técnicas e nos métodos da história oral, onde os interlocutores partilharam suas experiências da vida escolar. Os participantes foram os alunos migrantes e brasileiros, os docentes e a coordenação escolar que responderam a um questionário semiestruturado sobre os processos de acolhimento, interação e implementações de ações envolvendo o relacionamento e o convívio entre todos os atores da comunidade escolar e o migrante, estes participantes mediante autorização realizada por meio do termo de consentimento livre e esclarecido e do termo de assentimento para autorização dos pais de alunos aceitaram gravar suas respostas por meio de um gravador de voz onde responderam a perguntas relacionadas a sua vivência na sala de aula, com liberdade total de interromper, optar não responder ou mesmo participar se assim julgasse conveniente.

Na primeira parte do processo desta pesquisa, há um esforço de busca teórica para entender conceitualmente os elementos que são peças-chaves da construção dessas análises, desta forma, a revisão teórica vai abordar os temas sobre migração, mobilidade humana e capitalismo global, o acolhimento nas escolas no aspecto teórico bem como na apresentação de práticas e experiências que são empregadas no Brasil sobretudo nas regiões de fronteiras, e por fim, o tema de identidade, diferença e interculturalidade como categorias importantes para o entendimento dos processos de compreensão dos sujeitos e suas dimensões.

A etapa da pesquisa de campo ocorre em algumas fases. O primeiro passo ocorre com apresentação da carta de aceite da Universidade Federal do Programa de Pós graduação em Sociedade e Fronteira (PPGSOF), neste momento a gestão escolar informa que o pedido para pesquisas científicas relacionadas as escolas devem passar pelo gabinete da Secretaria Estadual de Educação para autorização, fato este que ocorreu no dia 09 de maio de 2023 por meio do OFICIO N°3049/2023/SEED/GAB. Após as autorizações da SEED de Roraima e da Escola Maria das Dores Brasil, uma visita aos alunos, aos professores e a gestão da escola para informar dos objetivos gerais e específicos da pesquisa, dos métodos e dos procedimentos da realização da pesquisa junto com a entrega dos termos é realizada, e esta parte se consiste na segunda etapa. A terceira e última etapa, trata-se da aplicação do questionário.

Por fim, as discussões que estão sedimentadas em eixos estão divididas da seguinte forma, na primeira parte está o significado de acolhimento para os alunos, escola e professores, no segundo eixo a abordagem traz a interação dos alunos migrantes com os demais atores da rede de ensino, no terceiro eixo o debate tem enfoque na inserção do aluno migrante no sistema educacional brasileiro, e o quarto e último eixo temático está a discussão sobre as estratégias para melhorar a inclusão do aluno venezuelano.

Finalmente, o apanhado das discussões nos revela a compreensão de que o processo de acolhimento nesta escola Maria das Dores Brasil é fragmentário, carente de ações, com poucas iniciativas que busquem a integração dos alunos migrantes com alunos brasileiros. Essa realidade é totalmente capaz de ser transformada, ações, debates e discussões com novos pontos de vista, entendendo o aluno como protagonista da mudança, pode mudar este cenário. É possível observar que de modo pontual, alguns professores implementam ações que levem em consideração a questão da heterogeneidade que compõe o público discente, por outro lado, há uma parte dos profissionais que ainda estão presos a modelos arcaicos de planejamento, a conceitos ultrapassados sobre processo de ensino e aprendizagem, que em uma visão tecnicista, optam pelo trabalho mais simples, no sentido de universalizar a expectativa e as respostas por parte dos discentes que têm identidades, culturas e idiomas diferentes. Uma realidade apontada por todos os atores que compõe o grupo dos entrevistados é de que a linguagem ainda é um fator que dificulta o processo de ensino aprendizagem, mas que isso não é um empecilho para o estabelecimento de vínculos e interações, porém essa questão em quase todas as respostas sobre o que poderia ser feito para melhorar o atendimento do migrante, recai sobre formas de auxílio nas questões de reforço e ensino da língua portuguesa. Outro fator levantado, é de que as violências relacionadas a xenofobia, constrangimentos e discriminação ficou no pretérito e

que hoje em dia é vista de forma pontual e pouco significativa, e mesmo assim os docentes ainda fazem um trabalho de combate a essas práticas.

Sobre a participação dos pais e responsáveis de alunos migrantes, as respostas da gestão e dos profissionais em educação apresentam paradoxalmente divergências. Indubitavelmente que o acolhimento é uma ferramenta importante no processo de ensino aprendizagem, e que pode fazer toda a diferença se entendida da maneira correta. O acolhimento que faz a diferença está no emprego da prática moldada de ações que compreende o sujeito em toda sua integralidade, com sua identidade, com sua cultura, com suas diferenças, com seus sentimentos, impressões e experiências, que está ali para ser atendido, ouvido e respondido de forma digna, respeitosa e sem distinção, ou qualquer tipo de preconceito.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **Estatuto do ACNUR**. Resolução 428 (V) da Assembléia Geral das Nações Unidas, de 14 de Dezembro de 1950. Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Estatuto_ACNUR.pdf?file=fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Estatuto_ACNUR> Acesso em: 03 fev 2021.

ALVES, A.R.C. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. **Lua Nova**, São Paulo, v. 80, p. 71-96, 2010.

AZEVEDO, A.P.Z; BARRETO, K.P. A migração infantil e o acesso à educação básica de crianças migrantes em solo brasileiro. **Desafios migratórios contemporâneos**. n. 6, 2020.

BAADE, Joel Haroldo. Princípios metodológicos para trabalho com fontes orais. **Revista da Unifebe**. v.1, n.11, jan/jul, 2013.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Estranhos à nossa porta, de Zygmunt Bauman. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 42, p. 204-206, jan./abr. 2017.

BAPTISTE, Marc Donald Jean; AMARAL, Wagner Roberto. **Crise, Fluxos migratórios e políticas sociais**: Estado, políticas sociais brasileiras e migração haitiana. V. 23. Brasília: Ser social, 2021. 18 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2021.

CANDAU, V.M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação** v. 13, n. 37 jan./abr, p. 45-56, 2008.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.2, p.240-255, Jul/Dez, 2011.

CAVALCANTE, R.B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M.M.K. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan./abr. 2014.

CENTRO DE DIREITO INTERNACIONAL. V Anuário Brasileiro de Direito Internacional, v. 2, Minas Gerais, 2010.

COSTA, Liliane Tosta. Territorialidades de alunos migrantes na escola. **Revista Brasileira de Educação Básica**, v. 2, n. 6, nov./dez. 2017.

FERNANDEZ, A.P. Venezuela entre la hegemonia y la contra-hegemonia (uma lectura contextual para compreender uma complexidade socio-historica). **Textos e Debates**, Boa Vista, n.32, p. 175-198, jan./jun. 2019.

FERNANDEZ, A.P. Interculturalidade, mídia e migração na América Latina. In: OLIVEIRA, M.M.; DIAS, M.G.S. **Interfaces da Mobilidade Humana na Fronteira Amazônica**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020. p. 17-30.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977.

FIGUEREDO, Luiz Orenco; ZANELATTO, João Henrique. Trajetória de migrações no Brasil. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 39, p. 77-90. 2017.

FLEURI, Reinaldo Matias. Educación Intercultural y la epistemología de la complejidad: implicaciones pedagógicas de la educación intercultural. In: Enfoque Social. **Revista de Historia, Política y Sociedad**, Tamaulipas, México, n. 1, enero-junio, p. 67-89. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Sônia Maria de **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GRZYBOWSKI, Cândido. **A invisibilização**. 11/07/2019. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2019/07/11/a-invisibilizacao-por-candido-grzybowski/>. Acesso em: 02 Jul 2023.

INEPDATA. **Censo Educação Básica**: Catálogo de Escolas. 08/01/2021. Disponível em: <<https://inepdata.inep.gov.br>> Acesso em 10 de Jan de 2021.

JOUTARD, F. DESAFIOS À HISTÓRIA ORAL DO SÉCULO XXI. In: FERREIRA, Maneta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. História oral desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p.

HADDAD, Sérgio; SIQUEIRA, Filomena. Analfabetismo entre jovens e adultos no Brasil. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf**, v. 1, n. 2, p. 88-110, jul./dez. 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

KRUGER, N.R.M.; RIBEIRO, C.J. Cidades de porte médio, territórios de conflito e de interesses diversos. **Territorios – Revista de Estudios urbanos y regionales**, v. especial, n.43, p. 1-17, 2020.

LEVEL, B.P.L. **O “nós” e o “outro” nas relações de trabalho de venezuelanos e haitianos em Boa Vista – Roraima**. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras). UFRR. Boa Vista, p.123. 2020.

LOPES, Henrique Sena Guimarães. **Revista Hydra**, v. 1, n. 2, 2016.

LOZANO, J.E.A. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, J.A.M.M. **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.15-25.

MATOS, J.S.; SENNA, A.K. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, v.2, n.1, p. 95-108, 2011.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, Helen Parnes; FERNANDES, Sônia Regina de Souza. Interculturalidade e PLAC: reflexões acerca de educação e cidadania de imigrantes e refugiados. **Revista teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 69, 230 - 242 p, 2022.

MIRANDA, Leila Conceição de Paula, e colaboradores. A trajetória histórica da EJA no Brasil e suas perspectivas na atualidade. Seminário de Iniciação Científica. **Anais dos Eventos do IFNMG**, 2016, Montes Claros.

MUNDURUKU, Daniel. “Posso ser quem você é sem deixar de ser quem eu sou”: uma reflexão sobre o ser indígena. **Culturas indígenas, diversidade e educação**. Rio de Janeiro: Sesc, 2019. p. 40-54.

NASCIMENTO, Maria Leticia; MORAIS, Carolina Grandino Pereira de. Sobre migração internacional, crianças pequenas e educação infantil: algumas questões. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. 43, p. 524-542, jan./jun., 2021.

OIM. **Mecanismo complementar comum para uma reintegração sustentável no Brasil**: Sobre a Organização Internacional para as Migrações, 2019. Disponível em: <<https://reintegracaobrasil.com/sobre-a-oim/>>. Acesso em: 01 fev 2021.

OLIVEIRA, A.T. A Migração Venezuelana no Brasil: crise humanitária, desinformação e os aspectos normativos. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v.13, n.1, p. 219-244, 2019.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. O imigrante na política educacional brasileira: um sujeito ausente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2013655, p. 1-15, 2020.

OLIVEIRA, M.M. **Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea**. São Carlos: Editora Scienza, 2016.

OLIVEIRA, M.M.; DIAS, M.G.S. **Interfaces da mobilidade humana na fronteira amazônica**. Edufr: Boa Vista, 2020. 156 p.

OLIVEIRA, Renata. Venezuela, Estados Unidos e Colômbia: Entre crises diplomáticas e uma forte interdependência econômica. **Revista Andina de Estudios Políticos**. v.3, n.1, p. 17-32. 2013.

OSTETTO, Ana Carolina. Uma vida aquém da sonhada, uma escola aquém da almejada. **Revista Centro de Ciências da Educação**. v.38, n.4, p. 1-8, out./dez. 2020.

PEREIRA NETO, C. Estudo migratório e teoria econômica neoclássica: equívocos e acertos de classificação. **Terra Livre**, v.1, n.52, p. 474-496, 2019.

RAMOS, Natália. Sociedades multiculturais, interculturalidade e educação. Desafios pedagógicos, comunicacionais e políticos. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, ano 41-3, p. 223-244, 2007.

RIBEIRO, J.S.C.; PINHO, M.J.; VIZOLLI, I. A importância da interculturalidade e da perspectiva da complexidade no processo de formação docente. **RECC**, Canoas, v. 25, n. 3, p. 103-112, novembro, 2020.

RODRIGUES, L.M.O.; SOARES, C.F.; MIYAHIRO, E. Imigrantes, escola, território e práticas educacionais. **XVIII ENDIPE Didática e Prática de Ensino no contexto político contemporâneo: cenas da Educação Brasileira**, 2020.

SACRISTÁN, J.G. A construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas. *In*: ALCUDIA, Rosa. **Atenção à diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 13-37.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SAYAD, A. **O retorno**: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, v. 13, n. esp., p. 7-32, jan. 2000.

SASSEN, Saskia. **Expulsões. Brutalidade e complexidade na economia global**. Trad. Angélica Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. 336 p. ISBN 978-85-7753-351-0

SILVA, F.C.A.; SOUSA, E.M. A migração venezuelana e o aumento da pobreza em Roraima. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 14, n. 27, p. 105-119, 2018.

SILVA, R. L., et al. Educação de Jovens e Adultos e acolhimento de imigrantes em Porto Alegre, Brasil: um relato de experiência com oficinas em aula plurilíngue. **Revista Lusófona de Educação**, n. 42, p. 161-170, 2018.

SIMÕES, G.F. **Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil**. Curitiba: CRV, p. 112, 2017.

SOUZA, J.M.P.; SENNA, L.A.G. Desafios para inclusão de imigrantes em escolas de regiões fronteiriças. **Textos e Debates**, Boa Vista, n.30, p. 55-68, jul./dez. 2016.

SILVA, Glauber Paiva da. Noções de identidade de Stuart Hall e o diálogo com o patrimônio cultural imaterial. **30º simpósio nacional de história**. Recife, 2019.

SILVA NETO, Claudio Marques da. **Como minha escola se preparou para receber alunos imigrantes e refugiados**. Disponível em <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2052/blog-de-direcao-as-escolas-brasileiras-estao-preparadas-para-receber-alunos-imigrantes-e-refugiados>>. Acesso em 18 de outubro de 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. *In*: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SUBCOMITÊ FEDERAL PARA RECEPÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E TRIAGEM DOS IMIGRANTES. **Migração venezuelana janeiro 2017 - março 2022**. Disponível em: <<https://brazil.iom.int/pt-br/dados-e-informacoes>>. Acesso em 05 mai. 2022.

SURES. **Uso Político E Mercantilização Da Migração Venezuelana (I)**. Disponível em: <<https://sures.org.ve/uso-politico-mercantilizacion-de-la-migracion-venezolana-i/> 1/5>. Acesso em: 04 mai. 2022.

TONHATI, Tânia. Educação e Imigração: a importância do ensino da Sociologia para imigrantes. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas** V.13 N.1, p. 268 – 278, 2019.

TRENZEL, Giandréa Reuss. A Educação Infantil na Produção dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil: Indicações das Pesquisas para a Educação da Criança de 0 a 3 anos. Dissertação (Mestrado em Educação). UFSC: Florianópolis, 2000.

UNICEF. Combate à xenofobia: a importância do conhecimento sobre a história da formação do Brasil. Unicef, 2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/blog/combate-a-xenofobia>. Acesso em: 02 out 2023.

WALSH, C. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WALSH, C. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL)**, v. 5, n. 1, Jan/Jul, 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-40.

Sem autor: Entre 27 países pesquisados, Brasil é o sétimo em ranking de intolerância. G1.globo, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/04/entre-27-paises-pesquisados-brasil-e-o-setimo-em-ranking-de-intolerancia.html>>. Acesso em: 13 ago 2023.



Ministério da Educação
 Universidade Federal de Roraima
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras



APÊNDICE A

Projeto de dissertação “**Que acolhimento é esse? Migrantes venezuelanos na Escola Estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista - RR**”

Mestrando: **Rosivan Nunes Guimarães**

Roteiro de Entrevista com Estudantes

1. Identificação do/a Participante		
Idade:	Orientação Sexual:	Naturalidade:
Estado onde nasceu		
Município de nascimento:		
Ano do Ensino Médio em que está estudando:		
2. que você entende por acolhimento?		
3. Relate, como ocorre a interação com os alunos migrantes?		
4. Como você encara a inserção do aluno migrante no sistema de ensino educacional do estado?		
5. Que aspectos culturais você conseguiu observar do aluno migrante?		
6. O que você entende por inclusão?		
7. Em quais momentos você consegue visualizar trocas culturais com aluno migrante?		
8. Relate o que poderia ser possível fazer para melhorar as condições de acolhimento do aluno migrante?		



Ministério da Educação
 Universidade Federal de Roraima
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras



APÊNDICE B

Projeto de dissertação “**Que acolhimento é esse? Migrantes venezuelanos na Escola Estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista - RR**”

Mestrando: **Rosivan Nunes Guimarães**

Roteiro de Entrevista com Estudantes

1. Identificación del participante		
Idade:	Orientación sexual:	Naturalidad:
Estado donde nasciste:		
Ciudad de nacimiento:		
Serie que estas estudiando:		
2. ¿Qué entiendes por acogimiento?		
3. ¿Cuáles son las principales dificultades que sientes cuando estás estudiando una materia?		
4. ¿Cómo percibiste la recepción en la escuela?		
5. ¿Habla de cómo te sentiste cuando llegaste a la escuela?		
6. ¿Cómo esperabas ser recibido en la escuela?		
7. ¿Cómo se dan los momentos de interacción en las disciplinas?		
8. ¿Qué experiencias compartes con los estudiantes brasileños?		
9. ¿Qué aspectos o recuerdos podrías relatar de cómo la educación en esta escuela María das Dores en Brasil difiere de la última escuela que estudiaste en Venezuela?		
10. ¿Qué podría mejorar en el sistema educativo estatal desde tu punto de vista?		



Ministério da Educação
 Universidade Federal de Roraima
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras



APÊNDICE C

Projeto de dissertação “**Que acolhimento é esse? Migrantes venezuelanos na Escola Estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista - RR**”

Mestrando: **Rosivan Nunes Guimarães**

Roteiro de Entrevista com coordenador

1. Identificação do/a Participante		
Idade:	Orientação Sexual:	Naturalidade:
Estado onde nasceu:		
Município de nascimento:		
2. que você entende por acolhimento?		
3. Quais as ações a escola preveem para acolher o aluno migrante?		
4. Como é a participação dos pais de alunos migrantes na escola?		
5. Quais desafios a coordenação têm encontrado em relação aos alunos migrantes?		
6. O que poderia ser feito para melhorar em relação a interação de alunos migrantes com a coordenação?		



Ministério da Educação
 Universidade Federal de Roraima
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras



APÊNDICE D

Projeto de dissertação “**Que acolhimento é esse? Migrantes venezuelanos na Escola Estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista - RR**”

Mestrando: **Rosivan Nunes Guimarães**

Roteiro de Entrevista com profissional de educação

1. Identificação do/a Participante		
Idade:	Orientação Sexual:	Naturalidade:
Estado onde nasceu		
Município de nascimento:		
Ano do Ensino Médio em que leciona:		
2. que você entende por acolhimento?		
3. Como você acolhe o aluno migrante em sala de aula?		
4. Quais as ações você desenvolve durante o processo de ensino-aprendizagem junto ao aluno migrante?		
5. Quais as principais dificuldades em lecionar para alunos migrantes?		
6. Relate como ocorre sua interação com aluno migrante?		
7. Na sua avaliação, quais são as barreiras para a construção do processo ensino-aprendizagem para o aluno migrante?		
8. Relate como é a participação dos pais de alunos migrantes na escola?		
9. Como é na sua perspectiva, a relação dos alunos brasileiros com alunos migrantes?		
10. Na sua visão o que poderia melhorar para o atendimento do aluno migrante?		



Ministério da Educação
 Universidade Federal de Roraima
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras



APÊNDICE E

Projeto de dissertação: **Que acolhimento é esse? Migrantes venezuelanos na Escola Estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista - RR**

Mestrando: **Rosivan Nunes Guimarães**

TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO

Está siendo invitado a participar en la investigación “¿Qué acogida es esta? Migrantes venezolanos en la Escuela Estadual Maria das Dores Brasil en Boa Vista - RR” a cargo de los investigadores: Rosivan Nunes Guimarães (estudiante de maestría en PPGSOF/UFRR) y el profesor Dr. Adrián Padilla Fernández (tutor de tesis). Tu participación no es obligatoria y puedes retirarte en cualquier momento de la investigación, sin ningún perjuicio para ti o para los investigadores.

El objetivo general de esta investigación es comprender el proceso de acogida de estudiantes venezolanos en una escuela pública de Boa Vista/RR, a la luz de las implicaciones socioculturales, específicamente estudiar al individuo en el aula y su proceso de enseñanza-aprendizaje. Por ello, te invitamos a participar de esta investigación de forma voluntaria, para que con tu experiencia contribuyas en la producción de conocimiento científico en el área de estudio sobre educación, migraciones e interculturalidad.

Los datos serán recolectados a partir de preguntas abiertas que orientarán la experiencia del estudiante migrante en la comunidad escolar, así como las experiencias de sus padres en relación con los procesos de acogida como también de impresiones, sentimientos y perspectivas respecto a esa acogida, a través de entrevistas semiestructuradas con miembros del equipo directivo del colegio, docentes y estudiantes de nacionalidad brasileña y estudiantes de Venezuela y sus padres. Todos actores que interactúan en la escuela Maria das Dores Brasil de Boa Vista - Roraima, utilizando una grabadora de voz para garantizar la confiabilidad de la información recopilada durante la entrevista.

Esta investigación es muy buena, sin embargo, tiene riesgos. Las preguntas implican respuestas que te pueden recordar hechos relacionados con la convivencia con tus compañeros. Si, en algún momento, sientes que tu privacidad ha sido invadida, o sientes vergüenza por ciertas preguntas

o te sientes con obligación de no responder, tienes asegurado el derecho a interrumpir tu participación en cualquier etapa del proceso, sin causar daño para ti, ni para los investigadores. Los beneficios de esta investigación se basan en la producción de conocimiento sobre interacciones interculturales entre jóvenes estudiantes en un contexto migratorio en una región fronteriza. Los resultados de esta investigación serán incluidos en la elaboración de una Disertación de Maestría que podrá contribuir a la producción de conocimiento interdisciplinario en el área de las ciencias humanas y podrá ampliar los estudios sobre migración en esta área específica de las relaciones e interacciones y procesos interculturales. relacionado con el acogimiento.

Serán incluidos en esta investigación, solo jóvenes estudiantes de secundaria de la escuela Maria das Dores Brasil de Boa Vista, con edades comprendidas entre 14 y 18 años, brasileños y venezolanos, con la debida autorización de sus padres. Tu participación es totalmente libre y gratuita con tuya autorización te aseguramos el total secreto de tus respuestas que serán utilizadas únicamente para los fines de la investigación en cuestión.

Recibirás una copia de este término con el teléfono y dirección institucional del investigador principal y del CEP y podrás aclarar tus dudas sobre el proyecto y tu participación, ahora o en cualquier momento. Tú podrás contactarnos, siempre que sea necesario, a través del número de teléfono de los investigadores responsables: Rosivan Nunes Guimarães (95 99138-7379) y el profesor Dr. Adrián Padilla Fernández (+5551 93017947) en caso de dudas.

Boa Vista, ____ de _____ de 2023.

Investigador Rosivan Nunes Guimarães (Estudiante de maestria - PPGSOF/UFRR)

Investigador Adrián Padilla Fernández (Orientador da pesquisa)

Yo, _____ (nombre completo del participante de la investigación), declaro que entiendo los objetivos, riesgos y beneficios de mi participación en la investigación y acepto participar. _____

Assinatura do Participante da Pesquisa

Dirección de los investigadores: Universidade Federal de Roraima (Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF/UFRR). Av. Cap. Ene Garcez, 2413, Bloco do PPGSOF – Bairro Aeroporto (Campus Paricarana) CEP: 69.310-000 - Boa Vista – RR E-mail: ppgsof@ufrr.br. Tel. 95 981130430.

Dirección del Comité de Ética de la Investigación: Av. Cap. Ene Garcez, 2413, Bairro Aeroporto (Campus do Paricarana) CEP: 69.310-000 - Boa Vista/RR - Bloco 7, sala 737, segundo andar (entrada principal, sobe para o segundo andar, virar à direita, última sala do corredor, à direita). E-mail: coep@ufrr.br.



Ministério da Educação
Universidade Federal de Roraima
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras



APÊNDICE F

PPGSOF **Mestrado em** Sociedade e Fronteiras

Projeto de dissertação: **Que acolhimento é esse? Migrantes venezuelanos na Escola Estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista - RR**

Mestrando: **Rosivan Nunes Guimarães**

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) e seus pais autorizaram a sua participação na pesquisa sobre **“Que acolhimento é esse? Migrantes venezuelanos na Escola Estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista - RR”** sob a responsabilidade dos pesquisadores: Rosivan Nunes Guimarães (estudante de Mestrado do PPGSOF/UFRR) e o professor doutor Adrián Padilla Fernández (Orientador de Dissertação). Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você pode desistir de participar e poderá sair da pesquisa sem nenhum prejuízo para você ou para os pesquisadores.

O objetivo geral é compreender o processo do acolhimento de alunos venezuelanos em uma escola estadual de Boa Vista/RR à luz das implicações socioculturais, no que relaciona o indivíduo na sala de aula e seu processo de ensino-aprendizagem, e dessa forma convida você a participar desta pesquisa de forma voluntária, visando contribuir para o conhecimento científico na área do estudo.

Os dados serão coletados a partir de perguntas abertas que nortearão a experiência do aluno migrante na comunidade escolar com base nos processos relacionados ao acolhimento, desde impressões, sentimentos e perspectivas a respeito do acolhimento, por meio de entrevista semiestruturada aos membros da equipe gestora da escola, professores e alunos de nacionalidade brasileira e alunos oriundos da Venezuela, todos atores que frequentam a escola Maria das Dores Brasil da sede de Boa Vista - Roraima, com a utilização de um gravador de voz, para garantir a fidedignidade das informações coletadas durante a entrevista.

Esta pesquisa é muito maneira, porém, apresenta riscos. As perguntas implicam respostas que fazem você se recordar de fatos relacionados à convivência com seus colegas. Caso você se sinta invadido(a) na sua privacidade, constrangido(a) mediante determinadas perguntas ou

impelido(a) a não responder, está assegurado o seu direito de interromper a sua participação em qualquer etapa do processo sem acarretar prejuízos, nem para você, nem para os pesquisadores. Os benefícios desta pesquisa se pautam na produção do conhecimento sobre as interações interculturais entre jovens estudantes em contexto migratório em uma região de fronteira. Os resultados desta pesquisa constarão na elaboração de uma Dissertação de Mestrado que poderá contribuir com a produção do conhecimento interdisciplinar na área das ciências humanas e poderá ampliar os estudos migratórios nesta área específica das relações e interações interculturais e os processos relacionados ao acolhimento.

Serão incluídos nesta pesquisa somente os jovens estudantes do Ensino Médio da escola Maria das Dores Brasil em Boa Vista com idade entre 14 e 18 anos, brasileiros(as) e venezuelanos(as), com a devida autorização dos pais. A sua participação é inteiramente gratuita e livre mediante a autorização dos seus pais ou responsáveis e lhe asseguramos total sigilo das suas respostas que serão utilizadas tão somente para os fins da pesquisa em questão.

Você receberá uma via deste termo com o telefone e o endereço institucional do pesquisador principal e do CEP e poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Você ou seus pais poderão entrar em contato conosco, sempre que achar necessário, através do telefone dos pesquisadores responsáveis: Rosivan Nunes Guimarães (95 99138-7379) e o professor doutor Adrián Padilla Fernández (+5551 93017947) caso tenha alguma dúvida.

Boa Vista, ____ de _____ de 2023.

Pesquisador Rosivan Nunes Guimarães (estudante de Mestrado - PPGSOF/UFRR)

Pesquisador Adrián Padilla Fernández (Orientador da pesquisa)

Eu, _____ (nome por extenso do participante da pesquisa), declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Endereço dos pesquisadores: Universidade Federal de Roraima (Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF/UFRR). Av. Cap. Ene Garcez, 2413, Bloco do PPGSOF – Bairro Aeroporto (Campus Paricarana) CEP: 69.310-000 - Boa Vista – RR E-mail: ppgsof@ufr.br. Tel. 95 981130430.

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa: Av. Cap. Ene Garcez, 2413, Bairro Aeroporto (Campus do Paricarana) CEP: 69.310-000 - Boa Vista/RR - Bloco 7, sala 737, segundo andar (entrada principal, sobe para o segundo andar, virar à direita, última sala do corredor, à direita). E-mail: coep@ufr.br.

APÊNDICE G



Ministério da Educação
Universidade Federal de Roraima
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras



PPGSOF **Mestrado em**
Sociedade e Fronteiras

Projeto de dissertação “**Que acolhimento é esse? Migrantes venezuelanos na Escola Estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista - RR**”
Mestrando: **Rosivan Nunes Guimarães**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO DO/A MENOR

Eu, (nome completo) _____,
(nacionalidade) _____, (estado civil) _____,
, (profissão) _____, titular da cédula de identidade
RG n° _____ e CPF n° _____,
como representante legal do/a menor abaixo referido, após ler e entender o propósito da
pesquisa abaixo referida, **autorizo expressamente** a participação do/ menor (nome completo)
_____, sob o n° do RG
_____, com data de nascimento em _____ e com
_____ anos de idade, a participar pesquisa sobre “**Que acolhimento é esse? Migrantes venezuelanos na Escola Estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista - RR**” sob a
responsabilidade dos pesquisadores: Rosivan Nunes Guimarães (estudante de Mestrado do PPGSOF/UFRR) e o professor doutor Adrián Padilla Fernández (Orientador de Dissertação).
Entendi O objetivo geral é compreender o processo do acolhimento de discentes venezuelanos em uma escola estadual de Boa Vista/RR à luz das implicações socioculturais, no que relaciona o indivíduo na sala de aula e seu processo de ensino-aprendizagem, convida você a participar desta pesquisa de forma voluntária, visando contribuir para o conhecimento científico na área do estudo.

Os dados serão coletados a partir de perguntas abertas que nortearão a experiência do aluno migrante na comunidade escolar com base nos processos relacionados ao acolhimento, desde

impressões, sentimentos e perspectivas a respeito do acolhimento, por meio de entrevista semiestruturada aos membros da equipe gestora da escola, docentes e discentes de nacionalidade brasileira e discentes oriundos da Venezuela, todos atores que frequentam a escola Maria das Dores Brasil da sede de Boa Vista - Roraima, com a utilização de um gravador de voz, para garantir a fidedignidade das informações coletadas durante a entrevista.

Compreendi os riscos e benefícios dessa pesquisa e sei que poderei entrar em contato com os pesquisadores, sempre que achar necessário, através dos seus telefones, devidamente informados.

A presente autorização é concedida a título gratuito e o presente instrumento particular de autorização é celebrado em caráter definitivo, irrevogável e irretratável, obrigando-se as partes por si e por seus sucessores a qualquer título, a respeitarem integralmente os termos e condições aqui estipuladas.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo a participação do/a menor acima descrito/a sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos e assino a presente autorização.

Boa Vista, ____ de maio de 2023.

Nome e assinatura do Responsável Legal

Endereço dos pesquisadores: Universidade Federal de Roraima (Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF/UFRR). Av. Cap. Ene Garcez, 2413, Bloco do PPGSOF – Bairro Aeroporto (Campus Paricarana) CEP: 69.310-000 - Boa Vista – RR E-mail: ppgsof@ufrr.br. Tel. 95 981130430.

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa: Av. Cap. Ene Garcez, 2413, Bairro Aeroporto (Campus do Paricarana) CEP: 69.310-000 - Boa Vista/RR - Bloco 7, sala 737, segundo andar (entrada principal, sobe para o segundo andar, virar à direita, última sala do corredor, à direita). E-mail: coep@ufrr.br.

APÊNDICE H



Ministério da Educação
 Universidade Federal de Roraima
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras



PPGSOF

**Mestrado em
 Sociedade e Fronteiras**

Projeto de dissertação **“Que acolhimento é esse? Migrantes venezuelanos na Escola Estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista - RR”**
 Mestrando: **Rosivan Nunes Guimarães**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, (nome completo) _____,
 (nacionalidade) _____, (estado civil) _____
 , (profissão) _____, titular da cédula de identidade
 RG n° _____ e CPF n° _____, após
 ler e entender o propósito da pesquisa abaixo referida, **aceito** participar da pesquisa sobre **“Que acolhimento é esse? Migrantes venezuelanos na Escola Estadual Maria das Dores Brasil de Boa Vista - RR”** sob a responsabilidade dos pesquisadores: Rosivan Nunes Guimarães (estudante de Mestrado do PPGSOF/UFRR) e o professor doutor Adrián Padilla Fernández (Orientador de Dissertação).

Entendi o objetivo geral que é compreender o processo do acolhimento de discentes venezuelanos em uma escola estadual de Boa Vista/RR à luz das implicações socioculturais, no que relaciona o indivíduo na sala de aula e seu processo de ensino-aprendizagem, desta forma aceito participar desta pesquisa de forma voluntária, visando contribuir para o conhecimento científico na área do estudo.

Os dados serão coletados a partir de perguntas abertas que nortearão a experiência do aluno migrante na comunidade escolar com base nos processos relacionados ao acolhimento, desde impressões, sentimentos e perspectivas a respeito do acolhimento, por meio de entrevista semiestruturada aos membros da equipe gestora da escola, docentes e discentes de nacionalidade brasileira e discentes oriundos da Venezuela, todos atores que frequentam a

escola Maria das Dores Brasil da sede de Boa Vista - Roraima, com a utilização de um gravador de voz, para garantir a fidedignidade das informações coletadas durante a entrevista.

Compreendi os riscos e benefícios dessa pesquisa e sei que poderei entrar em contato com os pesquisadores, sempre que achar necessário, através dos seus telefones, devidamente informados.

A presente autorização é concedida a título gratuito e o presente instrumento particular de autorização é celebrado em caráter definitivo, irrevogável e irratificável, obrigando-se as partes por si e por seus sucessores a qualquer título, a respeitarem integralmente os termos e condições aqui estipuladas.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que aceito participar sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos e assino a presente autorização.

Boa Vista, ____ de _____ de 2023.

Nome e assinatura

Endereço dos pesquisadores: Universidade Federal de Roraima (Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF/UFRR). Av. Cap. Ene Garcez, 2413, Bloco do PPGSOF – Bairro Aeroporto (Campus Paricarana) CEP: 69.310-000 - Boa Vista – RR E-mail: ppgsof@ufr.br. Tel. 95 981130430.

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa: Av. Cap. Ene Garcez, 2413, Bairro Aeroporto (Campus do Paricarana) CEP: 69.310-000 - Boa Vista/RR - Bloco 7, sala 737, segundo andar (entrada principal, sobe para o segundo andar, virar à direita, última sala do corredor, à direita). E-mail: coep@ufr.br.

ANEXO A



Governo do Estado de Roraima
Secretaria de Estado da Educação e Desporto
"Amazônia: patrimônio dos brasileiros"

OFÍCIO Nº 3049/2023/SEED/GAB

Boa Vista - RR, 09 de maio de 2023.

À Senhora

Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia de Sousa

Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteiras
Universidade Federal de Roraima

Assunto: Ofício 001/2023 - PPGSOF/UFRR (8560975) - Autorização de realização de pesquisa acadêmica.

Senhora Coordenadora,

Ao cumprimentá-la e em atenção à solicitação contida no expediente em epígrafe, informo que esta Secretaria de Estado da Educação e Desporto - SEED está de acordo com a execução da pesquisa intitulada "**Que acolhimento é esse? Migrantes Venezuelanos na Escola Maria das Dores Brasil de Boa Vista-RR**", projeto de dissertação do mestrando **Rosivan Nunes Guimarães**, sob orientação do Prof. Dr. Adrián Padilla Fernadez.

Assim, Secretaria de Estado da Educação e Desporto de Roraima assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados no âmbito da unidade de ensino supramencionada que integra a Rede Pública Estadual de Ensino.

Informo ainda, que embora não se vislumbre óbice quanto a realização da pesquisa, o pesquisador interessado deve efetuar as tratativas pertinentes junto à gestão escolar de cada unidade de ensino, munida de carta de apresentação, para que seja agendada a aplicação dos questionários de forma voluntária e sobretudo, para não comprometer as atividades escolares.

Atenciosamente,

(assinatura eletrônica)

Prof. Raimundo Nonato Carneiro de Mesquita
Secretário de Estado da Educação e Desporto - SEED/RR
Decreto nº. 1142-P de 16 de maio de 2022

Documento assinado eletronicamente por **Raimundo Nonato Carneiro de**

ANEXO B

Carta de Anuência
Autorização para Realização de Pesquisa

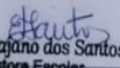
Eu, Elane Trajano dos Santos, gestora da Escola Estadual Maria das Dores Brasil, declaro conhecer o projeto de pesquisa "QUE ACOLHIMENTO É ESSE? MIGRANTES VENEZUELANOS NA ESCOLA ESTADUAL MARIA DAS DORES BRASIL DE BOA VISTA - RR", de responsabilidade do mestrando Rosivan Nunes Guimarães na qualidade de Projeto de Pesquisa de Mestrado apresentado para Exame de Qualificação no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima sob a orientação do professor doutor Adrián Padilla Fernández.

Entendi perfeitamente os objetivos e a metodologia e declaro que estou de acordo com a realização da pesquisa com alunos do Ensino Médio desta escola, bem como a coordenação e os docentes, com aplicação da metodologia qualitativa com técnicas da história oral, no qual serão realizadas algumas perguntas aos participantes, com consentimento prévio, e os menores de idade devidamente autorizados por seus responsáveis. Será utilizado o gravador de voz durante suas participações na pesquisa, mediante autorização dos participantes.

Da mesma forma, o pesquisador receberá desta direção o apoio necessário, assegurando uma sala, ou local seguro que garanta a privacidade e a tranquilidade dos entrevistados da pesquisa no sentido de fortalecer a pesquisa no âmbito escolar em Boa Vista.

Atenciosamente,

Boa Vista, 11 de maio de 2023.


Elane Trajano dos Santos
Gestora Escolar
Esc. Est. Profª Mª das Dores Brasil
Decreto nº 80-F, de 23/07/23

Nome completo da direção da Escola Carimbo da Escola